



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR
NÚCLEO INSTITUTO FEDERAL DO SERTÃO PERNAMBUCANO -
IFSERTÃOPE - CAMPUS PETROLINA ZONA RURAL**

KLÉBIO JOSÉ FEITOSA COELHO

**LANÇANDO O ALUNO PARA A VIDA: A CONTRIBUIÇÃO DO EXISTENCIALISMO
DE SARTRE NA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA DO NOVO ENSINO MÉDIO**

Petrolina-PE
2024

KLÉBIO JOSÉ FEITOSA COELHO

**LANÇANDO O ALUNO PARA A VIDA: A CONTRIBUIÇÃO DO EXISTENCIALISMO
DE SARTRE NA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA DO NOVO ENSINO MÉDIO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Núcleo IFSertãoPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof^o. Dr. Cristiano Dias da Silva

C672 Coelho, Klébio José Feitosa.

Lançando o aluno para a vida: a contribuição do existencialismo de Sartre na disciplina projeto de vida do novo ensino médio. / Klébio José Feitosa Coelho. - Petrolina, 2025.
103 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) -Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Cristiano Dias da Silva.

1. Filosofia. 2. Existencialismo. 3. Ensino Médio. 4. Projeto de Vida. 5. Educação.
I. Título.

CDD 100

KLÉBIO JOSÉ FEITOSA COELHO

LANÇANDO O ALUNO PARA A VIDA: A CONTRIBUIÇÃO DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE NA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA DO NOVO ENSINO MÉDIO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Núcleo IF SertãoPE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovada em: 19/12/2024

Documento assinado digitalmente



KLEBIO JOSE FEITOSA COELHO

Data: 14/01/2025 23:07:32-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aluno: Klébio José Feitosa Coelho

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



CRISTIANO DIAS DA SILVA

Data: 19/12/2024 17:09:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cristiano Dias da Silva (Orientador)
Instituto Federal de Pernambuco (IFSertãoPE)

Documento assinado digitalmente



SEBASTIAO FRANCISCO DE ALMEIDA FILHO

Data: 20/12/2024 06:42:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sebastiao Francisco de Almeida Filho
Instituto Federal de Pernambuco (IFSertãoPE)

Documento assinado digitalmente



RAFAEL LUCAS DE LIMA

Data: 19/12/2024 18:28:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Lucas de Lima (Examinador Interno)
Universidade de Pernambuco (UPE)

Documento assinado digitalmente



ALESSANDRO RODRIGUES PIMENTA

Data: 14/01/2025 06:49:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Pimenta (Examinador Externo)
Universidade Federal de Tocantins (UFT)

Dedico ao deus desconhecido.

“Terça-feira. Nada. Existindo”.
Sartre - A náusea

AGRADECIMENTOS

A Ivonete, minha mãe, por seu cuidado infinito.

Ao meu falecido pai, Cleuton, por ter “saído da roça” para escolarizar os filhos.

À minha esposa, Amanda Brito, pelo companheirismo e motivação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cristiano Dias da Silva, pela amizade e pela orientação sempre assertiva na construção dessa dissertação.

À professora Viviane Barreto, pela correção ortográfica. Função desenvolvida com muito profissionalismo.

Ao professor, Dr. Gabriel Kafure, coordenador do mestrado profissional – IFSertãoPE Zona Rural, por ser sempre solícito quando precisávamos.

Ao Instituto Federal – IFSertãoPE – Zona Rural, pela abertura do mestrado Profissional em filosofia, oportunizando o conhecimento filosófico na região.

Aos colegas de turma, que de alguma forma foram importantes nesse período de formação.

RESUMO

A filosofia como disciplina nas escolas, pode contribuir de forma contundente aos anseios que o Novo Ensino Médio vem exigindo. Ao longo de toda a reflexão sobre a necessidade de tê-la em sala de aula, da necessidade ou não de fazer parte da grade curricular, foi possível experimentar um alívio, quando ela foi novamente incorporada ao currículo do Ensino Médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatória o ensino da disciplina nas três séries do Ensino Médio. Com o Novo Ensino Médio, novas disciplinas foram criadas ao longo dessa nova formulação de carga horária, entre essas novas disciplinas, tem-se *O Projeto de Vida* que se tornou obrigatória em todas as escolas do Brasil. Nessa nova perspectiva de ensino, o aluno será protagonista da sua vida pessoal: como “capaz” de criar sua própria trilha e fazer suas próprias escolhas. O filósofo francês Jean-Paul Sartre e sua abordagem existencialista, mais especificamente em sua obra *O existencialismo é um humanismo*, destaca-se nessa questão. O existencialismo pode ajudá-lo melhor na compreensão das suas possíveis escolhas e, sendo esses, grandes responsáveis por toda sua caminhada. Refletir sobre o papel do existencialismo de Sartre na perspectiva humanista é a grande problemática desse estudo. Deste modo, teremos como objetivos elaborar uma pesquisa que possa fazer uma conexão entre o pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre e a disciplina Projeto de Vida. Como também, refletir sobre o papel do existencialismo de Sartre na perspectiva humanista e fazer uma intervenção em sala com os alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora da cidade de Petrolina-PE. E, em outro momento, descrever as experiências adquiridas. Para alcançar os objetivos propostos, seguiremos os seguintes passos: revisão bibliográfica, pesquisa de campo, avaliação das ações propostas, redação e correção de texto e elaboração.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Existencialismo. Ensino Médio. Projeto de Vida. Educação.

ABSTRACT

Philosophy as a subject in schools can make a significant contribution to the demands of the New High School. Throughout the debate on the need to include it in the classroom, and whether or not it should be part of the curriculum, it was possible to experience relief when it was once again incorporated into the High School curriculum in June 2008, with the enactment of Law No. 11,684. The measure made teaching the subject mandatory in all three grades of High School. With the New High School, new subjects were created throughout this new formulation of workload; among these new subjects is The Life Project, which became mandatory in all schools in Brazil. In this new teaching perspective, the student will be the protagonist of his or her personal life: as “capable” of creating his or her own path and making his or her own choices. The French philosopher Jean-Paul Sartre and his existentialist approach, more specifically in his work Existentialism is a Humanism, stands out in this regard. Existentialism can help you better understand your possible choices, and these choices are largely responsible for your entire journey. Reflecting on the role of Sartre's existentialism from a humanist perspective is the main problem of this study. Thus, our objectives will be to develop a research project that can establish a connection between Jean-Paul Sartre's existentialist thought and the Life Project discipline. We will also reflect on the role of Sartre's existentialism from a humanist perspective and carry out an intervention in the classroom with 3rd year high school students at Colégio Nossa Senhora Auxiliadora in the city of Petrolina-PE. And, at another time, describe the experiences acquired. To achieve the proposed objectives, we will follow the following steps: bibliographic review, field research, evaluation of the proposed actions, writing and text correction, and preparation.

KEYWORDS: Philosophy. Existentialism. High school. Life Project. Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. ORIGENS E FUNDAMENTOS DO EXISTENCIALISMO.....	15
2.1 Contextualização do existencialismo de Jean-Paul Sartre.....	17
2.2 Angústia e Má-fé, uma condição do humanismo existencialista.....	18
2.3 A existência precedendo a essência.....	24
3.4 A noção de “Ser-em-si”, “Ser-para-si” e “Ser para os outros”.....	28
3. PROJETO DE VIDA E EXISTENCIALISMO.....	34
3.1 Projeto de vida: conceitos e fundamentos.....	37
3.2 O sentimento de angústia e a juventude.....	50
4. UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	60
4.1 Aspectos da pesquisa.....	60
4.2 Textos utilizados.....	61
4.3 Dados coletados e reflexões.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
ANEXO 1.....	89
ANEXO 2.....	92
ANEXO 3.....	93
TCLE.....	101
CARTA DE ANUÊNCIA.....	102

1. INTRODUÇÃO

O pensamento pós-moderno com seu intuito de mostrar que o homem não possui um arquétipo, que não nasceu com uma natureza própria e específica, vai se corroborar com a filosofia de Jean-Paul Sartre e será uma característica marcante do século XX. Sartre pode ser considerado o filósofo existencialista que mais se desdobrou para teorizar essa corrente de pensamento. Seu existencialismo tem contribuído bastante na abordagem humanística, pois, de modo geral, tem como principal objetivo fazer com que o homem se perceba no mundo, se coloque no mundo como um ser lançado, e que precisa projetar-se, fazendo escolhas para que entenda o peso da responsabilidade e as consequências destas escolhas. Não é por acaso que ficou conhecido como o “Papa do existencialismo” (Huisman, 2001, p. 123).

Esse lançar-se, coloca o jovem diante de um futuro incerto, Sartre nos alerta sobre isso: “Vejo o futuro. Está ali, pousado na rua, mais próximo um tudo nada que o presente. Que necessidade tem de realizar? Que vantagem é que isso lhe dará?” (Sartre, 2016, p. 49). Antes mesmo de *O Existencialismo é um Humanismo*, obra que trataremos nesse estudo, Sartre já demonstrava sua inquietação com a problemática da existência na obra *A Náusea*. Nas suas palavras, “A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo; mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem dum acesso passageiro: a Náusea sou eu” (Ibidem, p.170).

O indivíduo nauseado está sempre inquieto. Existe sempre um sentimento de incompletude diante da vida e isso perpassará toda sua existência individual. Na perspectiva de Souza (2009), a importância dessa obra se dá justamente pelo fato de mostrar a história mais cotidiana do homem. Uma história que deve aceitar a contingência no lugar da necessidade, a dúvida no lugar da certeza.

Se o futuro é uma incógnita, se a vida é um projeto e não algo predeterminado, vale sempre lembrar que todas escolhas precisam ser bem pensadas, pois para cada escolha existirá um resultado. Refletindo sobre isso, dizia Sartre:

Se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência (Sartre, 2017, p. 20).

Não é dessa forma que a BNCC¹ vê a jornada formativa para os jovens, colocando-os como protagonistas desse processo? O que o existencialismo irá mostrar é que, cada escolha feita nesse processo, terá um peso. O peso da responsabilidade, por exemplo. Com isso, tenta-se mostrar que é possível pensar um projeto de vida para os jovens, tendo como suporte e base a filosofia. Até porque nos manuais atuais da disciplina projeto de vida encontra-se a seguinte ideia:

Você já sabe que o projeto de vida não é só uma coisa para pensar no futuro, mas tem a ver com o sentido que você dá para sua vida, a partir da sua história, do seu jeito de ser, de estar no mundo, de interagir com o outro e das escolhas que você faz para atingir suas metas - hoje e no futuro. E para isso, o autoconhecimento é fundamental! (Pátaro, 2020, p.1).

Para aproximar Projeto de vida e Existencialismo, é preciso filosofar. Uma das questões fundamentais segundo Reale (2003) é: de que modo se qualifica o conceito de existência no interior do existencialismo? O mais necessário aqui é que se deve destacar que a existência é constitutiva do sujeito que filosofa e a especificidade da filosofia é reservada ao homem.

Desde que a filosofia tornou-se obrigatória a partir dos anos 2008² no Ensino Médio, ela vem sofrendo grandes alterações no que se refere à sua metodologia ou à sua aplicação em sala de aula. Quando se pensa no âmbito escolar, a princípio, a filosofia deveria aprofundar e ampliar os conceitos nos jovens, fazendo com que estes fossem estimulados pela leitura e aumentassem seus níveis de compreensão por perceber o que estaria por trás de cada contexto. Não seria esse o papel do ensinar filosofia? A BNCC acentua isso da seguinte forma:

No Ensino Médio, com a incorporação da Filosofia e da Sociologia, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe o aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos. Nessa etapa, como os estudantes e suas experiências como jovens cidadãos representam o foco do aprendizado, deve-se estimular uma leitura de mundo sustentada em uma

¹ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p. 07).

² Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Elas haviam sido banidas do currículo em 1971 e substituídas por educação moral e cívica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 12/09/2022.

visão crítica e contextualizada da realidade, no domínio conceitual e na elaboração e aplicação de interpretações sobre as relações, os processos e as múltiplas dimensões da existência humana (Brasil, 2017, p. 472).

No entanto, diante de uma problemática que envolve a desvalorização filosófica, cabe refletir qual seria a utilidade da filosofia diante de todas as alterações que ela vem sofrendo, inclusive no momento atual, o qual vê-se insistentemente as políticas públicas sendo feitas com desejo de derrubar as áreas humanas.

Parece necessário perguntar se ainda há necessidade ou não da filosofia. Qual seria a importância para a vida humana e ainda precisa dessa disciplina como "obrigatória" no currículo do Novo Ensino Médio? Para essas e tantas outras questões levantadas e, em um mundo marcado pelo cientificismo, precisa-se da filosofia, pontua Rômulo Braga.

Bertrand Russell, eminente filósofo britânico, quando perguntado se a ciência era suficiente para a conclusão de uma boa vida, respondeu de forma afirmativa. Curiosa situação em que um filósofo advoga sobre a não necessidade da filosofia. Isso, em parte, reflete o contexto da época, quando algumas correntes de pensamento argumentavam que a filosofia havia sido superada diante dos avanços da metodologia e dos produtos científicos (Braga, 2020, p. 133).

Dessa forma, a filosofia se distancia da concepção científica que por sua natureza é mais experimental. A atitude filosófica, então, vai se afastar da concepção de que ela tenha que ser algo útil, prático, complicado ou de especialistas. Essa atitude de filosofar é tão importante ser ressaltada que, mesmo em meio à desvalorização da filosofia - e também de todas as áreas humanas - surge a disciplina *Projeto de Vida* que vem com uma proposta de resgatar no ser humano as reflexões essenciais para o seu dinamismo existencial.

O projeto de vida na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas. Ao se orientar para a construção do projeto de vida, a escola que acolhe as juventudes assume o compromisso com a formação integral dos estudantes, uma vez que promove seu desenvolvimento pessoal e social, por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de tomada de decisão ao longo da vida. Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha-o (Brasil, 2017, p. 472).

Esse desenvolvimento pessoal e integral citado acima é justamente a parte essencial desse estudo. O jovem, entendido como protagonista, como sujeito ativo, precisa de um embasamento filosófico. Não é fácil se entender como sujeito ativo de

suas escolhas, e ainda mais, como responsável dessas mesmas escolhas. Cada escolha terá sempre um peso.

Compreendeu-se que, para Sartre, A existência é escolha, como o homem é transcendência, ou a realidade humana eternamente em projeto. Nós não podemos procurar justificações para nos sentirmos “determinados”. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos e nossa liberdade nos obriga a prestar contas (Huisman, 2001, p. 133).

Essa liberdade nos impõe uma concreta autenticidade. Autenticidade, pois, somente no reconhecimento da liberdade, o homem consegue trazer ao tempo o seu ser e, lançar-se sempre em possíveis futuros. Essa liberdade se constitui como a razão da própria existência humana. Antes de nós, as coisas foram dotadas de significados. Fato é, que já nascemos pertencendo a uma nação, família, Estado, mas, mesmo assim esse mundo já existente, não limita nossa liberdade. Não posso me ver como a consciência da liberdade alheia me vê. É minha própria liberdade que confere ao outro seu poder. Mesmo diante de todas essas implicações, a liberdade sempre nos colocará diante de nossas escolhas. Sempre revisará dentro de cada pessoa um ideal de sujeito. Nesse sentido, entende-se que:

Para além da contribuição de Sartre para a compreensão do sujeito, sua abordagem é consonante com seu caráter de intelectual engajado, possibilitando a transformação de contextos sociais por compreender o sujeito não apenas de forma singular, mas como parte de uma coletividade que o transforma e é transformada por ele (Junior, et al, 2016, p. 120).

Desse modo, vê-se que é importante entender as características pessoais de cada sujeito, e a importância do seu projeto pessoal como sujeito que age. Mas por outro lado, é fundamental que essa compreensão de si, sirva como base para sua convivência social. A própria BNCC nos dizia isso quando falava sobre o desenvolvimento pessoal e social. O sujeito com um entendimento de si, deve colocar isso a serviço de si mesmo, mas sobretudo, a serviço da sociedade, a serviço dos outros.

Diante do exposto, teremos como objetivo geral, desenvolver uma pesquisa mostrando a importância da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e a sua contribuição para a disciplina Projeto de Vida do Novo Ensino Médio. E de forma específica, fazer uma conexão entre o pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre e a disciplina Projeto de Vida. Abordaremos também o papel do existencialismo de

Sartre na perspectiva humanista. Problema esse que envolve a descoberta do ser que existe e é projetado a um fim. E por fim, fazer uma intervenção em sala com os alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Nossa Senhora Auxiliadora da cidade de Petrolina Pernambuco, apresentando-os à filosofia existencialista. E em outro momento descrever as experiências adquiridas.

Os passos da dissertação aqui apresentados, serão expostos na seguinte sequência:

1) Revisão bibliográfica - Fazer uma fundamentação teórica consistente para a presente pesquisa, revisando, principalmente, os conceitos de existência e liberdade em Jean-Paul Sartre, mais especificamente nas obras “*O Existencialismo é um Humanismo*”, “*A náusea*”, “*Entre quatro paredes*” e “*O ser e o nada*”. Usaremos os documentos oficiais sobre a disciplina projeto de vida, bem como, os novos manuais didáticos. Dois manuais em específico serão utilizados. *Projeto de Vida*, da editora Saraiva; *Educação para a vida – Projeto de vida* da editora Moderna e *Projeto de Vida* no livro da Unicesumar.

De forma secundária, mas não menos importante, teremos como suporte as compreensões de Denis Huisman, um dos principais comentadores do existencialismo de Sartre. E as abordagens de Thana Souza, Junior, Cezar Augusto, Ardans-Bonifacino e Roso, Adriane. Ambos com artigos importantíssimos sobre a temática existencialista.

2) Redação - Esta fase é destinada para a transcrição dos esforços empreendidos por nós, com a nossa pesquisa, apontando seus resultados e desdobramentos.

3) Correção de texto e Elaboração - Aqui concentraremos nossos esforços para a correção de eventuais desvios, orientados pelo nosso orientador e uma consequente elaboração final do trabalho aqui proposto.

Em caráter expositivo-analítico, segundo nossa proposta metodológica, essa dissertação divide-se em três partes, isto é, em três capítulos, conforme indicado a seguir: 1. Origens e fundamentos do existencialismo 2. Projeto de vida e existencialismo 3. Uma proposta de intervenção.

Como primeira parte, nossa dissertação fará uma revisão bibliográfica dos principais conceitos do existencialismo. Será apresentada a vida de Sartre, do seu

caminho ao Existencialismo e as principais obras que nos ajudarão nessa jornada. Para um ávido leitor do pensamento de Sartre, a palavra existencialismo carrega em si uma leva enorme de significados. E isso se dá graças ao próprio Sartre que nos apresentou muitos conceitos ao longo de várias décadas de dedicação e aprofundamento. Ele nos deixou temas como, “a existência precedendo a essência”, a noção de “ser-para-si” e “ser-em-si”, “O existencialismo é um humanismo”, O “ser para os outros” e a responsabilidade. Nossa proposta é explaná-los.

Uma segunda parte estará concentrada em explicar o que é a disciplina Projeto de Vida e a sua aproximação com a Filosofia Existencialista. Sobre O Projeto de Vida, a BNC fala de protagonismo, de estímulos que devem ter as aulas no Novo Ensino Médio, e isso será como suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas. Nessa segunda parte da dissertação, iremos aproximar essas duas disciplinas, Projeto de Vida e a Filosofia Existencialista. Do ponto de vista teórico, sabemos ser possível. Do ponto de vista prático, teremos que criar meios. Abrir caminhos. E por isso, essa terceira parte é tão importante.

A terceira parte estará inteiramente dedicada a um trabalho de campo junto aos alunos. É sobretudo, uma proposta de intervenção. Vamos nessa terceira parte apresentar aos alunos a Filosofia Existencialista. Traçar um público alvo, que na oportunidade serão os alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio da Escola Nossa Senhora Auxiliadora da rede privada de ensino e fazer das experiências vividas novas propostas de intervenção.

Diante de tudo isso, esta pesquisa se mostra pertinente, por entender que é possível aproximar a filosofia de Sartre com as experiências de vida dos alunos que estão começando a ter seus primeiros questionamentos existenciais. Poderá ser relevante também, pois não existem muitos livros didáticos na área de Projeto de vida com um enfoque existencialista. Apresentam-se mais como livros de autoajuda. Nossa intenção é, então, dar um cunho mais filosófico a essa disciplina. Acreditamos que essa pesquisa servirá de base tanto para os professores como para os alunos.

2. ORIGENS E FUNDAMENTOS DO EXISTENCIALISMO

Desde que o homem é inserido no contexto da Polis, e ele toma consciência dessa inserção, as questões existenciais lhes serão muito caras. Quando pensamos no termo existencialismo, vem logo em mente grandes pensadores e suas obras. Recordamos as contribuições de Kierkegaard – este autor é tido como o idealizador do termo -, de Husserl, Nietzsche, Karl Jaspers, Heidegger, Gabriel Marcel, Sartre, entre outros. Este último é quem vai instituir o existencialismo como corrente de pensamento. Esta instituição se dará por conta de uma conferência feita por ele em que foi cunhada a célebre expressão: “*O existencialismo é um humanismo*”.

Quando lemos esses autores, vemos o ideal existencialista muito bem elaborado, mesmo que não usando a expressão existencialismo, como fará alguns. Mas é importante lembrar que desde a antiguidade clássica, o homem da polis, aqui retomo o argumento anterior, teve essa preocupação com a questão da existência. É sempre repetido o corolário usado por Sócrates, e que se encontrava no pórtico do templo de Apolo, “conhece-te a ti mesmo”. É notório que se trata de uma expressão existencialista.

Ao compreender que a consciência da própria ignorância é o primeiro passo para o conhecimento, Sócrates convida seus interlocutores a olhar para si mesmos, tomando conhecimento não como algo absoluto e acabado, que se adquire de uma vez, mas como um processo de *autoconhecimento* (Melani, 2013, p. 37).

A partir disso, nos vem o seguinte pensamento, o homem consciente de sua racionalidade, está sempre pensando em sua existência? Quando pensamos nos autores citados e o porquê de uma reflexão sobre a existência, o que se vem em mente é o contexto em que foi criada grande parte das ideias existencialistas. Muitos desses autores estavam vivenciando uma Europa totalmente dilacerada por duas guerras:

Assim, se consideramos o tempo de seu nascimento e de seu crescimento, é fácil perceber que o existencialismo expressa e leva à conscientização a situação histórica de uma Europa dilacerada física e moralmente por duas guerras, de uma humanidade europeia que, entre as duas guerras, experimentam e em muitas de suas populações a perda da liberdade (Reali; Antiseri, 2003, p. 593).

As referidas questões, nos remetem à ideia de que o homem é um ser finito, que está no mundo e é continuamente dilacerado por situações problemáticas. E é precisamente pelo homem, o homem com toda sua problemática, que o

existencialismo se interessará. Mas o existencialismo “não é uma doutrina, um sistema, um corpo de teses muito claras todas bem etiquetadas” (Huisman, 2001, p. 09). Ele é mais uma atitude filosófica adotada por certos pensadores num momento histórico particular, que visavam a realidade concreta mais do que uma verdade teórica.

Esse momento histórico particular é justamente o período das duas guerras. A ideia de um “homem” dilacerado será trabalhado frequentemente pelos pensadores existencialistas. Mas como foi dito nos parágrafos anteriores, esses pensadores não estão interessados em formular uma doutrina filosófica, mas em perceber o homem e sua existência, e as mazelas desse homem lançado no mundo. “Minha filosofia é uma filosofia da existência: o existencialismo, não sei o que é” (J. Russ apud Huisman, 2001, p. 07). Mesmo Martin Heidegger que é considerado o principal expoente da filosofia da existência, não cunhava a si mesmo uma “doutrina” existencialista. Para Reale (2003), o homem em Heidegger, é o ente que se propõe a pergunta sobre o sentido do ser. Esse ente, que nós mesmos já somos sempre e que tem, entre as outras possibilidades de ser, a de buscar. Essa ideia de buscar, se perceberá em todos os existencialistas. Serão expressões corriqueiras nas filosofias da existência. Nos faz lembrar o pensador argelino Albert Camus, na sua obra *O estrangeiro*, que retrata um homem angustiado diante das incertezas de uma vida sem sentido e estrangeiro em sua própria existência.

Mas como deve ser entendido o conceito de existência entre os existencialistas? Vejamos o texto a seguir:

A existência, precisamente, não é essência, coisa dada por natureza, realidade predeterminada e não modificável. As coisas e os animais são que são e permanecem o que são. Mas o homem será o que ele decidiu ser. O seu modo de ser, a existência, é um poder-ser e, portanto, é “incerteza, problematidade, risco, decisão, impulso adiante” (Reale; Antiseri 2003, p. 594).

Num primeiro momento, diríamos que o ser humano não é propriamente uma criatura, se não é exemplar de nenhuma classe, se não segue qualquer projeto que lhe seja anterior, em suma, se sua existência precede sua essência, então é preciso admitir que o ser humano não está ligado a nenhum destino em particular. Em *O existencialismo é um humanismo* podemos encontrar essa discussão: “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da

existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz” (Sartre, 2017, p. 19).

Desse modo, o ser humano é o único que pode moldar seu próprio destino. Sua liberdade lhe vem necessariamente, uma vez que é obrigado a escolher o que vai ser, justamente por não haver projeto prévio que diga o que fazer.

2.1 Contextualização do existencialismo de Jean-Paul Sartre

Quando Sartre chegou em Nova York, viu-se rodeado de jornalistas que lhe perguntaram com paixão: “Então? Explique-se em três palavras! O que é exatamente o existencialismo?” E Sartre teria respondido não sem humor: “É o meio de assegurar minha existência!” (Huisman, 2001, p. 07). No Sartre dictionary (dicionário de Sartre) Gary Cox, assim define o termo existencialista:

Aquele que se relaciona com o movimento conhecido como existencialismo. Alguém, Sartre por exemplo, cuja obra ideias contribuíram para o existencialismo. Todo aquele que concorda de maneira ampla com as teorias e a visão do existencialismo ou que procura viver de acordo com seus princípios (cox, 2009, p. 13).

Vendo dessa forma, faz muito sentido a resposta de Sartre dada aos jornalistas. Antes de ser uma doutrina, o existencialismo é acima de tudo uma maneira prática de se encarar a vida: de vê-la de uma maneira totalmente diferente. Sartre não gostava da expressão o “papa do existencialismo”. A contragosto, ele não se via como líder dessa nova religião. Mas é fato, ele viveu metade de sua vida sob as luzes da extrema notoriedade. E que foi constantemente sujeito a injúrias. Nos lembra a seguinte situação István Meszáros, em outubro de 1960, uma manifestação de veteranos de guerra nos campos Elísios marcha sob a palavra de ordem: “fuzilem Sartre” (Meszáros, 1991, p. 10).

Qual a causa de tanta admiração e ao mesmo tempo, de tanta rejeição? Sartre é um filho de seu tempo. E que tempo era esse? Tempo de guerra e de pós-guerra. Ele chegou a afirmar que:

Éramos um monte de existências enfadadas, embaraçadas de nós mesmos, sem a menor razão para estarmos aí, nem uns nem outros; cada existente, confuso, inquieto, sentia-se demais em relação aos outros. (...) e eu fraco, enlanguescido, obscuro, digerindo, movendo mornos pensamentos (Constança; Marly, 2008, p. 10)

A citação acima, mostra o ambiente e o que ele faz com o pensador. Com Sartre não é diferente. Ele absorveu a realidade à qual estava inserido e a colocou em suas reflexões. Ele pontuava: “A palavra absurda nasce agora sob minha pena. (...) e sem nada formular claramente, compreendi que havia encontrado a chave da existência, a chave das minhas náuseas, de minha própria vida” (Constança; Marly, 2008, p. 10-11).

Mesmo concordando que a realidade do pós-guerra pesa sobre as costas do pensador, há de se concordar que Sartre sempre foi um sujeito inquieto com sua própria existência. Ou, com a existência de modo geral. No documentário “Sartre por ele mesmo”, gravado nos 70, vemos um Sartre comentando sobre a desagradável passagem para a vida adulta. Na perspectiva do autor não foi agradável. Na juventude, por exemplo, fazia uso de *Mescalina*³. “Uma coisa é estar com as pessoas, outra coisa é ser um indivíduo, ter responsabilidades sociais que a gente não pediu. É isso que a sociedade burguesa faz, nos deixa alienados” (Dourado, 2017).

Pensamos que essa inquietação era frequente na personalidade de Sartre. Vemos esse mesmo sentimento na obra *Náusea*. Diz o autor: “Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver, todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o quê?” (Sartre, 2016, p. 209).

As pessoas alienadas sempre irão recusar a liberdade, e por quê? Porque a temem. Temem confrontar o vazio de suas existências. Isso acontece, pois têm medo de assumir os riscos e desafios que envolvem a vida. O homem autêntico será justamente aquele que realizará seu próprio projeto, dando assim sentido à sua existência.

2.2 Angústia e Má-fé, uma condição do humanismo existencialista

A expressão *O existencialismo é um humanismo* é parte de uma ideia extraída de uma conferência feita por Sartre em 1945 e depois publicada em 1946. Ele sentiu a necessidade de fazer a conferência para explicar as várias críticas que estavam sendo feitas às suas ideias. Principalmente depois de ter escrito *O ser e o nada*. Logo de início da obra, Sartre elenca essas acusações. De incitar um quietismo

³ Alucinógeno sintetizado a partir do cactus Peiote, natural do México.

desesperado. De negligenciar o lado luminoso da natureza humana. De suprimir os mandamentos de Deus, isso teria consequências desastrosas, pois tudo seria permitido.

Todos os pontos apresentados anteriormente foram rebatidos por Sartre em *O existencialismo é um humanismo*. Mas por que o existencialismo seria um humanismo?

Muitos poderão se admirar com o fato de irmos aqui falar de humanismo. Procuraremos deixar claro em que sentido o entendemos. De qualquer forma, o que podemos dizer desde o princípio é que, por existencialismo, entendemos uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana (Sartre, 2017, p. 16).

Muitos filósofos, vão sustentar que o homem já é dotado de uma natureza: a humana. Essa natureza já estaria presente nele. O que significa que cada homem faria parte de um conceito abrangente e universal. E dessa forma, a essência seria algo que precederia a existência. Se a existência torna a vida possível, isso significaria dizer que ele não pode aceitar nenhum tipo de determinismo. “O homem está de modo algum sujeito ao determinismo; a sua vida não se assemelha à planta, cujo futuro já está ‘escrito’ na semente. O homem é o demiurgo do seu futuro” (Reale; Antiseri, 2003, p. 610). Nas palavras de Sartre, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. E esse seria o primeiro princípio do existencialismo. O homem não é uma “Couve-flor”, afirma o filósofo. Num segundo sentido, e que seria o mais importante dentre todas as ideias existencialistas, temos a ideia de que o homem é pura liberdade, e ao fazer as escolhas, escolhe por ele e por toda a humanidade. Isso terá um peso, pois,

O homem que se engaja e se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será da humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade (Sartre, 2017, p. 21).

Legislar sobre sua vida, sobre a vida de uma humanidade inteira, requer compromisso, requer engajamento. Engajamento porque, a liberdade não pode ser confundida com libertinagem. Se assim fosse, não seria livre a escolha, mas condicionada. O ato livre em Sartre, deve ser totalmente incondicionado. E isso não seria possível sem o compromisso de entender o que é a liberdade. Esse tipo de liberdade tem que ser absoluta e total. Por isso que,

O novo humanismo de Sartre pretende mostrar que é possível uma liberdade para todos, uma liberdade que não seja um “ideal moral”, mas uma estrutura ontológica da própria ação humana. O homem sartreano desenvolve uma incessante atividade no mundo e, no entanto, permanece, de com ele instituir relações duráveis e positivas, saindo de seu doloroso e abstrato isolamento (Góis, 2008, p.65).

Nesse plano ontológico é apresentado ao homem um passado, um presente e futuro. E ele, será protagonista nesta jornada. Por isso é defendido que, para que tal protagonismo aconteça, a concepção de liberdade seja total e absoluta, como dizíamos anteriormente. De tal modo, que Sartre sempre lutará contra qualquer forma de determinismo. Nesse novo humanismo o homem só será livre, na medida em que puder decidir sobre sua própria vida, se puder fazer seu próprio projeto.

O homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo, mesmo que houvesse uma prova incontestável da existência de Deus. Nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, é uma doutrina de ação, e apenas por má-fé é que, confundindo seu próprio desespero com o nosso, os cristãos podem nos chamar de desesperados (Sartre, 2017, p. 44).

Em síntese, o homem, tal como o concebe o existencialismo, se não é definível, é porque inicialmente não é nada. Ele só será, senão, após ter entendido a relação entre liberdade e escolhas. Só será algo se tiver feito em si mesmo a escolha de ser algo. Nesse humanismo existencialista há uma perceptível recusa da ideia de que a natureza humana tenha que ficar evidentemente presa a um humanismo dogmático, ligado a toda categorização dos indivíduos e dos comportamentos.

O tema da angústia é muito pertinente na sociedade atual. Poder dialogar sobre isso é crucial, em si tratando da formação e da própria sociedade. Cremos ser essencial fazer esse estudo de algum modo, de aproximá-lo da formação educacional. Nosso trabalho é entender o papel da angústia na vida dos jovens. Como poderíamos aproximar o ensino da filosofia existencialista em sala de aula, e a abordagem desse tema? Quando lemos Sartre em *o Ser e o Nada* ou mesmo em *A náusea*, vemos o filósofo preocupado em nos dar uma justificativa de onde viria essa angústia. Por esse motivo é crucial os temas por ele abordado, seja sobre a consciência, ou sobre a liberdade, ou ainda sobre a responsabilidade. Justamente por isso, que Sartre nos dirá que a partir do momento dessa tomada de consciência da liberdade, e que esta, inerente a todos os seres humanos, jamais poderemos fugir dessa condição. Essa liberdade fará parte da condição humana. Será inerente a cada ser vivo e do mesmo

modo angustiante. Exige de cada pessoa um entendimento de sua condição no mundo, de sua própria consciência. Ele precisará criar-se cotidianamente. É um permanente transformar-se. Pensando assim, compreendemos que são temas filosóficos importantes para a formação de cada jovem em seu processo formativo.

Sabemos que o conceito de angústia defendido por Sartre, tem uma forte influência do filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813 – 1855) e de sua obra *O conceito de Angústia*.

Em primeiro lugar, o pensador dinamarquês efetua uma reflexão sobre o sentido histórico da angústia reportada ao pecado originário. A angústia pressupõe o pecado hereditário e o explica de modo retroativo. Ainda nesse sentido, a angústia se oferece como progressão do pecado hereditário, tanto objetivamente, em um sentido histórico, como subjetivamente, na inocência individual que antecede a prática de um novo pecado pelo indivíduo. Em segundo lugar, Kierkegaard faz uma reflexão sobre a angústia vivenciada após o cometimento do pecado. Dessa forma, a angústia sobrevém como consequência da ausência de consciência do pecado, pelo sentimento de culpa, mas também como consequência do próprio pecado. Por fim, ainda, Kierkegaard trata da angústia em um sentido construtivo, como aquilo que salva pela fé, ou seja, como aprendizado diante da possibilidade da liberdade (Caprio, 2020, p. 6-7).

É notório no pensamento de Kierkegaard a relação de angústia com o conceito de liberdade, seja na exemplificação do caso da história de Abrão e seu filho, quanto no caso de Adão e Eva. Ambas as situações exigem do homem uma escolha. É uma escolha permanente. Mas em Kierkegaard a angústia é resolvida com o salto da fé. Em Sartre não existe essa possibilidade de salto. A angústia é condição da existência. Ela aparece, quando o homem se percebe senhor de suas escolhas e consequentemente responsável por elas. A angústia não gera inércia. Não torna o indivíduo indiferente em relação a si mesmo e ao mundo, pois, “o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira” (Sartre, 2017, p. 21). O homem não pode eximir-se de sua total responsabilidade para com o mundo. reforçando o que foi dito anteriormente, não é uma angústia que te paralisa diante da vida. Ela deve gerar em cada ser um desejo de ação. De mover-se para si e para os outros.

Essa espécie de angústia, que é a que descreve o existencialismo, veremos que ela se explica, além disso, por uma responsabilidade direta em relação

aos outros homens envolvidos pela escolha. Ela não é uma cortina a nos separar da ação, mas antes faz parte da ação em si (Sartre, 2017, p. 23).

Devemos agir de tal forma que a humanidade olhe para nós e se espelhe para agir de forma semelhante. Sartre nos faz pensar sobre essa questão da seguinte forma: sou homem o suficiente, que tem o direito de agir de tal maneira, que a humanidade se oriente por meus atos? Se não estamos fazendo essa reflexão, de alguma forma estaremos mascarando a angústia. O existencialista costuma declarar que o homem é angústia, despido de qualquer natureza pré-definida. Em Kierkegaard há a necessidade de o homem voltar-se para o transcendente. Como uma espécie de resposta à sua angústia. Em Sartre não é possível isso. Ele sente em seu interior que é livre, não responde a ninguém a não ser a si mesmo. Ele se vê condenado a assumir essa condição de liberdade. A angústia toma lugar quando o homem se vê condenado a assumir a responsabilidade da sua liberdade. Não podendo escapar dessa condição, angustia-se. “A angústia no que se refere à existência humana, é parte também da condição efêmera do homem, pois este vem ao mundo com prazo de validade” (Larissa; Wayne, 2020, p. 13). Isso leva a perceber que existe uma relação da nossa existência-consciência, a condição do devir. Ele terá, a partir dessa condição que aguentar o peso do mundo em suas costas. Sem que nada, seja transcendente ou imanente, que lhe possa auxiliar nessa jornada tornando leve esse fardo. O homem não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. Sartre irá dizer que,

Obviamente, muitas pessoas não se mostram ansiosas; mas nossa opinião é que elas mascaram sua angústia e evitam encará-la; certamente, muitas pessoas acreditam que, ao agir, estão comprometendo apenas a si próprias e se lhes dizemos: "Mas, e se todo mundo agisse assim?", elas dão de ombros e respondem: "Nem todos agem assim". Mas, na verdade, a pergunta que sempre deve ser feita é: "O que aconteceria se todos agissem do mesmo modo?" E não se tem como escapar desse pensamento inquietante sem uma espécie de má-fé. Aquele que mente e se escusa dizendo que nem todo mundo age assim é alguém que não está bem à vontade com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo mascarada, a angústia se manifesta (Sartre, 2017, p. 21-22).

Aqui aparece para nós a questão da *Má-Fé*. Sartre está dizendo que se afastar de inquietação da angústia é mascarar essa condição inevitável da existência. Nosso filósofo irá dedicar o capítulo dois de *O ser o Nada*, para falar da má-fé. Nesta obra,

ele chega a igualar a má-fé à mentira, mas não a mentira quando estamos equivocados sobre algo. É a mentira consciente. É a mentira consciente sobre nós mesmos. Sobre a nossa existência. Em o Ser e Nada, ele diz:

Não pode se dar o mesmo no caso da má-fé, se esta, como dissemos, é mentir a si mesmo. Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdadeira um erro agradável. a má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da verdade de mim mesmo (Sartre, 2009, p. 94).

Por que o homem mente? Porque ele tem medo da sua condição de existência. Tem medo de assumir a responsabilidade de suas escolhas, aliás, ele tem medo de fazer uma escolha individual. Tem medo de negar o transcendente. Medo de sentir-se desamparado. Esse desamparo vem justamente da negação de Deus. Livrar-se dos condicionamentos transcendentais. Seja de uma essência preestabelecida ou de alguma normatividade divina. Se ele é condicionado por todos esses medos, será um sujeito inautêntico e sempre se esquivará de sua responsabilidade. Pessoas inautênticas são incapazes de assumir a responsabilidade de suas escolhas. Sempre as evitam. E elas de alguma forma, estão ligadas a alguma situação presente ou passada. Recusam-se a admitir essa liberdade incondicionada e quase ilimitada e suas possíveis implicações. Allouche (2019), os chamará de “frouxos e asquerosos”. O homem autêntico nunca fugirá da sua responsabilidade. Caso fuja, estará agindo de má-fé. Como é uma escolha consciente, a condição de liberdade, a condição de má-fé também o é, pois, “não se sofre má-fé, não nos infectamos com ela, não se trata de um estado. A consciência se afeta a si mesma de má-fé” (Sartre, 2009, p. 94).

Sartre em sua vasta literatura, nos dará um retrato do que seria o sujeito que age de má-fé. Consideremos a seguinte passagem.

Vejamos esse garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais, e se inclina com presteza algo excessivo. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autômato, segurando a bandeja com uma espécie de temeridade de funâmbulo, mantendo-a em equilíbrio perpetuamente instável, perpetuamente interrompido, perpetuamente restabelecido por ligeiro movimento do braço e da mão. Toda sua conduta parece uma brincadeira. Empenha-se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos, e ele assume a presteza e rapidez inexorável das coisas. Brinca e se diverte. Mas brinca de quê? Não é preciso muito para descobrir: brinca de ser garçom (Sartre, 2009, p. 105-106).

Nesse relato, vemos um sujeito que tenta fugir da sua própria condição de ser. Ele evita a condição de dizer que não gosta de ser garçom. A má-fé seria uma certa atitude de criar conceitos em nós mesmos, às vezes contraditório, para mascarar aqui que desejamos ser. Isso acontece, de modo geral, porque, é natural no ser humano criar dentro si uma vontade de fazer ser o que é. O garçom recusa sua própria existência. E, para não recair em má-fé, Sartre dirá que é preciso sinceridade, que de alguma maneira, “que eu seja, e não seja o que sou” (SARTRE, 2009, p. 113). Existe um diálogo muito curioso na obra *A idade da Razão* de Sartre que ilustra a situação do sujeito e sua consciência.

Eu sei – atalhou Marcelle -, não é um fim, é um meio. É para se libertar a si próprio; olhar-se, julgar-se: sua atitude predileta. Quando você se olha, imagina que não é o que está olhando, que você não é nada. No fundo, é seu ideal: não ser nada” (Sartre, 2021, p. 21).

É a mesma tomada de consciência. Nessa mesma obra Sartre irá dizer que ser livre, totalmente livre, é um vício. Muitas pessoas passam pela vida e não percebem essa liberdade. Por que devemos aceitar o fardo da liberdade? Não seria mais fácil agir de forma inautêntica e fugir das nossas responsabilidades? A questão é que não é possível escapar de si mesmo. A atitude de se olhar, mexe com nossa consciência. Não poderíamos negar o que somos. A menos que mintamos para nós mesmos em sua consciência.

Pela má-fé tentamos nos convencer, nossa consciência tenta se convencer, de que somos o que não somos ou de que não somos o que somos. É uma atitude que criamos de forma enganosa, de forma culposa. Se não tivéssemos culpa, não saberíamos estar em má-fé. Sabendo, estamos só enganando os outros. É o caso da mentira, abordado anteriormente.

2.3 A existência precedendo a essência.

Em se tratando do pensamento de Sartre, o que podemos extrair de sua vasta literatura? O existencialismo desse autor forjou uma das expressões mais conhecidas do vocabulário filosófico: “A existência precede a essência”. O que isso significa? Para Sartre, a existência humana se confunde com a liberdade. Aqui aparece outra

expressão que dará sentido a outra citação: “Estou condenado a ser livre”. Essa liberdade é total, sem limite, sem condicionamentos. Paulo Perdigão nos dirá:

Se a liberdade é o fundamento do para-si, isso quer dizer que nenhuma razão motivadora pode determinar o seu ser. O para-si, ao nascer, não é definido de antemão por uma essência pré-existente. Segundo o pensamento religioso, tal essência seria prefixada por Deus, que a produziria segundo um conceito prévio (Perdigão, 1995, p. 90).

Se o homem tem uma essência predeterminada, não haveria liberdade possível, porque o homem estaria de uma vez para sempre dotado de um sentido, antes mesmo de viver sua vida. Compreende-se que para Sartre a existência é escolha. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos e nossa liberdade nos obriga a prestar contas. Prestar conta a todos. A liberdade nos impõe uma conduta autêntica e nos põe, permanentemente, perante nossas próprias escolhas:

O existencialismo tem tudo a ver com liberdade e escolha pessoal. Tem tudo a ver com encarar a realidade de maneira corajosa e honesta, vendo as coisas tal como elas são. Tem a ver também com ressaltar palavras como escolha. No entanto, tornar-se existencialista demanda certo esforço. A maior dificuldade está em sustentar, sem fraquejar, o que os existencialistas chamam de autenticidade (Cox, 2009, p. 09).

As palavras de Cox nos fazem pensar o quanto é rico de conceito a filosofia sartreana. Quando se pensa numa disciplina como Projeto de Vida, vê-se que a temática existencialista pode abarcar bastante a divisão de conteúdo dessa nova disciplina. Um exemplo disso, é encarar a realidade de maneira corajosa, como vimos na citação anterior. Essa autenticidade só será possível em um sujeito que já entendeu o quanto tem um peso sua existência e sua liberdade.

Aderir a uma visão determinista da existência é, assim, sentir-se condenado à fatalidade em razão do seu sexo, de suas origens ou de sua infância. Mas, uma visão assim repousa sobre uma verdade ou sobre uma ilusão? Uma coisa é certa: questionarmo-nos sobre a pressão externa a que somos submetidos, identificar aquilo que nos aliena, pôr em evidência as diferentes formas de determinismo a que estamos sujeitos é dar a nós mesmos uma chance de nos desvencilharmos e nos libertarmos dele (Allouche, 2019, p. 15).

A autenticidade que Cox falava na citação anterior e desvencilhamento proposto por Allouche, parecem coisas inalcançáveis. Quando o mundo nos é “apresentado”, ele vem carregado de determinismo. E de alguma maneira ele nos

aprisiona. O meio social, a família, a religião. Todos, de alguma forma, são condicionantes na existência humana. Quando aceitamos isso, quando não questionamos, estamos assumindo essa postura determinista. Quando dizemos que são características anteriores a nós e não temos como lutar contra isso. É por causa disso que no existencialismo a condição primordial da ação é a liberdade.

Com efeito, sou um existente que aprende sua liberdade através de seus atos; mas sou também um existente cuja existência individual e única se temporaliza como liberdade. Como tal, sou necessariamente consciência (de) liberdade, posto que nada existe na consciência a não ser como consciência não ética de existir. Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser; e, como meu ser está em questão o meu ser, devo necessariamente possuir certa compreensão da liberdade (Sartre, 2009, p. 543).

Há uma nadificação no conceito de liberdade e da própria realidade humana em relação ao mundo. Aprendemos que em para Sartre, o ser Para-si, é nadificar o Ser-em-si. A liberdade não poderia ser outra coisa, senão, a nadificação. Refletíamos anteriormente que, o ser humano antes de começar a sua existência, ele não é nada. Só será à medida que irá vivendo, inserindo-se aos meios sociais, e criando sua própria história. A sua essência será fruto de um longo trabalho sobre si mesmo. Nem mesmo Deus, que é um pressuposto de fundo, Segundo Góis (2009, p. 67), servirá de auxílio para ele. O homem está abandonado.

Estando abandonado, precisará de regras. Deste modo, quando o conceito de Deus é abordado no pensamento de Sartre, de imediato aparecem as questões morais. Houve, de acordo com Tomaso Paris (2018-2019), uma publicação póstuma em 1983, intitulada “Quaderni per una morale”⁴. O autor completa:

Ao abandonar qualquer instância de ordem divina, abstrata ou metafísica e mostrando-nos a angustiante necessidade, aproxima-se cada vez mais de uma hierarquia de valores que incorpora e compartilha ideias com o pensamento existencialista francês da época. Mergulhando-nos na evolução de uma autêntica moral existencialista, diferente por ser fortemente situada e concreta, Sartre representará a dimensão de uma conversão real, caracterizada por um movimento triádico que, através do momento do salto, do amor fati e

⁴ “Cadernos para uma moral” (tradução nossa).

de uma abertura, permitirá ao homem chegar à tão almejada dimensão da autenticidade” (Tradução Nossa)⁵.

A moral em Sartre é situada no real. Na sua própria existência finita e angustiante. O que percebemos de imediato, é que não é possível ser autêntico se não aceitarmos a condição de liberdade. Não teremos mais as amarras da moralidade religiosa-divina. O homem é seu próprio projeto e liberdade. A moral de sartreana tira do alto a responsabilidade e coloca nas mãos de cada homem o peso da existência. Desse modo, mesmo o seu passado, que já é fechado em si mesmo, poderá tomar novos rumos e direcioná-lo para um novo caminho. É um processo de elaboração de si mesmo. Por esse motivo, frisamos a importância do existencialismo para a formação do jovem. Uma educação baseada nas ideias existencialistas dará ao estudante um rumo em direção à descoberta de si mesmo.

Nesse processo de elaboração de si mesmo, somente a morte poderá interrompê-lo. Falaremos em outro momento sobre a morte. Pois será ela a dar esse caráter de finitude à existência. Mas é por causa dela que o homem se abrirá a “novos sentidos” em sua existência. “O homem é fundamente desejo de ser” (Sartre, 2009, p. 692). De fato, a morte, assumirá o caráter de limitadora, mas enquanto estivermos vivos, não haverá destino. Isso é fundamental dentro do existencialismo, pois o homem, nesse sentido, se diferenciará das coisas ao seu redor. Enquanto as coisas estão fechadas em seus conceitos, o homem abrirá diante de si um vasto caminho de possibilidades. O homem autêntico, ou melhor, o jovem autêntico, deverá sempre projetar algo para frente. Mas ser um construtor de si mesmo é um processo árduo. Teremos que lidar com a existência, em nossa mais pura liberdade. Deveremos lidar com a morte e a sua existência inevitável. Eis a problemática da liberdade que gera angústia. A angústia é própria percepção do nada.

O nada, o não-ser, aparece sempre que interrogamos sobre o ser, porque as respostas revelam-se juízos negativos, alguma limitação ou parte do não-ser. A interrogação nos mostra que nos encontramos rodeados de negações

⁵ Abbandonando qualsivoglia istanza di ordine divino, astratto o metafisico e mostrandone l'angosciante necessità, si avvicina sempre di più a una gerarchia valoriale che incorpora e condivide idee con il pensiero esistenzialista francese dell'epoca. Immergendoci nell'evoluzione di un'autentica morale esistenzialista, contraddistinta dall'essere fortemente situata e concreta, Sartre rappresenterà la dimensione di una vera e propria conversione, caratterizzata da un movimento triadico che, attraverso il momento del salto, dell'amor fati e di un'apertura, consentirà all'uomo di approdare nella tanto ricercata dimensione dell'autenticità (Tomaso Paris, 2018-2019, p.5).

(nadas). E a possibilidade permanente do não-ser, fora de nós mesmos e em nós mesmos, que condiciona nossas questões sobre o ser. O que quer que o ser seja deve surgir necessariamente sobre o fundo do que não é. É a negação, como estrutura do juízo negativo, onde se encontra a origem do nada ou, pelo contrário, é o nada, como estrutura do real, a origem e o fundamento da negação? Sartre opta pela segunda; as famosas negações somente fazem descobrir os cortes do não-ser no seio do ser, pois do ser não se derivará nunca a negação. A condição necessária para que seja possível dizer "não" é que o não-ser seja presença perpétua, em nós mesmos e fora de nós mesmos, e que o nada seja interior ao ser (Góis, 2008, p.72-73).

Se a existência precede a essência, é pelo ser que o nada vem ao mundo. Góis (2008), dirá que é pela existência humana na sua vontade de segregare o nada que existirá a liberdade. A liberdade pertence à existência do ser humano. É condição indispensável para a tomada de consciência que ele deve atingir. Sartre justapõe a noção de liberdade e angústia. Como dizíamos anteriormente, é na angústia que o homem toma consciência da sua liberdade. Por esse motivo, achamos ser importante esboçar o conceito de angústia e a sua relação com a má-fé.

2.4 A noção de “Ser-em-si”, “Ser-para-si” e “Ser para os outros”

Existir para Sartre é ter consciência dessa existência. Sem a consciência não existiria uma existência. É na consciência que percebemos os processos de transformação do mundo, da decadência, destruição, de um passado e de um futuro. Como diz Sartre (2009), em *O ser e o nada*, que toda consciência é consciência de alguma coisa. A questão da consciência nos faz pensar sobre a condição humana. Cada pessoa nesse mundo sabe o quanto é difícil viver. Por isso estamos sempre insatisfeitos. Sentimos que estamos sempre querendo alguma coisa. Do ponto de vista existencialista é imprescindível ajustar o que desejamos com nós mesmos, ou seja, com nosso ser. Por isso que Sartre faz da sua ontologia, um estudo sobre o que é o *ser-em-si* e o *ser-para-si*. Podemos dizer, antes de tudo, que o *Ser-em-si*, existe independente do *Não-ser* e que ele é o que é. Sartre diz:

O em si não tem segredo: é maciço. Em certo sentido, podemos designá-lo como síntese. Mas a mais indissolúvel de todas: síntese de si consigo mesmo. Resulta, evidentemente, que o ser está isolado em seu ser e não mantém relação alguma com o que não é (Sartre, 2009, p. 39).

Sartre irá dizer que o Ser-em-si jamais é impossível ou possível, simplesmente é. E isso será expresso pela consciência. Perdigão (1995), irá nos lembrar da influência de Husserl, quando este desenvolveu o conceito de *intencionalidade*, e como essa ideia foi relevante na ideia que Sartre teve sobre a consciência. Perdigão diz: “A consciência é esse deslizamento, esse partir em direção às coisas, essa relação com o objeto (real ou imaginário)” (p. 46). O que entendemos, diante de tudo isso, é que o ser é. Como disse Sartre (2009), “o ser é. O ser é em si. O ser é o que é” (p. 37). O Ser-em-si nesse sentido, seria incriado. Ele não deriva de nenhuma outra subjetividade. Nem mesmo da vontade de Deus. “Como se supunha que Deus dera o ser ao mundo, o ser parecia sempre afetado por certa passividade” (Ibidem, 2009, p. 37). Esse ser é plena positividade, pois, não deriva de outro ser para lhe dar características. Esses atributos são propriedades do *Para-si*.

O *Para-si*, pertence a outra região do ser. É nessa região que Sartre entra propriamente na temática da consciência. Segundo ele, o Para-si é uma consciência que aparece a si mesmo. Essa consciência é pura ação. É sempre um projetar-se para algo. Por isso dizíamos anteriormente que a consciência é sempre direcionada a algo. Mas a consciência está separada do mundo. E isso demonstra duas oposições ontológicas. É uma separação entre sujeito e objeto.

Se quisermos a qualquer preço, que o ser do fenômeno dependa da consciência, será preciso que o objeto se distinga da consciência, não pela presença, mas por sua ausência, não pela sua plenitude, mas pelo seu nada (Sartre, 2009, p. 33).

Entendemos que se a consciência não é o ser, ela só pode ser o nada. Não é um nada do ser. É um nada de determinações. Ou seja, a consciência é um não ser. E ao mesmo tempo ela se dirige para uma busca do ser. Ao contrário do Ser-em-si, que já é, o Não-ser tem que atingir por si mesmo. O ser-para-si é consciência lançada no mundo. Mas de alguma maneira ela deve interagir com o ser em si. Em seu *Esboço para uma teoria das emoções*, Sartre (2014), explica essa consciência lançada no mundo, quando diz: “A consciência se transcende, por essência; é-lhe impossível, portanto, retirar-se nela para duvidar que está fora, no objeto. Ela não se conhece senão no mundo” (p. 78).

Essa ontologia sartreana da relação sujeito-objeto, irá nos fazer pensar sobre duas coisas, a primeira diz respeito à sua dialética, e a segunda, a uma descoberta

que fará parte de toda sua temática, a descoberta do *Outro*. A abordagem do outro na filosofia existencialista é exclusiva. Dificilmente se vê esse tipo de preocupação em outros períodos da história. Podemos pensar no outro social, na sua coletividade. No outro como parte de uma existência transcendental. Ou como aquele ser independente. Exclusivo em sua individualidade. No existencialismo de Sartre, o outro é a garantia de nossa própria consciência. Mas voltemos à dialética. Sartre diz: “Os trânsitos, os vir-a-ser, tudo que permite dizer que o ser não é ainda o que será e já é o que não é, tudo é negado por princípio” (Sartre, 2009, p. 39).

Tanto o Ser-em-si, como o Ser-para-si, fazem parte desse processo dialético. A consciência de si e a consciência do Não-ser têm que chegar a um fim. Ambas as consciências fariam parte de uma consciência em nível ontológico. Essa descoberta terá um preço. A autodeterminação feita pela imposição da liberdade.

Finalmente, a descoberta do outro. Sabemos que o homem não vive sozinho no mundo. Ele tem que interagir com outras consciências. Nesse sentido, vai nascer outra expressão, que é consequência das outras apresentadas, o *Ser-para-outro*.

A expressão Ser-para-outro parece estranho em um primeiro momento. Não nos referimos às pessoas como sendo “outros”. Talvez na literatura musical ser mais fácil. Como na música de Leoni, “os outros são os outros e só”. Ou quando encontramos várias pessoas e nos referimos a elas de maneira indiferente. “tinha outro homem do meu lado”. Mas o *Outro* na perspectiva existencialista é muito mais que isso. O outro é alguém que me vê, que me julga, que tem opiniões sobre mim. Essa mesma ideia será observada na obra *Entre quatro paredes*. Temos o seguinte diálogo:

Eu entendo que a minha presença a aborrece. E, da minha parte, preferiria ficar sozinho: tenho que botar minha vida em ordem e preciso de sossego. Mas tenho certeza de que a gente pode se acertar: eu não falo nada, não me movo e faço pouco barulho. Apenas, se me permite uma sugestão, a gente podia manter uma extrema polidez um com o outro. Será a nossa melhor defesa (Sartre, 2022, p. 49).

Nessa obra, fica clara a discussão sobre o que significa a existência do outro diante de mim. Sartre, em *entre quatro paredes*, deixa bem evidenciado que O *outro* é o polo desestabilizador do grupo. O outro cria divergências, e isso deixa evidente sua existência diante de mim. Talvez por isso que o outro seja o “inferno”. Não no sentido transcendental religioso dessa questão. Mas no sentido existencial real que

isso abarca. Inferno porque me faz ver o que sou. E é justamente a outra existência consciente que me coloca em meu lugar. O outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo. O outro é consequência do Ser-em-si e da descoberta do Para-si.

Nessa dialética, o outro é consequência fenomenológica de uma realidade ontológica. O outro se apresenta como fenômeno porque será entendido como objeto. Objeto consciente que analisa outro objeto consciente. “Cada homem existe no mundo com outros homens. Há uma multiplicidade de consciências como necessidade de fato” (Perdigão, 1995, p. 136). Não podemos imaginar uma consciência sozinha. Ela está sempre na direção do outro. E o outro em direção nós. É o que Perdigão (1995), citando Husserl, vai chamar de intersubjetividade e que o mundo seria constituído de várias subjetividades.

Como temos certeza da existência do outro? É muito comum se pensar que se o vejo, Ele existe. Por conta de uma experiência que tenho dele, garanto-lhe a existência. É a base da epistemologia clássica que vai sustentar o conhecimento na relação do sujeito com o objeto. Desse modo, o sujeito perceberia o objeto, que nesse caso é o outro, por sua palpabilidade, trejeitos, cor dos olhos, e assim por diante. Mas a certeza do outro tem que ir além disso.

Reconheço o outro como consciência, como sujeito, como Para-si igual a mim, portador do mesmo poder de nadaificação e da mesma intencionalidade, a agrupar as coisas à sua volta e, através do “circuito de ipseidade⁶”, a fazer do mundo o lugar dos seus projetos (Perdigão, 1995, p. 137).

A ipseidade, segundo Donizetti (2011), é como movimento em direção a algo que ele não é e almeja ser, tudo isso orquestrado pelo projeto irrealizável de ser-em-si-para-si. Por isso que para Sartre, o mundo será sempre nosso por natureza. É ele será sempre um obstáculo e ao mesmo tempo um reencontro com aquilo que sou, mas sob a forma de “ter-de-sê-lo”. Sartre (2009, p. 157), diz: “sem o mundo não há ipseidade nem pessoa; sem a ipseidade, sem a pessoa, não há mundo”

Essa relação entre mundo-pessoa, pessoa-pessoa, é mesmo intrigante. Imaginemos por algum momento, por uma escolha pessoal, desejássemos ser um

⁶ Nas palavras de Sartre, “a ipseidade representa um grau de nadaificação mais avançado que a pura presença a si do cogito pré-reflexivo, no sentido de que o possível que sou não é pura presença ao Para-si, como reflexo-refletidor, e sim presença ausente” (Sartre, 2009, p. 156).

eremita em algum deserto, distante da cidade e todas as outras pessoas. ainda assim não conseguiríamos viver sem o outro. E onde? Em nossa mente. O outro ainda me incomodaria com sua existência. O outro existirá em minha mente. E dependendo dos motivos que te fizeram isolar-se, se por uma questão de crescimento espiritual, ou por penitência-punição de algum passado sombrio, essas reflexões mentais terão um peso grandíssimo.

Claro, estamos falando do sujeito e sua consciência. E isso nos faria perguntar, como a consciência particular evidencia o outro diante de mim? Sartre irá dizer que a *outra* consciência funcionará como um catalisador. “o outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo” (Sartre, 2009, p. 290). Na relação com outro experimentamos constrangimento, humilhação, vergonha. Essas são expressões que encontramos em todas as pessoas. Sartre deixa isso bem nítido na obra *Entre quatro paredes* quando mostra a condição de três pessoas, Garcin, Inês e Estelle, que terão que conviver eternamente na presença um do outro. “Você não gostaria que eu fosse seu espelho?” (Sartre, 2022, p. 75). Mas diante de todas essas questões que envolvem a condição da consciência, a *vergonha* irá ganhar um destaque significativo. Sartre irá chamá-la de a prática religiosa da vergonha⁷.

A vergonha é para a consciência, e uma pessoa está envergonhada até onde está consciente da vergonha. Contudo, apesar da vergonha ser uma estrutura do si, uma pessoa não a constrói para si e consigo mesmo. A vergonha requer uma apreensão direta da outra pessoa (o outro) como um ser que me vê. (Cox, 2006, p. 64).

Sartre irá dizer que a vergonha realizará uma relação íntima de mim, comigo mesmo. Pela vergonha se descobrirá um aspecto do ser. Em *O ser e o nada*, ele diz que, ainda que apareçam formas complexas e derivadas da vergonha possam aparecer no plano reflexivo, “a vergonha não é originariamente um fenômeno da reflexão” (Sartre, 2009, p. 289). Quando faço alguma coisa que para os outros parece vulgar. Eu o faço, mas não o julgo e o vivencio dentro mim. Mesmo não fazendo nenhum sentido. Não o julgo do ponto de vista da moralidade. Mas, de imediato, levanto a cabeça e me vejo diante de outras pessoas. “Alguém estava ali e me viu”. Por isso, que a vergonha não é reflexiva, pois o outro funcionará como minha consciência. *Entre quatro paredes*, Sartre irá nos mostrar isso no seguinte diálogo.

⁷ É o que Cox vai chamar de uma forma diretiva da vergonha. É sentir-se envergonhado perante Deus ou perante o olhar que tudo vê de uma avó já falecida, de alguma entidade superior. A vergonha estaria sempre relacionada a outra pessoa.

“Estelle: ‘eu passei direito o batom?’ Inês: ‘deixa ver. Não muito bem. Estelle: ‘eu desconfiava. Ainda bem que (dá uma olhada para Garcin) ninguém me viu. Vou me retocar” (2022, p. 77).

Vimos no ponto sobre o Para-si, que temos duas possibilidades de interpretar o si. Na primeira, ele é visto como objeto, porque assim o somos na perspectiva de outra consciência que me vê. E justamente pela posição de existência do outro, que se fará sobressair as molduras do idealismo e recair em um realismo metafísico. Na sua obra *A imaginação*, que foi escrita antes de toda a estruturação existencialista de *O ser o nada*, ou mesmo de, *O existencialismo é um humanismo*, encontramos Sartre já dando as bases para aquilo que será o seu grande sistema filosófico. Referindo-se ao outro como objeto, ou às coisas como pessoas, no que ele vai chamar de “metafísica ingênua da imagem”, assim ele frisa:

Olho esta folha em branco, colocada sobre minha mesa; percebo sua forma, sua cor, sua posição. Essas diferentes qualidades têm características comuns: Em primeiro lugar, elas se oferecem ao meu olhar como existências que posso apenas constatar e cujo ser não depende de modo algum do meu capricho. Elas são *para mim*, não sou *eu*. Mas elas tão poucos são *outrem*, isto é, não dependem de nenhuma espontaneidade, nem da minha, nem dá de uma outra consciência. Estão presentes e inertes ao mesmo tempo. Essa inércia do conteúdo sensível, tão frequentemente descrita, é a existência em *si*. De nada serve discutir se essa folha se reduz a um conjunto de representações ou se ela é e deve ser *algo mais*. O certo é que o branco que constato não é minha espontaneidade que pode produzi-lo. Essa forma inerte, que está aquém de todas as espontaneidades conscientes, que deve ser observada, apreendida aos poucos, é o que chamamos de uma coisa. De modo nenhum minha consciência poderia ser uma coisa, porque seu modo de ser em si é precisamente um ser *para si*. Existir para ela é ter consciência de sua existência (Sartre, 2008, p. 7).

Elas estão presentes e inertes ao mesmo tempo, porque existem independentes de mim. O outro existe independente de mim. São presentes pois só essa presença me garante a existência. Toda a discussão até aqui, faz-nos repousar nossas reflexões em vários pontos correlacionados. Questões como, que visão objetiva ou subjetiva o outro tem mim? Se entendemos que somos um *para si* e para os *outros*, que visão objetiva teremos da vida e da existência do outro? É sabido que, somos *Para*, porque somos projeto. E nesse sentido, o projeto do outro também se apresenta em minha consciência. Apresentamo-nos como projetos de possibilidades.

O que podemos tirar de todas as observações feitas nesses tópicos apresentados? A primeira é que a condição do ser-em-si, do ser para-si e do ser para-os-outros, é parte significativa na construção do sujeito no mundo. Ser inacabado, mas

que se fundamente em um projeto. Segundo, é que para o outro eu sou um em-si e para-si, assim como, ele também é um em-si e para-si para mim. O outro possui aquilo que irá me realizar como ser existente.

Nosso intuito nesse capítulo, foi dissertar sobre as principais teses do existencialismo. Tentaremos mostrar como essas ideias existencialistas poderão ajudar na disciplina *Projeto de Vida*. E, de outro modo, ajudar os jovens alunos, a se perceberem como consciências ativas diante do mundo e diante das outras pessoas. Nesse intuito, o próximo capítulo será uma relação entre o pensamento existencialista de Sartre e a disciplina Projeto de Vida.

3. PROJETO DE VIDA E EXISTENCIALISMO

Há sempre uma ideia de que o homem está projetado a um fim. Mesmo que não entenda a condição de sua existência, do seu caminhando para o nada, mesmo assim, projeta-se em direção a algo que lhe dê sentido. Pensemos em Sócrates com a condição do “conhece-te a ti mesmo”, que nada mais é do que um despertar do homem para um cuidado de si. Ou mesmo Aristóteles, com suas *quatro causas*, entre elas, a causa final. Jesus Cristo, com sua passagem sobre tomar a cruz de cada dia e segui-lo. Até mesmo Nietzsche, quando afirmava que devemos demorar o tempo que fosse para decidir o que se quer da vida, e depois que decidir, não recuasse diante de nenhum pretexto.

O que todos esses pensadores têm em comum? Justamente a ideia de que a vida precisa fazer sentido. Que devemos sempre projetar algo que faça ou dê sentido à nossa existência muitas vezes conturbada. Isso deve fazer sentido em cada ser existente, mas deve fazer mais sentido nos jovens, tendo em vista o elemento da descoberta que é mais comum nessa fase da vida. Nesse sentido, é importante ressaltar o papel da Filosofia, da filosofia existencialista, como suporte conceitual à disciplina Projeto de Vida.

Discutiremos algumas referências, tanto dos manuais da disciplina Projeto de Vida, quanto da literatura referente ao pensamento de Sartre, e tentaremos de alguma forma aproximá-los. Vejamos:

Saber quem nós somos é essencial para decidir o que queremos e o que podemos fazer de nossa vida. Pensar sobre nós mesmos de forma justa, equilibrada e sem nos subestimar ou superestimar é uma tarefa que exige reflexão. Olhar para dentro de nós mesmos, analisar nossas relações pessoais e sociais, nossos sonhos, desejos e anseios não é uma tarefa muito simples, a princípio (Meller; Campos, 2020, p. 17).

Para Sartre o homem está sempre em vias de realização, está sempre formando sua essência, que nunca estará pronta e acabada. Nesse manual de Projeto de Vida, encontramos a orientação de que devemos decidir o que queremos e isso só será possível em uma pessoa inteiramente livre. Em o *Ser e o nada* podemos encontrar que: “a liberdade é precisamente o nada que é *tendo* sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a *fazer-se em vez de ser*” (Sartre, 2009, p. 545). A ideia de fazer-se, que encontramos no pensamento de Sartre, liga-se diretamente

ao ambiente escolar que será entendido segundo a BNCC, como lugar de interação e formação. Vejamos:

É, também, no ambiente escolar que os jovens podem experimentar, de forma mediada e intencional, as interações com o outro, com o mundo, e vislumbrar, na valorização da diversidade, oportunidades de crescimento para seu presente e futuro (Brasil, 2017, p. 475).

O texto fala da interação com o outro. Na obra: *O existencialismo é um humanismo*, encontramos que: “O Outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para meu autoconhecimento” (Sartre, 2017, p. 34). O existencialismo compreende que esse binômio “outro-mundo” é fundamental para compreensão do ser existente. Ainda nessa perspectiva podemos entender que:

Quando uma pessoa experiencia a si mesma da mesma forma que os outros a veem, ela imediatamente deixa de ser um objeto transcendente, um puro ponto de vista no mundo, e se torna, ao invés disso, um objeto no meio do mundo, visto pelo ponto de vista do Outro (Cox, 2009, p. 67).

Em outro manual de Projeto de Vida do instituto ICE, que tem como temática: *Aulas de Projeto de Vida e Empreendedorismo 1º Ano do Ensino Médio*, encontramos a seguinte citação:

QUEM SOU EU? A adolescência é um período especial da vida, caracterizado principalmente pela intensidade das emoções. Seu início marca o surgimento das contestações e dos questionamentos, etapa necessária para o estudante começar a se conhecer, a estabelecer seus próprios valores e ver o mundo sob uma nova ótica – a sua própria (2016, p. 13).

Vejamos o que Sartre diz a esse respeito:

Nada mudou e, no entanto, tudo existe de outra maneira. Não consigo descrever; é como a náusea e, no entanto, é exatamente o contrário: finalmente me acontece uma aventura e, quando me interrogo, vejo que me acontece que sou eu e que estou aqui; sou eu que vendo a noite, estou feliz como um herói de romance (Sartre, 2016, p. 78).

Na perspectiva do Projeto de Vida, o jovem deve descobrir quem ele é. E em qual circunstância está inserido. No existencialismo, não é diferente. O Autor de *Náusea*, mostra-se como um ser inquieto e, que tenta descobrir-se em relação ao mundo. Em outra passagem ele faz a seguinte observação,

Não tive aventuras. Aconteceram-me histórias, fatos, incidentes tudo que se quiser. Mas não aventuras. Não é uma questão de palavras; começa a entender. Há algo que eu prezava mais do que todo o resto, sem perceber muito bem. Não era o amor, Deus meu, nem a glória, nem a riqueza. Era...

Enfim eu imaginava que em determinados momentos minha vida podia assumir uma qualidade rara e preciosa (Sartre, 2016, p. 57).

Essas inquietações são próprias da existência. Sartre nos faz pensar sobre elas. Nos mostra que em determinados momentos a náusea pode pairar sobre nossas vidas. Por esse mesmo motivo é que devemos entender-nos, questionarmo-nos. No existencialismo uma pessoa só pode mudar a maneira como pensa e sente a vida passando a se comportar de maneira diferente, agindo mais, afirmando sua vontade, sempre assumindo a responsabilidade por si e por aquilo que faz. Sartre era bem enfático nisso quando dizia, “Mas é preciso escolher: viver ou narrar” (Sartre, 2016, p. 59).

Outra questão chave na discussão sobre a formação do jovem é o papel das escolhas e a responsabilidade diante disso. Pátaro em seu livro, *Projeto de vida: nossas escolhas*, pensa da seguinte forma:

Vamos partir agora para uma nova aventura de nossa jornada para o autoconhecimento, tentando pensar em suas escolhas e preferências, e descobrir que é importante para você e sua vida, quais são suas paixões, aquilo que você mais ama, ou aquilo que te preocupa muito, além das atividades que você faz bem. Nossa jornada para o autoconhecimento envolve não apenas entender o modo como somos (as nossas características) mas também o nosso jeito de nos posicionarmos no mundo (Isto é, nossas ações, valores, preocupações), e quais são os nossos sentimentos diante de tudo isso (Pátaro, 2020, T1, E1).

O que Pátaro está querendo nos mostrar é que não é possível não fazer escolhas. A nossa jornada, e aqui pensamos no protagonismo juvenil, é feita de escolhas e isso está presente na filosofia sartreana:

A escolha é possível em um sentido, mas o que não é possível é não escolher. Eu sempre posso escolher, mas tenho que saber que se não escolho, isto também é uma escolha. Isto, embora pareça algo estritamente formal, tem uma grande importância para limitar a fantasia e o capricho. Pois, diante de uma situação real - por exemplo, o fato de eu ser um ser sexuado, capaz de ter relação com um ser de outro sexo e de ter filhos - eu sou obrigado a escolher uma atitude e, de qualquer modo, sou responsável por uma escolha que, ao me engajar, engaja também a humanidade inteira mesmo que nenhum valor a priori determine minha escolha (Sartre, 2017, p. 36-37).

Em Sartre, a escolha se impõe a todo momento em nossa vida e faz da liberdade o ponto central da existência. Existência é escolha em uma realidade eternamente em projeto. De forma nenhuma, podemos procurar justificações para nos

entendermos como determinados por algo ou alguém. Somos inteiramente responsáveis por nossos atos.

Se queremos um jovem protagonista na sua formação, devemos mostrar-lhe o caminho do existencialismo: caminho fortemente evidenciado pelo reconhecimento de si, do outro e da continência do mundo. Marcado pela condenação da liberdade e responsabilidade das escolhas. Os manuais didáticos sobre Projeto de Vida, podem buscar referências, nas obras existencialistas. Em todos os pontos destacados aqui, o que fizemos foi aproximar essas duas vias de reflexão. De um lado os manuais de Projeto de Vida, mostrando que o jovem deve descobrir-se como pessoa, que deve fazer escolhas, e que tenha um projeto para sua vida. Do outro, existencialismo querendo justamente fazer o mesmo. Mostrar que estamos no mundo, que precisamos descobrir nosso propósito, e que somos responsáveis por essa jornada.

3.1 Projeto de vida: conceito e fundamentos

No momento em que é escrita essa dissertação, um novo texto foi aprovado pela câmara dos deputados, fazendo mudanças significativas na estrutura curricular do Ensino Médio. Essas mudanças se contrapõem ao modelo aprovado em 2017 ([Lei 13.415/17](#)), e sancionado em 2021. No texto da BNCC de 2017 o currículo é apresentado por áreas de conhecimento, itinerários formativos e Projeto de Vida. O projeto de vida é a grande novidade desse texto. Ele é apresentado como um dos principais eixos da formação integral. O Projeto de Vida é a viabilização de objetivos e a construção da trajetória educacional e pessoal do estudante. Em torno dele, a escola pode organizar suas práticas para o desenvolvimento integral do estudante. O projeto, dessa forma, irá refletir sobre vários aspectos, como, vida afetiva, familiar, trabalho, saúde, bem-estar, meio ambiente, entre outros. Com esse enfoque, a BNCC irá falar do protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental e refletidos no Ensino Médio, irão servir de suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes (Brasil, 2017). A BNCC enfatiza que a construção deve ser um processo contínuo. Nesse processo, cada estudante irá definir e redefinir suas metas. Essas escolhas, irão influenciá-lo ao longo de sua vida. A escola, ao acolher os jovens, tem como compromisso, apoiar essa construção. Nas competências específicas e habilidades das ciências humanas e sociais aplicadas no Ensino Médio, a competência específica 6 diz: “Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da

cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (Brasil, 2017, p. 580). As escolas devem ficar atentas a essas competências. Elas servirão de premissa básica para o desenvolvimento de qualquer trabalho feito pelas escolas e que envolvam as juventudes.

Com todas essas mudanças, como fica a questão do Projeto de Vida, em relação ao texto apresentado pelo Projeto de Lei 5.230/23 e que espera ser sancionado pelo Presidente da República? Muitas mudanças foram feitas, sobretudo, em relação às disciplinas básicas, aos itinerários, e à quantidade de horas exigidas para a formação do aluno. Mas em relação ao Projeto de Vida, não houve. No Artigo 7º da lei supracitada, vemos:

Os currículos do ensino médio assegurarão aos estudantes oportunidades de construção de projetos de vida, compreendidos numa perspectiva orientada pelo seu desenvolvimento integral, por sua integração comunitária no território e por sua participação cidadã (Lei 5.230/23).

O artigo apresentado acima, já traz essa relação com o texto da BNCC. Pontos convergentes dizem respeito à formação cidadã. A BNCC fala da formação para a cidadania. O artigo 7 sobre a participação cidadã. Considera-se então, nesse caso, a individualidade dos alunos para que a aprendizagem escolar e que ela contribua com sua atividade para a vida adulta.

Sendo assim, a aprendizagem deve valorizar a aplicação dos conhecimentos na vida individual, nos projetos de vida, no mundo do trabalho, favorecendo o protagonismo dos estudantes no enfrentamento de questões sobre consumo, energia, segurança, ambiente, saúde, entre outras (Brasil, 2017, p. 549).

O Projeto de Vida deve ser um plano estruturado que aproxima o estudante dos seus objetivos. Para tanto, inteligência emocional e socioemocional se fazem fundamentais. A novidade apresentada seria uma personalização da aprendizagem, criando a ideia de uma autonomia do sujeito em relação à sua própria formação. A ideia de autonomia não é nova na educação. Paulo Freire nos apresenta essa ideia na sua obra, *Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. No prefácio da obra, Paulo Freire, já introduz a questão da responsabilidade como consciência da nossa presença no mundo. Ele assume aqui a máxima existencialista no seu binômio responsabilidade-liberdade. Na visão desse autor, somos seres condicionados por questões genéticas, sociais ou culturais. Somos condicionados,

mas não determinados (Freire, 1996). Se não somos determinados, somos livres e autônomos. Nesse sentido, a autonomia é explicada por ele da seguinte forma,

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funda na mesma raiz que acabo de discutir – a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso –, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir afirmação várias vezes feita neste texto – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (Freire, 1996, p. 24-25)

Na visão de Paulo Freire, somos seres inacabados e o educador deve ter consciência disso. Como educadores nem sempre é fácil ter consciência desse protagonismo juvenil. E por quê? Freire fala, na maioria das vezes, de uma possível presença autoritária dos professores. Mas de forma utópica, imaginemos ser concreta a ideia desse reconhecimento por parte dos educadores. Outros problemas surgiriam. Sendo estes: como dizer isso aos educandos? Como torná-lo protagonista nesse processo formativo? A BNCC não deixa claro no seu texto como será feito esse trabalho nas escolas. O texto fala de uma autonomia das instituições. Faremos uma observação a esse ponto mais à frente. Mas ela, a BNCC, deixa especificado o que é a autonomia quando diz que, refere-se à capacidade dos estudantes de agir de forma independente e responsável em suas escolhas e decisões. E que, essa competência é fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, pois envolve a construção de habilidades que permitem a eles compreender e interagir criticamente com o mundo ao seu redor. A autonomia é promovida através de práticas educativas que incentivam a reflexão, a tomada de decisões e a responsabilidade sobre as próprias ações. Isso inclui a capacidade de planejar, organizar e executar atividades, bem como a habilidade de se expressar e defender seus pontos de vista de maneira respeitosa e ética. Na citação acima, vemos Freire falando de um imperativo ético. Além disso, a autonomia está relacionada ao desenvolvimento de uma consciência crítica e à capacidade de participar ativamente na vida pública e social, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. A BNCC reconhece que a educação deve fomentar essa autonomia, preparando os estudantes para serem cidadãos ativos e responsáveis em suas comunidades. O imperativo ético que Freire apresentou é justamente a responsabilidade com o outro.

Quando dizíamos que não ficou muito clara a questão da aplicação da disciplina Projeto de Vida em sala, isso é fato. Tanto que, houve mudanças nesta última versão aprovada pela câmara. O que dificultou sua implementação? Vejamos alguns pontos.

a) Não ter passado por um amplo debate com a comunidade escolar para entender o que os estudantes, de fato, precisavam. b) Não ter estrutura físico-financeira para implementação. Muitas das instituições não contavam com salas-extras, um quadro maior de professores e, conseqüentemente uma carga-horária maior. c) Não ter professores qualificados e preparados para as mudanças. Essa questão toca diretamente a disciplina projeto de vida. Muitos dos professores que assumiram essas aulas, sequer, tiveram algum tipo de formação para isso. d) Não ter possibilidade de ofertas diversificadas e estruturadas para atender aos alunos. O projeto individual de cada aluno deve ser respeitado. Ele é protagonista. Como a escola poderia viabilizar isso em sentido macro? e) Não ter itinerários adaptados aos regionalismos e às necessidades locais. O plano de educação é nacional. E isso de algum modo pode gerar problemas. Essa universalização poderia não respeitar as necessidades de cada região. Uma escola numa comunidade indígena poderia ter uma ideia totalmente diferente sobre os itinerários formativos, de uma escola no centro de São Paulo.

Todos esses pontos, de algum modo, justificam porque se tornou inviável a implementação nas escolas o Ensino Médio de 2017. Todos esses pontos também trazem problemas sobre a funcionalidade da disciplina Projeto de Vida. O que pensa ANPOF⁸ em relação a essas mudanças? Em um comunicado feito com o título, *Projeto de vida: cloroquina para os males do Ensino Médio (2022)*, destacamos alguns pontos. Primeiro, mudanças na carga horária das disciplinas de ciências humanas no Novo Ensino Médio incluem uma diminuição drástica do tempo dedicado a essas disciplinas, como Filosofia e Sociologia. O foco agora é direcionado para as vidas e interesses imediatos dos estudantes, em detrimento de conteúdos teóricos que são considerados distantes e menos relevantes para a realidade dos alunos. Segundo, a disciplina Projeto de Vida se diferencia das disciplinas tradicionais, pois, enquanto essas abordam questões mais teóricas e universais, Projeto de Vida, se preocupa com

⁸ A Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof) foi fundada em 1983 durante uma reunião sobre pesquisa em Filosofia promovida pelo CNPq, em Brasília. Segundo o Art. 3º de seu Estatuto, seus objetivos eram "promover maior integração dos cursos de pós-graduação em Filosofia; defender os interesses das pós-graduações [desta área] junto aos órgãos competentes [e] estimular, em todos os níveis, a investigação filosófica no País".

questões mais individuais, preparando o aluno para o sucesso pessoal, muitas vezes pragmático e utilitarista.

O modelo inspirador desse novo formato é claramente o coach, espécie de tutoria focada em melhorar o rendimento de profissionais em suas respectivas atividades. Mas como os estudantes do Ensino Médio não possuem ainda uma profissão definida, a não ser a “profissão” de estudante, o coach ou tutor assumiria o papel de “coach da vida” (Moraes, et al, 2022).

Em resumo, o conceito de coach no Novo Ensino Médio representa uma mudança significativa na forma como a educação é abordada, priorizando o desenvolvimento pessoal e a preparação para o mercado de trabalho em vez de uma formação acadêmica tradicional. Isso resulta em uma educação que prioriza o resultado e a performance em detrimento do conhecimento crítico e reflexivo. De que modo a disciplina Projeto de Vida é apresentada nos livros utilizados pelas instituições?

A Unicesumar⁹, uma instituição já bem conceituada em nosso país, com educação presencial e em formato EaD, aborda a questão do Projeto, da seguinte forma:

Projeto de Vida pode ser definido como a visualização antecipada da vida que desejamos ter ou levar [...]. A partir do momento que nos tornamos conscientes do que, verdadeiramente, queremos (ser, ter e fazer), ganhamos autonomia para redirecionar nossas ações de forma a desenvolver competências e habilidades que possam ajudar a remover todos os bloqueios que nos impedem de alcançar os resultados de forma constante, consistente e sustentável na vida pessoal e profissional (Pereira, 2018, p. 18-19).

A citação traz uma questão sobre ter consciência do *Ser*, sobre a questão da *Autonomia*, questão essa tanto falada na perspectiva existencialista. Mas, as linhas posteriores da citação trazem duas questões que merecem atenção. A primeira é sobre “remover todos os bloqueios”. A ideia do *Mindset* do mundo Coach se apresenta. A outra é “alcançar os resultados de forma constante. Nesse caso, entendemos o que Moraes, et al, (2022), nos alertava sobre o Projeto de Vida ser mais sobre o sucesso individual e muitas vezes ser mais pragmatista e utilitarista.

Ainda sobre os objetivos, a Unicesumar destaca que o Projeto de vida é uma poderosa ferramenta de gestão pessoal. Ele servirá como um mapa que nos orientará

⁹ UniCesumar. Universidade Cesumar. (Cesumar – Centro de Ensino Superior de Maringá). Segundo a Wikipedia, a instituição possui campi presenciais em Maringá, Londrina, Curitiba, Corumbá e Ponta Grossa, além de quase 1000 polos de educação a distância, que incluem cidades como Miami (EUA) e Dubai (Emirados Árabes Unidos). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Cesumar

na direção dos resultados que queremos chegar. A universidade listará alguns pontos que o Projeto de Vida pode propiciar. A saber,

1. Ajudar no mapeamento do estado atual e estado desejado e, conseqüentemente, a definição dos resultados esperados. 2. Desenvolver um alto nível de consciência e responsabilidade, trazendo significado e direção aos objetivos de curto, médio e longo prazo. 3. Identificar e aproveitar oportunidades e gerenciar os resultados, de forma criativa e ousada. 4. Gerar sentido de propósito e contribuição à sociedade, por meio do discernimento vocacional, da internacionalidade e de foco das ações empreendidas. 5. Promover uma vida equilibrada e abundante, considerando sentimentos, relações, desejos, corpo, mente e espírito. 6. Adquirir conhecimentos e valores que sustentem e alavanquem objetivos e metas contribuindo para melhorar a performance e desempenho (Pereira, 2018, p. 20-21).

Pereira (2018), chega a dizer que essas ações supracitadas, não devem ser vistas somente do ponto de vista individual, sem comprometimento com aqueles que estão à nossa volta. E isso é importante. Pois não é possível pensar em um projeto pessoal, sem levar em conta o social. Somos seres sociáveis e carentes de sociabilidade. É justamente o que diz o ponto 4 da citação acima. Mas se formos analisar as palavras apresentadas em todos os 6 pontos, nos parece mais uma forma prática do mindset falado anteriormente. Exemplo, no ponto 1, – mapear – resultados esperados. No ponto 2, objetivos – curto, médio, longo prazo. No 3, gerenciar vs. Resultados. No 5, abundante. E assim por diante. O que estamos querendo frisar com essas colocações? Que talvez a ideia apresentada sobre o Projeto de Vida, corra o risco de apresentá-lo de forma puramente utilitarista a pragmática. De que, se seguirem esses passos, não serão alunos fracassados. “Como se já estivesse decidido que não saber o que se quer da vida fosse uma fraqueza e não uma força” Moraes, et al, (2022). Talvez esse pensar assim, seja fruto desses novos tempos que nos toca. O querer saber, querer ser, querer ter formariam as bases dessa mentalidade. Nuccio Ordine, na sua obra *A utilidade do inútil*, afirma que quem não tem não é. E acrescenta,

Quase dois séculos depois, a imagem de uma sociedade desigual, rigidamente dividida entre senhores e serviçais, entre ricos aproveitadores e pobres degradados como se fossem animais [...], não corresponde mais, ao menos em grande parte, ao retrato do mundo em que vivemos. No entanto, em formas muito diversas e mais sofisticadas, ainda persiste uma supremacia do ter sobre o ser, uma ditadura do lucro e da posse, que atinge todos os âmbitos do saber e todos os nossos comportamentos cotidianos (Ordine, 2016, p. 31-32).

O posicionamento de Ordine se aproxima da reflexão que a ANPOF fez, e é a mesma que nós fazemos. Desse modo, não estaríamos transformando a educação numa proposta somente utilitarista? O “não saber” como parte da dúvida, traria a questão da dúvida como elemento preponderantemente existencial. Seria o saber pelo saber e não o saber para o ter. Mas não fechemos ainda essa questão. Precisamos apresentar outros livros didáticos e suas propostas sobre a disciplina Projeto de Vida.

A editora Moderna, através do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em educação) criou o Livro *Educação para a vida – Projeto de vida*. O livro foi pensado para professores. Ao longo das três unidades apresentadas, é explanado como deverá ser abordado e trabalhado cada tema em sala de aula. É uma proposta individualizada. O professor deve trabalhar atenciosamente com cada um de seus alunos. Quando vai definir o que é um projeto, faz-se a seguinte comparação:

Imagine um quebra-cabeça. Não um quebra-cabeça qualquer. Ao contrário daqueles que têm todas as suas peças guardadas em uma caixa de papelão, o quebra-cabeça do qual estamos falando tem suas peças espalhadas por vários cantos da nossa vida. Como não há caixa, também não temos clareza da imagem que montaremos – a menos que nos ocupemos de juntar peça por peça e buscar suas conexões. Há outros dois dados interessantes sobre esse quebra-cabeça. Primeiro: ele nunca para de receber novas peças; portanto, está sempre incompleto e exige que o revisitemos com alguma frequência. Segundo: ele é pessoal e intransferível. Isso significa que cada pessoa cria o seu. Algumas peças podem se parecer com as do colega, mas a forma de montar de cada um é única (Severiano, et al. 2020, p. 03).

A relação do quebra-cabeça faz todo sentido, quando pensamos nas peças separadas e relacionamos isso com o fato de cada aluno ser uma peça individualizada, dentro de algo maior que é a sociedade. Cada peça é importante na construção do todo. Desse modo, entendemos porque o professor deve estar atento a essas individualidades. Atento às particularidades de cada aluno. Seu gosto, suas músicas, sua família, formação religiosa, consciência social, condição econômica, e assim por diante. Não há uma única forma, para encaixarmos os alunos. Existem várias formas, modelos e caminhos. O Projeto de Vida, a escola e os professores, são peças-chave nesse processo de descoberta. Mas eles não esgotam as possibilidades de aprendizagem. O Projeto pessoal faz parte de um conjunto de fatores que envolvem a família, amigos e sobretudo, questões psicológicas e pessoais. Quando o aluno se percebe juntamente com outras “peças”, ele vai entendendo a construção da sociedade. Nesse sentido, o projeto de vida não é só uma descoberta do sujeito reflexivo, é também do sujeito social. E assim, ele descobrirá a função do trabalho.

Com esse entendimento, foi apresentado o Projeto de Vida no livro da Unicesumar. Resumidamente, a pessoa será preparada para o trabalho, para a sua função social. Severiano, Et al. (2020), ressalta: “No Ensino Médio, somos convidados não apenas a compreender o percurso já vivido, mas também a assumir responsabilidades e tomar decisões quanto à nossa participação no mundo social e, por extensão, no mundo do trabalho”. Ambos apresentam esse aspecto laboral do aluno. Ou melhor, é apresentado como o aluno deverá ser preparado para essa função. Não fica só no campo da reflexão existencial.

Como são divididas as unidades? Se pensamos em questões que norteiam a existência de todas as pessoas. No sentido de que são questões vitais que tocam a todos, nesse caso, a todos os alunos, aos menos em algum momento da vida deles, os tópicos apresentados são bem atrativos. Vejamos. Unidade 01 - *Quem sou: o encontro comigo*. Esta unidade se desenvolve em torno da temática do autoconhecimento e a relação dele o projeto pessoal de cada estudante. O professor será responsável por fazer essa relação-descoberta. O caminho feito pelo professor, em junção com as experiências de cada aluno constituirá saberes significativos para as vivências de cada aluno.

O autoconhecimento e o autocuidado carregam consigo a ideia de busca contínua pela compreensão de si mesmo, o que envolve, em primeiro lugar, a se aceitar, a se valorizar, desenvolvendo a capacidade de confiar em si, de se apoiar nas próprias forças e de crescer em situações adversas, com resiliência e autonomia, propondo para sua trajetória de vida objetivos claros, de forma planejada. O autoconhecimento passa por se compreender e se apreciar, o que o conduz a saber lidar com as suas emoções, a ter autocrítica e também segurança. O cuidar de si envolve atenção à saúde física, mental e emocional (Severiano; Et al. 2020, p. 12).

O autoconhecimento será um aliado de cada sujeito no momento em que ele tenta definir o seu ideal de pessoa. Sem isso a jornada não prosseguirá. Nas relações múltiplas que os sujeitos se deparam na realidade - econômica, religiosa, física -, seria impossível criar um projeto sem um conhecimento de si mesmo. Esse mesmo direcionamento encontramos na competência geral 8 da BNCC. Onde se lê: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (Brasil, 2017, p. 10). A escola terá papel fundamental nessa jornada. Compreender-se na diversidade é um processo de autoconhecimento e o Projeto de Vida terá que auxiliar o aluno nesse caminho. Por

isso, falávamos anteriormente do papel do professor nesse itinerário. Ele irá juntar os conhecimentos e experiências de cada aluno e despertá-lo para essa percepção de si mesmo.

Na unidade 02 a temática é: *O encontro com outro*. Nessa unidade, o livro traz em questão a presença do outro. Na verdade, de muitos outros. Tem-se a seguinte ideia: “O encontro com o outro se refere a todo o seu agir pessoal e coletivo, em que se evidencia a necessária reflexão sobre sua autonomia em relação a interatividade, colaboração, empatia e responsabilidade diante dos outros” (Severiano; Et al. 2020, p. 59). Nas escolhas mais extremas de isolamento social, no caso dos eremitas, pessoas que por algum motivo espiritual, escolhe viver distante do convívio social, ainda assim ele precisa ser reconhecido como pelo outro por ser assim. Isso significa que a presença do outro é inevitável até certo sentido. A unidade traz para a reflexão a palavra *empatia*.

Empatia é a capacidade humana de ter condições de assumir a perspectiva dos outros e compreender as necessidades e sentimentos alheios, construindo relacionamentos com base no compartilhamento e na abertura para o convívio em sociedade (Severiano; Et al. 2020, p. 59).

O reconhecimento de si, não pode de maneira alguma excluir o reconhecimento do outro. Por esse motivo, a empatia é fundamental para a formação do ser humano. um projeto de vida que se construa olhando para si mesmo, tende ao fracasso. Somos seres sociáveis e tendemos à sociabilidade. E não é só reconhecer a presença do outro. Reconhecer, até certo modo é fácil, difícil é alojá-lo em nossas vidas, em nossos planos. Ainda mais quando o “inferno são os outros”, na conclusão de *entre quatro paredes* de Sartre. A empatia se encaixa em toda formação educacional. Mas se alinha perfeita a compreensão dos direitos humanos. A própria BNCC nas competências gerais diz:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017, p. 10).

Há uma intenção concreta nessa unidade. Tornar o aluno um cidadão. O aprendizado sobre a cidadania, passa pelo reconhecimento do outro. Como dissemos anteriormente, é o reconhecimento de “muitos”. É importante destacar que não é só o

outro que é importante. No exercício da cidadania, defendida pelos direitos humanos, há de se haver o reconhecimento dos espaços. O espaço do outro, os direitos dos outros na relação com o meu espaço e os meus direitos. Desse modo, entenderemos o conceito de responsabilidade, interatividade e colaboração.

Chegamos, enfim, na unidade 3. O título é: *Para onde vamos: o encontro com nós*. A temática central dessa unidade gira em torno do mundo do trabalho. Como diz os autores, deve-se agregar outras peças ao jogo (Severiano; Et al. 2020). Esse “jogo”, é abordado na perspectiva do trabalho. A unidade é meio que uma conclusão das fases anteriores. A passagem pelas duas etapas passadas, culminaria necessariamente nessa última. Tanto no trabalho desenvolvido pelo professor da disciplina, como pelo aluno que foi protagonista do processo. “Você cresceu e em breve trabalhará” (Severiano; Et al. 2020, p. 113). “Conhecer-se é essencial para estabelecer um plano, mapear oportunidades profissionalizantes e fazer escolhas que garantam tanto renda satisfatória e mobilidade social quanto realização pessoal” (Severiano; Et al. 2020, p. 113). A BNCC faz uma explanação alinhada a essas citações, quando diz:

Ao contrário, supõe o desenvolvimento de competências que possibilitem aos estudantes inserir-se de forma ativa, crítica, criativa e responsável em um mundo do trabalho cada vez mais complexo e imprevisível, criando possibilidades para viabilizar seu projeto de vida e continuar aprendendo, de modo a ser capazes de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores (Brasil, 2017, p. 465).

Desta forma, a unidade 3 também estaria dentro dos parâmetros desejados pela BNCC. Que é uma educação que olhe para o estudante como um feitor de seu caminho. Junto ao professor, guiado por essa nova disciplina chamada Projeto de Vida, ele alcançaria a realização pessoal, como citamos anteriormente.

Destacamos um ponto central em todos os conteúdos apresentados - sobre o que é, e como deve ser trabalhada a disciplina Projeto de Vida - que é a questão do *trabalho*. A culminância da existência de uma vida estudantil seria a sua preparação para o trabalho. Aqui, não estamos depreciando essa ideia. De modo algum iremos dizer que o trabalho não seja importante para a formação do jovem, nem que ele não seja essencial para construção de uma sociedade. Na visão da antropologia filosófica, a dimensão do trabalho é dimensão fundamental para a formação do homem. Batista Mondin, no seu livro *O homem quem ele é?* ressalta essa visão com a abordagem do *Homo faber*. Ele diz:

Hoje temos consciência de que trabalho é uma atividade tão importante para o estudo do homem como o conhecimento, a liberdade e a linguagem. Hoje compreendeu-se que o homem é essencialmente artifex, criador de formas, fazedor de obras (1980, p. 192).

O ponto então, não é se a função do trabalho é importante ou não. É se a educação não estaria sendo puramente materialista-utilitarista, como nos foi alertado no comunicado da Anpof quando falava sobre os riscos de uma educação pragmática utilitarista. Se for assim pensada, todo o currículo muda. Muda a estrutura e mudam os objetivos. Ordine (2016), diz: “Os saberes que não trazem lucro são inúteis” (p. 33). E acrescenta,

Não é um acaso que nas últimas décadas as disciplinas humanísticas tenham passado a ser consideradas inúteis e tenham sido marginalizadas não somente nos currículos escolares e universitários, nas sobretudo nos orçamentos governamentais e nos recursos das fundações e entidades privadas (Ordine, 2016, p. 33).

O alerta de Ordine é sobre um tipo de saber que privilegia a quantidade ao invés da qualidade. Entre esses saberes humanísticos, destacamos o papel da filosofia, sociologia, história e geografia. A filosofia por exemplo por várias vezes é matéria de discussão sobre a sua necessidade. Falamos disso em outra parte do texto. Por um momento entra no currículo. Depois se tira. É uma disciplina sempre marginalizada, usando a citação acima.

Chegamos em um ponto crucial. Como o a Filosofia existencialista poderia nos ajudar numa formação mais qualitativa e menos quantitativa? A Filosofia poderia assumir uma postura crítica em relação aos exageros do saber. Gerando um tipo de conhecimento “desinteressado” e fugindo da mentalidade lucrativa do conhecimento. Um ponto importante discutido entre os existencialistas, é a tomada de consciência da condição humana. Consciência que não se esconde numa visão puramente maravilhosa da vida, mas se entrelaça, numa realidade, muitas vezes trágica. A exemplo de uma visão existencialista sobre o trabalho, temos o pensamento de Albert Camus em sua obra *O mito de Sísifo*. Ele pontua:

O mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria a sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só trágico nos raros momentos em que se torna consciente. Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece

toda a extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida (Camus, 2004, p. 139).

De algum modo, o pensamento de Camus, foge da visão pragmatista e utilitarista que mencionamos anteriormente. De nenhum modo devemos pensar que isso é uma visão pessimista. Que não deveria ser refletido no âmbito escolar. Que os jovens não estariam preparados para esse “choque de realidade”. Discordamos. Essa é a condição humana. Não há como fugir disso. É o próprio mito mostrando o caráter da “repetição”. Entendemos que o existencialismo pode sim, ajudar a compreender melhor a condição humana, de modo geral e, na sua relação com o trabalho. A propósito, não sei se por ter essa abordagem mais realista da condição do homem, não foi encontrado em nossa pesquisa, autores existencialistas nos livros da disciplina Projeto de Vida. E quando me refiro a autores existencialistas, estamos falando de Kierkegaard, Heidegger, Schopenhauer, Nietzsche, Camus, entre outros. Nem mesmo Sartre que em seus principais temas sempre é discutida a questão do “eu”, do “outro”, e do “para”. Nos livros aqui apresentados não encontramos. Mas nem mesmo em outros estudados, que não entraram aqui por questões de otimização da escrita. Mas poderíamos destacar, Meller, André; Campos, Eduardo. *Caminhar e construir: Projeto de vida*. Pátaro, Cristina Satiê de Oliveira e Ricardo Fernandes Pátaro. *Projeto de vida: escolhas*. Prestes, M. L. M. de. *A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia*. Da percepção de que não encontramos textos dos autores existencialistas nos livros de Projeto de Vida, é que nasceu o principal objetivo dessa dissertação. E nosso principal propósito, é mostrar que é possível unir os ideais da disciplina Projeto de Vida, com o pensamento dos autores existencialistas. Mais especificamente o pensamento de Jean-Paul Sartre.

Mas como se daria isso? Vejamos! Apresentamos três conceitos sobre a disciplina Projeto de Vida. O da Unicesumar, o da Moderna e o da própria BNCC. Destaco o que foi apresentado no livro da Moderna. Expomos a visão do livro em três unidades. Resumidamente, eram: “Quem sou”, “o encontro com o outro”, “para onde vamos”. Esses três tópicos estão extremamente ligados ao pensamento existencialista. Como dissemos anteriormente, não entendemos o porquê dos autores existencialistas não aparecerem na construção dessas unidades e capítulos.

Em sua obra *O ser e o Nada*, vemos Sartre apresentar a seguinte composição de temas: “em busca do ser”, “o ser para si”, “o para-outro”. Se alinharmos os temas do livro da moderna ao livro de Sartre, veremos que há uma discussão na mesma problemática. O livro de Projeto de Vida diz: “O autoconhecimento e o autocuidado carregam consigo a ideia de busca contínua pela compreensão de si mesmo” (Severiano; Et al. 2020, p. 12). Sartre diz: “de modo nenhum minha consciência poderia ser uma coisa (...). Existir, para ela, é ter consciência de sua existência” (Sartre, 2008, p. 7). Em outra passagem bem peculiar, ele diz:

Meu pensamento sou eu: eis porque não posso parar. Existo porque penso... e não posso me impedir de pensar. Nesse exato momento – é terrível – se existo é porque tenho horror a existir. Sou eu, sou eu que me extraio do nada a que aspiro (...). São outras tantas maneiras de me embrenhar na existência (Sartre, 2016, p. 137).

Ambos estão falando de um reconhecimento de si mesmo que só será possível pelo autoconhecimento que a consciência tem de si mesma. Cada estudante, deveria começar a pensar nisso desde cedo. O suporte que a filosofia existencialista poderia dar, seria grandioso.

Na unidade 2 a moderna a aborda a questão, *O encontro com outro*. “O encontro com o outro se refere a todo o seu agir pessoal e coletivo” (Severiano; Et al. 2020, p. 59). Sartre diz: “o outro é indispensável para minha existência, tanto quanto, ademais, o é para o meu autoconhecimento (...). O outro como uma liberdade colocada diante de mim” (Sartre, 2017, p. 34). A presença do outro determina minha existência e minha liberdade. Vejo o outro e me vejo no outro. A essa altura, entendemos a discussão do jovem se percebendo como um ser social. Não só isso, perceber que o altruísmo é tão importante quando a questão do entendimento de si.

Na unidade 3, *Para onde vamos*, aborda a questão da perspectiva do trabalho. O “para”, dá uma ideia de meta a ser alcançada.

Assim, diante das características locais, que já destacamos, e das transformações globais pelas quais o mundo do trabalho tem passado, espera-se que o estudante seja capaz de conciliar desejos e oportunidades, para planejar e gerir a própria vida com um olhar em direção ao futuro (Severiano; Et al. 2020, p. LVI).

Já discorreremos sobre esta questão do trabalho em outro momento. Destacamos outro ponto. A questão do futuro. O futuro pode ser abordado de várias

formas. Ele é despertado aqui para a questão do trabalho. O jovem deve olhá-lo nessa relação, trabalho-futuro. Uma outra forma de ver o futuro é na sua relação com a consciência e a percepção. Sartre diz: “bruscamente se sente que o tempo se esgota, que cada instante leva a outro instante, esse a outro, e assim sucessivamente; cada instante se aniquila, que é inútil tentar retê-lo” (Sartre, 2016, p. 137). Se o tempo se esgota, é necessário entender o papel da liberdade e das escolhas, conjuntamente com a responsabilidade tanto discutido anteriormente.

Apresentando dessa forma, confirmamos a premissa, “o existencialismo pode servir de suporte para a disciplina Projeto de Vida”. A filosofia existencialista e O Projeto de Vida, ambos têm a mesma proposta. Trabalhar a questão da condição humana em suas várias facetas. Talvez o existencialismo seja mais realista em sua abordagem. E isso choque os leitores. Será por isso que ele não aparece nos manuais apresentados? E o que se deseja é um “remédio”, uma “cloroquina”? Se é uma visão mais utilitarista, entendemos a ausência dos filósofos existencialistas. O realismo de Sartre não seria atraente.

Tentamos fazer uma conexão entre as ideias do “Projeto” com o pensamento de Sartre. Vimos que é possível trabalhar a temática existencialista na proposta do Projeto de Vida. Ou seja, no entendimento do ser, do outro e do para. Na questão da liberdade e da escolha. Mas precisaríamos ir um pouco mais além disso, pois o existencialismo, nos aponta outro problema. Ou seja, em um ser consciente de sua existência e liberdade, lhe apareceria a realidade da *angústia*. E o que seria? “uma imensa repugnância” (Sartre, 2016, p. 132). Não seria o caso de deixar claro que, mesmo sendo bem sucedido nas três etapas apresentadas, a saber, descobrir quem é, reconhecer-se no outro, e se ver realizado no futuro, ainda assim, cada existente, sentir-se-á angustiado? Tratamos dessa questão no ponto, *Angústia e Má-fé, uma condição do humanismo existencialista*. A literatura de Sartre é vasta nesse ponto. Destacaremos a obra *A náusea* e o personagem Antoine Roquentin.

3.2 O sentimento de angústia e a juventude

É perceptível nas obras de Sartre o quanto ele valoriza a vida humana em toda sua complexidade. A filosofia existencialista é um grito em defesa do indivíduo. É um *modus vivendi* que desperta em cada pessoa o seu sentido de ser no mundo. Sartre diz: “o homem precisa encontrar-se ele próprio e convencer-se de que nada poderá salvá-lo de si mesmo” (Sartre, 2017, p. 44). O existencialismo é uma ação motivadora

em defesa da vida. Ação essa, que impulsiona o homem a progredir. Mas, que ao progredir se depara com uma vida sem sentido, com uma ausência de sentido, por ter sido lançado no mundo. Sua consciência o faz lembrar disso sempre. Nessa condição humana, vem à tona o desespero e um sentimento perturbador que Sartre vai chamar de *Náusea*.

Essa náusea é apresentada em um romance que Sartre escreveu em 1938 com o título *A náusea*¹⁰, que segundo Denis Huisman (2001), será um prefácio de toda a sua filosofia existencialista. Ele abordará nessa obra temas que serão trabalhados ao longo da sua trajetória como romancista, crítico, filósofo e dramaturgo. A obra é ambientada na cidade de Bouville, e que talvez seja uma referência ao período que ele foi professor no Liceu de Havre na França.

A náusea foi escrita em forma de diário. É uma escrita cronológica. Conta-se os dias da semana, as horas, o ano, percebido pelo escritor, como tempo existencial. Diríamos que é também um tempo psicológico. O protagonista é *Antoine Roquentin*, um historiador de trinta anos de idade que pretende escrever a história de um certo marquês que viveu no século XVIII. Com o passar do tempo, Roquentin perde o interesse pela biografia que estava escrevendo e é acometido por uma crise existencial perturbadora. Cria-se nele uma certa aversão ao ser humano e vem à tona questões sobre a contingência da vida. “é isso mesmo o tempo, o tempo inteiramente nu, que vem lentamente à existência, que se faz esperar e, quando chega, nos sentimos enfastiados porque percebemos que já estava ali havia muito tempo” (Sartre, 2016, p. 49). E ainda, “terça-feira. Nada. Existindo” (Sartre, 2016, p. 141). Roquentin se dá conta de que a existência nasce sem nenhuma essência predefinida. Ao longo da sua existência ele vai percebendo que a vida se apresenta, o outro se apresenta, que o mundo se apresenta, e tudo isso sem um sentido definido. Essa existência assustadora cause-lhe medo. “As pessoas do Cateau Verst se distinguem por um não sei quê de lastimável e deprimido” (Sartre, 2016, p. 66). Ele é consciente do absurdo que é existir e toma consciência de uma vida cheias de incertezas. E isso causa-lhe náusea. Trazendo-lhe um sentimento de mal-estar na consciência a ponto de causa-lhe ânsia de vômito, pois percebe que a vida é gratuita e sem sentido, precedida de existência.

¹⁰ Essa obra foi intitulada inicialmente como *Melancolia*. Mas foi por algum tempo rejeitada por alguns editores. Somente depois passa a ser chamada de *A Náusea*.

O domingo que termina deixou-lhes um gosto de cinzas e seu pensamento se volta para a segunda-feira. Mas para mim não existem segunda-feira nem domingo: existem dias que se atropelam desordenadamente e, além disso, lampejos como esse (Sartre, 2016, p. 78).

Através de Roquentin, Sartre apresenta a seguinte ideia. Viver é tomar consciência da sua existência e que a existência é pura contingência. Por isso Antoine, cria uma aversão pela cidade que ele estava vivendo. Ele acha que as pessoas de Bouville vivem uma vida de enganos. Talvez justifique o “gosto de cinzas” citado anteriormente. É como se vivessem uma má-fé. E preferem isso a despertar a consciência para essa contingência que é a própria gratuidade da vida. Vejamos como ele descreve uma das pessoas da cidade, “esse homem vai morrer dentro em breve. Certamente sabe disso, basta que se tenha olhado num espelho: a cada dia se parece um pouco mais com o cadáver que se tornará” (Sartre, 2016, p. 98). Roquentin está descrevendo o personagem Dr. Rogé, e ao lermos a citação, cremos que ele tem consciência da morte próxima. Mas não, pois:

Eis o que é a experiência deles, eis porque disse a mim mesmo, tantas vezes, que ela cheira a morte: trata-se de uma última defesa. O doutor bem gostaria de esconder de si mesmo a realidade insustentável: que ele está sozinho, sem cabedal, sem passado, com uma inteligência de se embota, um corpo que se desfaz (Sartre, 2016, p. 98).

Roquentin se vê diferente dessas pessoas. A má-fé deles lhe causa inquietação. Talvez por isso se justifique a criação de um diário. A tentativa de descrevê-los pode ajudar na compreensão de si mesmo. Em alguns momentos vinha a sensação de estar ficando louco. “o curioso é que absolutamente não me sinto inclinado a me considerar louco, e vejo até, com toda evidência, que não estou louco” (Sartre, 2016, p. 12). Talvez por isso é que ele descreve tão bem os ambientes, as pessoas, seus sentimentos. É uma tentativa de compreensão da sua própria vida¹¹.

O que seria esse sentimento perturbador que toma conta de Roquentin? Sartre a define como *náusea*. “uma imensa repugnância me invadiu subitamente e a caneta me caiu da mão cuspidando tinta. Que acontecera? Estava com a náusea?” (Sartre, 2016, p. 132). Mas talvez o texto que melhor reflita o sentimento da náusea, seja esse:

¹¹ Muito tempo depois de ter escrito *A náusea*, Sartre escreve *As Palavras*. É a sua autobiografia. Ele escreve: “consegui aos trinta anos dar este belo golpe: o de escrever em *A náusea* – muito sinceramente, podem crer – a existência injustificada, salobra, de meus congêneres e colocar a minha fora de causa. Eu era Roquentin; eu mostrava nele, sem complacência, a trama de minha vida” (Sartre, 1984, p. 181).

Sinto vontade de dar um salto e sair, de fazer qualquer coisa para me atordoar. Mas, se levanto um dedo, se não me mantiver absolutamente imóvel, se bem o que vai me acontecer. Não quero que isso me aconteça ainda. Isso virá sempre cedo demais. Não me mexo; leio maquinalmente, na folha do bloco, o parágrafo que deixei inacabado (Sartre, 2016, p. 132).

Quase como uma revelação, Roquentin toma conta de sua existência e não poderá mais negá-la. A consciência lhe dirá, “meu pensamento sou eu: eis porque não posso parar” (Sartre, 2016, p. 137). Quando a consciência percebe o eu, lhe aparece o sentimento de abandonado no mundo, sem essência, sem determinismos, sem um sentido para essa frágil existência e que agora é responsável por tudo o que deseja ser no mundo. Sartre chama esses pensamentos de insípidos. Roquentin quer fugir desses pensamentos. “Será que não termina nunca?” (Sartre, 2016, p. 136). Mas ele chega a conclusão de que mesmo em silêncio num canto, não se esqueceria de si mesmo. Isso o aterroriza. Sartre descreve Roquentin tomado pela náusea da seguinte forma:

Os pensamentos nascem por trás de mim como uma vertigem, sinto-os nascer atrás de minha cabeça... se eu cedo, virão para a frente, aqui entre meus olhos — e sempre cedo, o pensamento cresce, cresce e fica imenso, me enchendo por inteiro e renovando minha existência. Minha saliva está açucarada, meu corpo está morno; sinto-me insípido. Meu canivete está sobre a mesa. Abro-o. Por que não? De toda maneira seria uma mudança. Coloco minha mão esquerda sobre o bloco e me desfiro uma boa canivetada na palma. O gesto foi muito nervoso; a lâmina escorregou, a ferida é superficial. Sangra. E afinal? O que foi que mudou? De toda maneira olho com satisfação na folha branca, por entre as linhas que tracei há pouco, essa poçazinha de sangue que finalmente deixou de ser eu (Sartre, 2016, p. 137).

Roquentin nauseado atenta contra a própria vida. É um ato desesperador diante da angústia de existir. A “coisa” como ele diz no seu texto, estava à espera dele, recaiu sobre ele, penetrou nele. Ele estava pleno dela. Mas subitamente ele percebe que a coisa era ele mesmo. Era a própria existência liberta, desprendida. Ele conclui: **Existo!**

Na citação anterior, vemos Sartre descrevendo o que provavelmente seja um suicídio, e talvez, como uma forma de resolver o problema da náusea. Mas o que vem depois disso é uma reflexão surpreendente sobre o existencialismo de Sartre. Roquentin ao tentar fugir da própria existência, descobre-a diante de si. Se dá conta também do peso que isso lhe torturará de agora em diante. Certo da náusea que o acompanhará, e agora também da angústia que lhe aparecerá pelo peso de existir. “tudo está cheio, existência por todo lado, densa e pesada e suave” (Sartre, 2016, p.

140). O Roquentin de Sartre não seria um ser “em si” que se transforma em um ser “para si”, consciente agora? “Quarta-feira. É preciso não sentir medo” (Sartre, 2016, p. 99). Nessa epifania, sem má-fé, escolhe a si mesmo, pois é pura liberdade, sem omissão diante do que tem que escolher. Sartre lança Roquentin diante da “loucura da vida”, em um mundo cheio de náusea e de pessoas de má-fé, pois vivem a não liberdade.

Outra questão curiosa na obra, é o destaque que Sartre dá para a música. Roquentin é um homem solitário, “quanto a mim, vivo sozinho, inteiramente só” (Sartre, 2016, p. 18), sem amigos, e com difíceis relacionamentos amorosos, “esse último minuto que passo (...), nos braços de uma mulher que conheci na antevéspera – minuto que amo apaixonadamente, mulher que estou perto de amar – vai terminar, eu sei” (Sartre, 2016, p. 58). É uma descoberta da solidão que se dá por meio também da descoberta do outro.

Estou só, em meio a essas vozes alegres e sensatas. Todos esses sujeitos passam o tempo se explicando, reconhecendo com satisfação que têm as mesmas opiniões. Deus meu, que importância dão a pensar todos juntos as mesmas coisas! Basta ver a cara que fazem quando passa por eles um desses homens com olhos de peixe que parecem olhar para dentro e com os quais não é mais possível, de forma alguma, se conciliar (Sartre, 2016, p. 21).

Sentido a solidão, ele busca uma elevação da alma por meio da arte da música. “Estou farto, chamo a garçonete: - Madeleine, ponha uma música no gramofone, por favor. Aquela que eu gosto. “Some of these days” (Sartre, 2016, p. 36). A forma como ele descreve o que a música causa ao entrar em seu “sangue” é surpreendente. Faz lembrar acontecimentos. Mas o mais magnífico nesse sentido, é quando ele diz: “começo e me reanimar, a me sentir feliz. Ainda não é nada de extraordinário, é uma pequena felicidade” (Sartre, 2016, p. 37). A música de alguma forma tranquilizava Roquentin. No momento de partir de Bouville, Roquentin vai ao café para se despedir. é sugerido-lhe ouvir pela última vez a “Some of these days”. Ele descreve o momento desta maneira,

Por baixo disso se estagnavam todos aqueles pensamentos desagradáveis que assumiram a forma de interrogações não formuladas, de espantos mudos e que já não me abandonam dia e noite. Pensamentos sobre Anny, sobre minha vida estagnada. E depois, mais abaixo ainda, a Náusea, tímida como uma aurora (Sartre, 2016, p. 231).

A náusea não o deixa. Se apresentará tímida. Talvez suma por alguns minutos no tempo em que a música estiver tocando. Esse sentimento pela música, assim apresentado, nos faz lembrar Schopenhauer. Esse filósofo, segundo Oliveira (2003), considera a música uma “Magna Arte”, e pontua, “a vida é sofrimento e a contemplação artística é uma forma de suprimir temporariamente este estado”.

A náusea é um romance literário que não se esgota nesse gênero e nem no personagem apresentado. Ele ultrapassa o limite da “ficção” e coloca na mão das pessoas sua própria história. Roquentin é cada ser humano real diante de um mundo contingente e gratuito. Esse ser humano livre, cheio de escolhas a fazer, angustiado, agora é responsável por tudo e todos. E esse é o humanismo que Sartre nos apresenta em sua obra. É um prelúdio daquilo que será apresentado em *O Ser e o Nada* e continuidade de todo seu pensamento existencialista.

Pensar o problema da filosofia existencialista é reconhecer que há formas de se compreender as diferentes maneiras que os homens se relacionam em uma dada realidade histórica. É pensar que há diferentes “projetos” humanos possíveis, mas que a superação desses projetos implica, de alguma forma, na superação de uma visão particular de homem, de projeto, de sociedade (Silva, 2023, p.6).

A realidade histórica de Roquentin nos foi apresentada desde o início da obra. Ela é cheia de percalços. Ele não consegue fugir de si mesmo, nem da presença dos outros. Não entende claramente o seu projeto, nem mesmo como as pessoas não pensam sobre isso. Levam uma vida de enganos. E vivem repetindo os dias e deixando que o nada os consuma. Como dissemos, isso o incomoda bastante. Por fim, decide ir embora de Bouville. Decide ir para Paris, como diz ele, “para muda um pouco”. Minutos antes de partir, um pensamento o consome. É a melancolia novamente!

Deus meu! Sou eu que vou levar essa existência de cogumelo? Que farei de meus dias? Passearei, irei me sentar nas Tulherias numa cadeira de ferro — ou antes, num banco, por economia. Irei ler nas bibliotecas. E depois? Uma vez por semana o cinema. E depois? Irei me permitir um charuto Voltigeur aos domingos? Irei jogar croqué com os aposentados do Luxembourg? Aos trinta anos! Tenho pena de mim. Há momentos em que me pergunto se não seria melhor que gastasse num ano os trezentos mil francos que me restam — e depois... Mas o que me proporcionaria isso? Roupas novas? Mulheres? Viagens? Tive tudo isso e agora terminou, são coisas que já não invejo: considerando-se o que ficaria disso tudo... Em um ano me encontraria novamente tão vazio quanto hoje, sem uma lembrança sequer e acovardado diante da morte (Sartre, 2016, p. 229-230).

O desfecho desse romance se desemboca no mais puro existencialismo de Sartre. Ao retratar a vida de Roquentin, ele nos apresenta sua própria vida. E ao relatar passo a passo, dia após dia esses fatos, ele retrata a vida das pessoas que se perceberam existentes. Muitos vivem a má-fé. Não é o caso dele. Ele chegou em um momento que não poderia fugir de se mesmo. Pensar é existir. E existir traz consequências.

Bom, mas o que o sentimento de angústia tem a ver com a juventude? Propomos nesse capítulo traçar uma relação entre Projeto de Vida e Existencialismo. Assim o fizemos. Tanto nos livros didáticos, como na BNCC, as ideias sobre o protagonismo juvenil corroboram com as ideias existencialistas. Porém, o existencialismo dá um salto à frente de todas as questões apresentadas, pois nos apresenta a ideia de angústia. Os livros não trazem essa questão. Não é conveniente, nem didático. Não é conveniente, pois, não é essa uma “linguagem” atraente para uma sociedade que quer construir “vencedores”. Mas isso seria viver a má-fé. Ao não explicar essa condição para a juventude, não estaríamos deixando justamente de pensar sobre isso no momento certo. Por que no momento certo? Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), comparando-se os anos de 2013 e 2019, houve no Brasil significativo aumento do número de indivíduos que reportaram diagnóstico de depressão por profissional de saúde mental.

Em 2019, 10,2% das pessoas com 18 anos ou mais de idade referiram ter recebido tal diagnóstico, o equivalente a aproximadamente 16,3 milhões de pessoas. O percentual apresentou um aumento de 34% em relação a 2013, quando havia 7,6% de pessoas em situação equivalente (Brasil, 2022, p. 4).

Nesse mesmo levantamento, detectou-se que entre os adolescentes (10 a 19 anos), houve também um aumento das lesões autoinflingidas. E em relação aos casos de suicídios, pontua: “(...) aumento proporcional da morte por suicídio em todos os grupos, sobretudo de 5 a 14 anos (103% de aumento comparando se os anos de 2011 e 2019) e de 15 a 19 anos (75% de aumento em comparação equivalente) (Brasil, 2022, p. 8)”. Nosso objetivo não é traçar perfil psicológico. Nem tão pouco trazer sugestões do campo da psicologia para tratar essas questões. O que estamos mostrando é que há uma inquietude na existência. E ela começa logo cedo. Seria a angústia, referida por Sartre em seus textos? Ela se daria por qual motivo? As causas podem ser inúmeras. Chul Han (2024), na sua obra *Sociedade do cansaço* descreve uma sociedade que vem mudando os paradigmas sociais e gerando um excesso de

positividade. Ele diz: “a sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (Chul Han, 2024, p. 24). “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão do desempenho” (Chul Han, 2024, p. 26). Quando pensamos na educação para os jovens, as escolas devem estar atentas a esse engodo. Cuidar para que a educação não seja puramente utilitarista, como refletia Nuccio Ordine, em outro momento apresentado. Nem seja somente um passo para o mercado de trabalho, e cair na cilada do desempenho, como nos faz refletir Chul Han.

O Brasil enfrenta atualmente uma epidemia de ansiedade segundo os dados da OMS. “O país tem o maior número de pessoas ansiosas do mundo, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde). Cerca de 18,6 milhões de brasileiros – equivalente a 9,3% da população – convivem com o transtorno” (Spadoni, 2023). A ansiedade é um desconforto diante de situações normais da vida. Pode aparecer quando se tem a ideia da falta de algo. De uma certa incapacidade de lidar com a vida ao seu redor. Isso também pode ser causado pelo excesso de positividade e estímulos que a sociedade atual vem oferecendo. Injeta-se isso naturalmente em todos os lugares. Isso influencia bastante na formação dos jovens. Principalmente em etapas decisivas em que as escolhas pesam mais. Saber qual profissão escolher. Se deve seguir a carreira dos pais. Se é melhor continuar estudando ou entrar logo no mercado de trabalho. Até mesmo sobre sua sexualidade, que de alguma maneira é uma descoberta. A sociedade atualmente nos oferece vários estímulos a esse respeito.

Por conseguinte, se faz importante destacarmos que esta mesma sociedade criadora de significações corporais e referências identitárias possui normas que se baseiam, historicamente, na figura do homem heterossexual, cisgênero, branco, de classe média urbana, cristão, e (aparentemente) “seguidor” de uma lógica familiar e afetiva monogâmica (Tenca, 2021, p. 101).

Se olharmos para a sexualidade dessa forma, compreenderemos que ela é algo mutável e aparece dentro de um cenário cheio de incertezas e angústias. As nomenclaturas para se definir “os sexos” são abrangentes. De algum modo ter identidade fixa, ser reconhecido por essa identidade e ser respeitado por essa escolha não é fácil. Por isso, a angústia se manifesta. E muitos desistem. Muitos ameaçam desistir. E muitos, vivem uma vida de frustrações. Todas as pessoas em algum momento são contempladas com essas inquietudes. Mas há uma manifestação maior na juventude.

Por isso, A descoberta do “ser em si”, nessa sociedade do desempenho, vem acompanhado do “ser alguém”.

Há muito tempo nossos corpos deixaram de ser nossos e passaram a ser uma engrenagem e muitas vezes, sou convencida quase que diariamente que não posso renunciar a isso para fazer o que eu quero, pois sem não tenho serventia, não sou nada, nem ninguém. Mas, afinal, o que é ser alguém? Criamos e perpetuamos a ideia de que, para ser alguém, muitas vezes precisamos deixar de ser quem somos, ou nos reinventar a cada situação, um personagem ideal para cada cenário, mesmo que o preço seja renunciar à autenticidade (Assis, 2021, p. 119).

Ser alguém vem acompanhado de incertezas. Ser alguém exige esforço. Exige escolher ser alguém. Ser alguém é firmar nossos valores, nossa personalidade. Construir sonhos e traçar metas. Por isso, nos propomos a dizer que o jovem é “lançado no mundo”. Nossa jornada começa com essa descoberta. Como a consciência clara desse lançado. Não há um projeto predeterminado para ninguém. Só seremos aquilo que projetarmos ser. O jovem não deve viver na má-fé. Deve escolher-se todos os dias. Não é pessimismo diante da vida. É um desvelamento diante da existência. O existencialismo foi acusado de ser pessimista. Sartre rebate da seguinte forma: “reclamam que o existencialismo é muito sombrio” (...), “esta é a menos escandalosa das doutrinas, e a mais austera” (2017, p. 17). Mas Sartre acrescenta que isso é uma inverdade. Há um otimismo no existencialismo. O que amedronta as pessoas é o fato delas terem que escolher uma vida que lhes dê sentido, mas agora sem os determinismos transcendentais. Ele diz: “só existe realidade na ação” (Ibidem, 2017, p. 30). O existencialismo não quietismo diante da vida, nem uma atitude de indiferença diante das mazelas existenciais. Ele encara todas as mazelas com serenidade. E isso causa um certo incômodo nas pessoas.

Nossa doutrina apavora a certo número de pessoas. É que muitas vezes elas não conhecem outra maneira de suportar sua miséria senão pensando: “as circunstâncias foram contra mim, eu valia mais do que eu fui; obviamente, eu não tive grandes amores, ou grandes amizades, mas foi porque não encontrei o homem ou a mulher que fossem dignos, eu não escrevi livros muitos bons, mas é porque eu não tive tempo livre para fazê-lo (...). Assim, tenho em mim uma multidão inutilizada e inteiramente viável de habilidades, e inclinações e possibilidades que me dão um valor maior do que aquele que as simples séries de ações que realizei permite inferir” (Sartre, 2017, p. 31).

Desse modo, o que se critica no existencialismo não é o seu pessimismo, mas a sua dureza otimista como diz Sartre. Se o homem se define pela ação, é necessário que ele se afaste da covardia. É preciso que ele assuma inteiramente seu projeto. E

o otimismo disso é que agora o homem poderá colocar em suas mãos seu próprio destino. Por outro lado, há quem pense que o existencialismo é individualista. Isso também não se encaixa na doutrina existencialista. Sartre diz: “o outro é indispensável para o meu autoconhecimento” (Sartre, 2017, p. 34). O homem pode inteiramente ser limitado pelas circunstâncias em que está. Ser prisioneiro, pai de família, religioso em uma instituição. Mas, o que não muda é a necessidade de estar no mundo e conviver com outras pessoas. Nas palavras de Sartre, o que a doutrina existencialista quer é mostrar a importância do engajamento livre, que toca a cada pessoa e por essa ação-escolha, se realiza toda a humanidade. A cada escolha que faço, me torna engajado diante da sociedade. Fazendo isso, me engajo, mas engaja a humanidade inteira. O que quer que façamos, pensando na atitude de um homem engajado, corajoso, “não tem como não assumir a total responsabilidade diante dessa situação” (Ibidem, 2017, p. 37). Todo homem que tenta fugir dessa responsabilidade cai na má-fé. É mais fácil pôr a culpa nos determinismos do que assumir a responsabilidade das escolhas que deve fazer. A má-fé seria então, uma maneira dissimulada de mascarar o engajamento.

Pensando nos jovens. Se um certo desânimo diante da vida tem causado recorrentes suicídios, aumentado os casos de depressão, ou mesmo altos níveis de ansiedade, Sartre pode nos ajudar a pensar sobre isso da seguinte forma:

O homem está constantemente fora de si mesmo; é projetando-se e perdendo-se fora de si mesmo que ele faz o homem existir e, por outro lado, é perseguindo fins transcendentais que ele é capaz de existir; sendo essa superação e apropriando-se dos objetos apenas em relação a essa superação, o homem está no coração, no centro dessa superação. Não há outro universo senão um universo humano, um universo da subjetividade humana (Sartre, 2017, p. 43).

Por isso é otimista. Sartre aposta em cada subjetividade. Cada ser humano é capaz de encontrar em si mesmo a chave para a sua felicidade. E não é fora desse mundo que ele encontrará essa felicidade. Ele é enfático em dizer que devemos superar a mentalidade transcendental. O homem “é” aqui e agora.

4. UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

4.1 Aspectos da pesquisa

Nossa pesquisa, até certo ponto, pode se enquadrar dentro de uma abordagem dialética, pois tenta mostrar as contradições ou convergências apontadas em um questionário aplicado. Apresentamos um problema que era a deficiência de textos existencialistas nos manuais da disciplina Projeto de Vida e, em outro momento relacionamos essas duas temáticas mostrando a importância dos textos de Sartre para uma compreensão do sujeito no entendimento de si. É impossível esgotar todas as possibilidades e observações que poderiam ser feitas com esse método. Mas, não descartamos o fato de ser também, uma pesquisa descritiva, pois

Tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis. As técnicas mais utilizadas nessas pesquisas são a obtenção de dados por meio do questionário (Dalberio; Borges, 2011, p. 165).

É uma pesquisa levantamento, em que os pesquisadores, por meio da interação com o grupo, dentro de um determinado contexto, retiram dos questionários o material – os dados - da sua pesquisa. “O pesquisador busca informações acerca do problema estudado, junto a um grupo significativo de pessoas, para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões” (Dalberio; Borges, 2011, p. 169).

Nosso questionário foi aplicado em um grupo de 20 alunos. Todos do terceiro ano do Ensino Médio. A instituição abordada foi o *Colégio Nossa Senhora Auxiliadora* da cidade de Petrolina-PE. Essa escola está entre as melhores da região, sendo referência em ensino e aprovações em vestibulares. Segue uma tradição católica desde 1926 quando foi fundada pelas irmãs Salesianas.

Houve em um primeiro momento uma aula explicativa sobre o tema. O existencialismo faz parte do programa de estudo da maioria dos livros didáticos de filosofia. Abordamos o tema em quase toda sua complexidade. Fizemos questão de explicar os temas-chave do existencialismo. A exemplo, “A liberdade”, “O projeto”, “escolhas”, “responsabilidade”, “má-fé”, “condenação”, “lançado no mundo”, “angústia”, “desespero” e “desamparo”. Os temas trouxeram grandes reflexões. Causou simpatia e antipatia em alguns. Mas não daria para saber os verdadeiros impactos se não fosse feito o questionário. Por isso, pensamos em quatro perguntas.

A primeira dizia respeito ao entendimento de si. Tema caro ao existencialismo. A segunda, sobre o Projeto pessoal. A terceira questionava sobre a percepção do “outro”. A quarta, sobre a relevância do existencialismo. Fizemos a seleção de algumas respostas. Não transcrevemos todos os questionários, por entendermos que ficaria extenso demais. E algumas das respostas iam sempre no mesmo entendimento. Por isso, julgamos necessário fazer essa separação. A nomenclatura utilizada foi, *aluno 01*, *aluno 02*, e assim sucessivamente. O texto de cada aluno é fiel àquilo que ele respondeu.

4.2 Textos utilizados

Os textos motivadores também são relevantes e é necessário explicar. Foram 8 textos no total. Todos tirados das principais obras de Sartre. A saber,

01. *A náusea*. A obra foi utilizada em vários momentos da nossa dissertação. Ela traz à tona questões como a vida inautêntica, o tédio, mas sobre tudo a questão da angústia, “disfarçada” no sentimento de melancolia. Trouxemos dois textos. Um sobre a questão do futuro, mas numa relação com presente vivido e cheio do sentimento de náusea. E o outro sobre a percepção da realidade. Uma realidade sem sentido. Uma existência sem sentido.

02. *Entre quatro paredes*. Essa obra tem um destaque significativo dentro do quadro das obras de Sartre. Nela encontramos o famoso corolário “o inferno são os outros”. Que inclusive foi usado como texto para o nosso questionário. A obra não é tanto uma reflexão sobre a questão metafísica do inferno, se o é, entendemos que é feita de forma controversa. A questão central é a presença do *Outro*. Por isso, um dos textos traz a questão do espelho. O outro ser um espelho para mim. Na visão do

existencialismo, o outro limita a minha liberdade. É na presença do outro que vejo quem sou. Com o intuito de explorar isso, fizemos a seguinte pergunta no questionário: “Como vês a presença do outro?”.

03. O ser e o nada. Essa obra poderia ser considerada a “bíblia” existencialista. Não no sentido doutrinário, mas por conter as principais explicações para uma conduta existencialista diante da vida. É o texto base para todos os termos e expressões utilizados por Sartre em seus escritos. O livro foi escrito em 1943 em um momento conturbado da vida de Sartre, pois a França estava sob a ocupação nazista. E talvez por isso, os temas mexem com a percepção existencial diante da vida e dos outros diante de mim. Dessa obra extraímos várias ideias. Como exemplo: “Somos condenados a ser livres”, “a existência precede a essência”, “má-fé”. O texto utilizado dessa obra foi a história do garçom contada por Sartre. O recorte feito, faz pensar sobre o papel da autenticidade das pessoas diante de seu projeto pessoal. Muitos vivem a inautenticidade, por não acreditarem em si mesmas. Ou por viverem a vida do outro e não aquilo que planejaram para si. Por isso, no questionário tinha as seguintes perguntas: Tu tens consciência do que és e do que pretendes ser? Qual a importância do projeto pessoal para o existencialismo? Já pensaste no teu projeto de vida?

04. O existencialismo é um humanismo. O texto dessa obra é extraído de uma palestra proferida por Sartre em 1945, depois da repercussão da sua obra *O ser e o nada*. Por isso que, *O existencialismo é um humanismo* é um grande resumo-explicação das principais teses do existencialismo defendido por Sartre. Destacamos a ênfase que ele dá para justificar que o existencialismo é humanista na defesa de um projeto para cada pessoa. É uma aposta no homem em toda sua amplitude. Os principais temas são: “humanismo”, “liberdade”, “responsabilidade”, “angústia”, “má-fé”, “desespero”, “desamparo”. Dessa obra extraímos dois textos. O primeiro tinha a seguinte ideia: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo”. A escolha foi intencional. Queríamos que os alunos pudessem pensar sobre o peso das escolhas no seu projeto de vida. O segundo texto extraído tinha a seguinte reflexão: “desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros”. Pensamos que esse texto

poderia fazer o aluno refletir não só sobre si mesmo, mas sobre a presença do outro. Nesse intuito, ele teria que responder ao questionário com a seguinte questão: “O outro limita a minha liberdade”. Como vê a presença do outro? Fale das alegrias, tristezas, dificuldades, etc.

Nenhuma pessoa, depois de ler uma obra existencialista, permanece o mesmo. claro que isso pode acontecer com qualquer leitura. Mas os textos existencialistas não aliviam com as palavras. Pois, por justamente negar a transcendência é que tudo se torna bem realista. Talvez seja por isso a dureza em relação ao compromisso com uma vida autêntica. Percebemos isso depois que lemos as respostas extraídas do questionário. São jovens de pouca idade. Muitos estão descobrindo ainda qual percepção terão de si e dos outros. Mas vimos que a grande maioria entendeu a mensagem que o existencialismo queria transmitir.

Nosso objetivo é comentar as respostas obtidas. Pode ser uma percepção unilateral, pois o real sentido, só poderia ser dado por aquele que deu a resposta. Não obstante, vamos nos ater a comentar e relacionar as falas com os textos de Sartre.

4.3 Dados coletados e reflexões

1. Tu tens consciência do que és e do que pretendes ser?

Aluno 01: *Acredito eu que sou, uma vez que, na minha concepção, existir exige de cada um a consciência de si e daquilo que faz e que estão em sua volta; com relação ao que pretendo ser, acredito que é um processo longo de descoberta, pois não sabemos de tudo e nem dos caminhos que a vida pode nos levar, só sabemos do que pretendemos para o hoje/agora.*

Aluno 02: *Ainda não sei quem pretendo ser, mas pretendo continuar com a essência que tenho hoje. Também não sei ao certo o quem sou, mas sei que as atitudes e decisões que tenho, tomo hoje, influenciam diretamente na pessoa que vou ser, assim como as decisões que tomei no passado (ou que deixei de tomar) me fazem ser quem sou.*

Aluno 03: *Sim. A minha existência precedendo a minha essência, ou seja, as minhas experiências de vida, as minhas escolhas fazem ser o que eu sou. Eu pretendo ser uma pessoa livre para ser verdadeiramente, sem medo do que os outros vão pensar.*

Aluno 04: *Do que sou sim, do que pretendo ser não, visto que a percepção do presente é mais fácil visto que tem coisas conectas que o torna mais fácil de ser atendido do que o que irei me tornar em vista que tem situações que ainda não estão ao meu alcance ou sob meu controle.*

Aluno 05: *A busca pelo o que eu sou é algo inacabável, mesmo que o humano sempre esteja em busca dessa resposta. Tal realidade é compartilhada por mim, já que tenho diferentes respostas à mesma pergunta em diferentes momentos de minha vida e sempre busco projeto para o que quero ser no futuro.*

Aluno 06: *Às vezes acho que tenho consciência do que sou, mas muitas vezes percebo que ainda estou desenvolvendo o que sou. Tenho firmemente em minha consciência o que pretendo ser, quero ser genuinamente feliz, e que eu consiga sempre ser o melhor para mim e para o outro. Quero sempre me reinventar.*

Aluno 07: *Sim, moldado e formado pelos meus objetivos e planos, como de acordo com o existencialismo o plano de vida molda e condiz com o rumo da minha vida pelas consequências que as escolhas tem, assim me torno meu mundo pelas minhas escolhas.*

Aluno 08: *Pouca, mas sim. Ainda preciso exercitar e escrever quais os valores que realmente acredito. Todos possuem sim, mesmo que não tenham consciência disso, a consciência do que são, e ao longo da vida definem o que pretendem ser.*

Aluno 09: *Não totalmente, tenho uma idealização criada por minhas vivências e conhecimentos adquiridos em sociedade, entretanto o questionamento sobre existência não só do meu ser, mas de toda a humanidade, será uma dúvida presente.*

Aluno 10: *Em partes, pois são as escolhas que definem quem sou e o que vou ser no futuro, entretanto, atualmente eu sei quem sou e quem quero ser no futuro.*

Aluno 11: *Não sinto que tenho consciência do que sou e, por isso, muitas vezes preciso da ética alheia (opinião) para me situar sobre alguns eixos. Porém, tenho consciência do que pretendo ser, que vai de acordo com o que atualmente discordo sobre minhas próprias atitudes.*

Aluno 12: *Sim. Eu tenho plena consciência do que sou e do que quero ser. Sei que pode existir algo ou alguém divino e que o mesmo pode controlar minha vida e o meu destino, mas acredito em Deus e no livre-arbítrio.*

Aluno 13: *Eu sou um cara com um futuro definido. Planejo ser médico cirurgião. Trabalhar na área de cárdio ou neuro cirurgias. Planejo ter uma vida próspera, morar em frente à praia e ter filhos.*

Sartre (2017, p. 19), diz: “o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida”. E ainda, “o homem nada é além do que ele se faz”. Nossa pergunta deveria trazer à tona essas questões. Tentar perceber se os alunos tinham entendido essa problemática. Se afirmassem que tinha uma essência, estariam contradizendo aquilo que o existencialismo defende. Ou seja, que a existência precede a essência. O aluno 2 diz: “*mas pretendo continuar com a essência que tenho hoje*”, e logo em seguida afirma: “*não sei ao certo o quem sou*”. Não sabemos se ele acredita em determinismo. Se essa essência já veio com ele de forma transcendental. Mas quando ele diz que não sabe o que é, isso de fato já se aproxima do que Sartre chamava de o “nada”. A ausência de sentido que a consciência tem de ser lançada no mundo. Não é diferente o posicionamento do aluno 1. “*Não sabemos de tudo e nem dos caminhos que a vida pode nos levar*”. O aluno 4 diz: “*ainda não estão ao meu alcance ou sob meu controle*”. O aluno 5: “*A busca pelo o que eu sou é algo inacabável*”. Aluno 8: “*Ainda preciso exercitar e escrever quais os valores que realmente acredito*”. Aluno 11: “*Não sinto que tenho consciência do que sou*”.

Percebemos que a grande maioria das respostas têm a mesma lógica. De que não há um sentido na existência, a menos que você dê. Muitos estão buscando esse sentido existencial. E o fato de começarem a pensar nisso, mostra o quanto é importante já ir tomando consciência da responsabilidade que têm diante de tudo isso. Por isso que,

Uma pessoa só pode mudar de verdade a maneira como pensa e sente a vida passando a se comportar de maneira diferente, agindo mais do que apenas reagindo, afirmando sua vontade mais do que apenas deixando arrastar pelas circunstâncias, sempre assumindo a responsabilidade por si mesmo e pelo que faz (Cox, 2012, p. 11).

Quando Cox diz que devemos assumir a responsabilidade, isso deve ser levado a sério. Alguns alunos entenderam isso perfeitamente. O aluno 5 diz: “*e sempre busco projeto para o que quero ser no futuro*”. O aluno 7 afirma: “*assim me torno meu mundo pelas minhas escolhas*”.

Um destaque será a fala do aluno 11. Vejamos: *“Não sinto que tenho consciência do que sou e, por isso, muitas vezes preciso da ética alheia (opinião) para me situar sobre alguns eixos. Porém, tenho consciência do que pretendo ser, que vai de acordo com o que atualmente discordo sobre minhas próprias atitudes”*.

Essa questão da *ética alheia* é muito importante para as reflexões feitas pelo existencialismo. Vamos discorrer sobre essa problemática na questão 3 do nosso formulário. Uma observação a ser feita da resposta do aluno 11 é quando ele diz: *“atualmente discordo sobre minhas atitudes”*. Parece-nos, que o aluno tem em mente o que ele deseja ser, mas alguma situação o impede de ser o que ele quer. De algum modo, ele vive uma não autenticidade por circunstâncias alheias as suas escolhas. O fato dele entender isso, já é um passo para a autenticidade. A menos que ele recaia em má-fé. Sartre diz:

Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que – isso muda tudo – na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo (Sartre, 2009, p. 94).

Dois respostas chamaram nossa atenção. A dos alunos 12 e 13. O aluno 12 diz: *“Sei que pode existir algo ou alguém divino e que o mesmo pode controlar minha vida e o meu destino, mas acredito em Deus”*. Quanto à questão de Deus, Sartre reforça: *“Deus não existe, e devemos assumir todas as consequências disso”* (2017, p. 19). Ele continua, *“nada mudará Deus não existindo mais; encontraremos as mesmas normas de honestidade, de progresso, de humanismo e teremos transformado Deus em uma hipótese ultrapassada”* (Ibidem, p. 24). Sartre pensa o homem sem nenhum auxílio, nem muleta transcendental. Cada homem deve inventar-se a cada instante. Ele está fadado a inventar-se continuamente. Quando o aluno diz que, pode existir alguém divino que pode controlá-lo, isso contrariaria uma postura autêntica diante da vida. O desamparo do homem é justamente o entendimento do existencialista. Ele deve percorrer sozinho sua jornada. A figura de Deus atrapalha o homem em suas escolhas e dificulta a compreensão sobre a responsabilidade de cada decisão tomada.

Já o aluno 13 respondeu: *“Eu sou um cara com um futuro definido”*. Vamos tentar explicar isso de duas formas. A primeira será próxima do que deseja a filosofia existencialista. A segunda, contrariando aquilo que pensa os existencialistas.

Começemos pela segunda. Se o entendimento do aluno sobre ter um futuro definido é no sentido de nascer com algo fixo, pronto, com uma essência estabelecida dentro dele só aguardando o momento certo para vir à “superfície”, então não, isso não pode ser viável. Segundo Sartre, primeiramente o homem não é nada. Este futuro está definido por quem? Se ele compreende que essa definição é dada. Nesse caso a essência precederia a existência. É um caminho oposto ao que defende Sartre. Vejamos: “O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse elã de existir, o homem nada é além do que ele se faz” (Sartre, 2017, p. 19).

Partindo desse conceito, de que não somos nada mais do que aquilo que fizermos ser, voltemos ao primeiro entendimento, que é aquele próximo ao que o existencialismo deseja. Se quando ele diz, “*Eu sou um cara com um futuro definido*”, significa que ele tem consciência de sua existência, de que foi lançado no mundo, e que precisa escolher ser algo, então, isso é uma clara postura autêntica diante da vida. Cremos que o aluno 13 tenha verdadeiramente consciência do seu protagonismo. Ele assume que o seu futuro, aquilo que pretende ser, depende exclusivamente dele. Alguém poderia pensar, mas e as circunstâncias? O que fazer com as questões que não tenho controle? Sartre faz uma observação sobre isso, dizendo:

O argumento decisivo empregado pelo sendo comum contra a liberdade consiste em nos lembrar de nossa impotência. Longe de podermos modificar nossa situação em nosso bel-prazer, parece que não podemos modificar-nos a nós mesmos. Não sou livre nem para escapar ao destino de minha classe, minha nação, minha família, nem sequer para construir meu poderio ou minha riqueza, nem para dominar meus apetites mais insignificantes ou meus hábitos (Sartre, 2009, p. 593).

Todas essas questões são entendidas por Sartre como “coisas em bruto”. Não podemos evitá-las e, em certo ponto podem até limitar nossa liberdade, mas é nossa liberdade de ação que irá construir a moldura. É nossa decisão se essas coisas irão se apresentar como limites. E será nossa técnica (liberdade-ação), que irá modificar nossas escolhas. “Mesmo se o rochedo se revela como ‘muito difícil de escalar’ e temos de desistir da escalada, observemos que ele só se revela desse modo por ter sido originariamente captado como ‘escalável’” (Sartre, 2009, p. 594). Não serão as

circunstâncias ruins a impedir que esse aluno tenha um futuro do jeito que ele deseja, mas, serão suas escolhas diante desse projeto que ele autenticamente quer para si.

2. Qual a importância do projeto pessoal para o existencialismo? Já pensaste no teu projeto de vida? Se sim, qual a maior dificuldade?

Aluno 01: *é importante no aspecto de que devemos ter em mente nossas responsabilidades e objetivos. Acredito que diariamente penso, e não somente, mudo este objetivo, pois ele vem de uma construção do meu “eu” de cada dia. A maior dificuldade do objetivo de vida são as incertezas, uma vez que por não saber do que vão acontecer e como vão acontecer, tenho muito receio desse projeto de vida, porém entendo que isso parte do processo e o que preciso sempre se arriscar.*

Aluno 02: *Pelo fato de o existencialismo valorizar a liberdade individual, a responsabilidade e a escolha, o projeto pessoal se torna importante no trajeto das tomadas de decisões que geraram frutos (consequências) no futuro, podendo ser em diferentes ambientes momentos e âmbitos. Não pensei no meu projeto de vida, porque tenho medo do incerto, e no aspecto geral não consigo me ver aqui no futuro.*

Aluno 03: *É a tomada de decisões, fazer escolhas. Já pensei, já planejei todo o meu futuro, a faculdade, o concurso, minhas realizações pessoais. A minha maior dificuldade sou eu mesma. Os meus medos me prendem e me fazem acreditar que sou incapaz de alcançar minhas metas.*

Aluno 04: *O existencialismo influencia no meu projeto pessoal, uma vez que ele prega a ideia de que o ser humano é responsável por suas escolhas e pelas ações de suas escolhas. Não, uma vez que algumas atitudes não foram realizadas e não surtiram ainda um efeito para o planejamento do projeto de vida. Exemplo: ainda não passei no vestibular e o meu projeto de vida gira em torno desta conquista por enquanto. A tomada de decisões que não dependem só de mim.*

Aluno 05: *Para o existencialismo o projeto que uma pessoa faz para sua vida a definirá, já que o homem é o único definidor da sua trajetória. Tenho meus objetivos ainda não estão definidos, mas que norteiam-me para minhas escolhas e ajudam a organizar minhas ideias e desejos. Infelizmente, mesmo que possa imaginar não consigo me ver no futuro e o que acontecerá comigo em um futuro próximo, logo, não posso construir todos os planos de minha vida.*

Aluno 06: O projeto pessoal para o existencialismo é de grande importância já que não existe destino, ser superior, ou seja, você não pode culpar outro alguém se algo der errado, isso será totalmente sua responsabilidade então se você não fizer boas escolhas conseqüentemente você não terá bons resultados. Sim, já pensei. E a maior dificuldade do meu projeto de vida é o medo do arrependimento

Aluno 07: Ele se coloca como importante pois se a essência é posterior a existência sendo nosso projeto pessoal e nossas escolhas responsáveis pelo rumo de nossa vida. Assim, já possuo meu projeto de vida e a maior dificuldade na definição do mesmo foi tomar as decisões dele de forma consciente, pois as conseqüências delas têm a capacidade de moldar minha vida.

Aluno 08: Toda. Como não existencialismo a sua vida depende de você mesmo, logo com um projeto você se reconhece como responsável pela sua vida. Sim, reconhecer que meu futuro realmente só depende de mim.

Aluno 09: O projeto pessoal é crucial no existencialismo porque a autenticidade que buscamos, paixões e valores próprios, na busca da responsabilidade que envolve aceitar as conseqüências de seus atos e na busca de sentido para encontrar um significado e superando as angústias oferecendo foco e propósito.

Aluno 10: Traçam o caminho e escolhas que temos que ter, sim, ter total certeza que após todo o percurso irei conquistar o que tenho planejado. E saber que tudo depende apenas de mim, e que ninguém pode fazer com que eu conquiste o ápice do meu projeto pessoal.

Aluno 11: Como uma das características do ideal existencialista é a ausência de Deus, este que teoricamente criaria o indivíduo para um determinado objetivo - o paraíso, o projeto pessoal serve para esse indivíduo traçar essa linha. Não, não tem um projeto específico de vida sinto dificuldade principalmente em começa-lo.

Aluno 12: O projeto social é fundamental para o existencialismo porque oferece um espaço para a expressão da liberdade e da responsabilidade humana. Sim, o medo de não atingir meus objetivos, realizar meus sonhos e de não ter estabilidade financeira.

Aluno 13: A importância é de você ser o protagonista da sua história de vida. Já, minha maior dificuldade é ter uma noção do que a vida planeja para mim e se vou conseguir realizar algumas de minhas metas e se irei viver da maneira que espero.

Nossa ideia era perceber se os alunos, através da pergunta, entenderam bem a explicação que Sartre dá sobre a questão da responsabilidade que temos em relação ao nosso projeto particular. É muito marcante a visão dele sobre essa questão. Pode parecer rígido, duro, mas é na melhor das intenções, uma aposta na criatividade humana. É partir desse entendimento que o homem se construirá. Vejamos que ele pontua isso.

O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser (Sartre, 2017, p. 20).

Ressaltamos a questão do projeto. É a ideia de uma dinamicidade diante da vida. E compreendemos isso quando ele diz que não somos um musgo. A existência de um musgo é estática e sujeita àquilo que a natureza lhe trazer. O ser humano, não. Ele é projeto a algum lugar que ele mesmo desejou ir. Nada, nem ninguém, fará esse caminho por ele. Só ele será capaz de fazê-lo, já que o percurso será projetado por ele. Sobretudo, pensado por ele. Ele deve ser consciente disso. “Pois o que entendemos ordinariamente por querer é uma decisão consciente que, para a maior parte de nós, é posterior ao que fizemos efetivamente de nós mesmos” (SARTRE, 2017, p. 20).

O que o existencialismo deseja é colocar toda a responsabilidade no homem. Sem escusas, ele agora sente o peso disso em suas mãos. Mãos mesmo, pois, ele sente a vontade dentro de si, e deve pegar isso, certo de si e do seu projeto. “O homem é responsável pelo que é” (Ibidem, 2017, p. 20). Ele explica isso de outra maneira, vejamos:

Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável estritamente por sua individualidade, mas que é responsável por todos os homens (Ibidem, 2017, p. 20).

A questão da responsabilidade pelo homem é um ponto que vamos abordar na próxima pergunta. Nela vamos falar da questão do “outro”. Mas a citação deixa claro que não devemos fugir da responsabilidade diante daquilo que queremos ser. Como os alunos responderam a essa questão? Vejamos:

Aluno 01: “*é importante no aspecto de que devemos ter em mente nossas responsabilidades e objetivos*”.

Aluno 02: “*Pelo fato de o existencialismo valorizar a liberdade individual, a responsabilidade e a escolha*”.

Aluno 03: “*É a tomada de decisões, fazer escolhas*”.

Aluno 04: “*O existencialismo influencia no meu projeto pessoal, uma vez que ele prega a ideia de que o ser humano é responsável por suas escolhas*”.

Aluno 05: *Para o existencialismo o projeto que uma pessoa faz para sua vida a definirá, já que o homem é o único definidor da sua trajetória.*

Aluno 06: “*O projeto pessoal para o existencialismo é de grande importância já que não existe destino, ser superior, ou seja, você não pode culpar outro alguém se algo der errado, isso será totalmente sua responsabilidade*”.

Aluno 07: “*Ele se coloca como importante pois se a essência é posterior a existência sendo nosso projeto pessoal e nossas escolhas responsáveis pelo rumo de nossa vida*”.

Aluno 08: “*Toda. Como não existencialismo a sua vida depende de você mesmo, logo com um projeto você se reconhece como responsável pela sua vida*”.

Aluno 09: “*O projeto pessoal é crucial no existencialismo porque a autenticidade que buscamos, paixões e valores próprios, na busca da responsabilidade que envolve aceitar as consequências de seus atos*”.

Aluno 10: “*Após todo o percurso irei conquistar o que tenho planejado. E saber que tudo depende apenas de mim*”.

Aluno 11: “*Como uma das características do ideal existencialista é a ausência de Deus*”.

Aluno 12: “O projeto social é fundamental para o existencialismo porque oferece um espaço para a expressão da liberdade e da responsabilidade humana”.

Aluno 13: “A importância é de você ser o protagonista da sua história de vida”.

Fizemos questão de trazer parte das respostas, e ainda destacamos, para mostrar que os alunos entenderam a proposta do existencialismo sobre a questão do Projeto, da liberdade, das escolhas e da responsabilidade. Em quase todas as respostas foram usadas essas expressões. A exceção veio do aluno 11 que falou da ausência de Deus. Ainda assim, está de acordo com a ideia existencialista. Pois, só seremos verdadeiramente autênticos quando reconhecermos que não existem mais as muletas transcendentais. A outra resposta que foi por outro caminho, veio do aluno 13. Ele não necessariamente falou de projeto, nem de escolhas, mas falou de *protagonismo*. Esse protagonismo só é possível em uma pessoa que não age de má-fé. Somente uma pessoa que aderiu ao seu projeto e é totalmente responsável por isso, pode ser protagonista de sua própria história.

Mas uma coisa é entender a proposta do existencialismo, outra coisa é pô-la em prática. Sabemos o quanto é difícil ser verdadeiramente autêntico. Gary Cox faz uma observação sobre essa questão afirmando que “a autenticidade não é simplesmente uma questão de uma pessoa reconhecer que não existem desculpas para suas ações, ela precisa resistir por um ato de vontade a qualquer desejo para a desculpa” (Cox, 2007, p. 176). cremos ser difícil resistir aos desejos para a desculpa. Isso é evidenciado nas respostas dadas.

Aluno 1: “tenho muito receio desse projeto de vida”.

Aluno 2: “Não pensei no meu projeto de vida, porque tenho medo do incerto, e no aspecto geral não consigo me ver aqui no futuro”.

Aluno 3: “Os meus medos me prendem e me fazem acreditar que sou incapaz de alcançar minhas metas”.

Aluno 4: “A tomada de decisões que não dependem só de mim”.

Aluno 5: “Infelizmente, mesmo que possa imaginar não consigo me ver no futuro e o que acontecerá comigo em um futuro próximo, logo, não posso construir todos os planos de minha vida”.

Aluno 6: *“E a maior dificuldade do meu projeto de vida é o medo do arrependimento”.*

Aluno 7: *“A maior dificuldade na definição do mesmo foi tomar as decisões dele de forma consciente”.*

Aluno 10: *“saber que tudo depende apenas de mim”.*

Aluno 11: *“não tem um projeto específico de vida sinto dificuldade principalmente em começa-lo”.*

Aluno 13: *“do que a vida planeja para mim”.*

As respostas envolvem medo, arrependimentos, incapacidade, futuro. É natural que seja assim. Estamos dialogando com jovens que ainda, na sua grande maioria, estão se descobrindo como pessoas dentro dos processos sociais e pessoais. Nossa proposta é instigá-los. Fazer com que pensem nessas questões o quanto antes. Mesmo sabendo que é difícil não usar da má-fé. Gary Cox, pontua:

Uma pessoa teria de ser sempre um super-humano para evitar uma queda na má-fé. Uma pessoa cai na má-fé a partir do momento em que ela deixa de resistir às tentações infundáveis do mundo. A má-fé é bem conveniente e bem sedutora para ser evitada o tempo todo (Cox, 2017, p. 180).

Veja como responde o aluno 2: *“tenho medo do incerto”.* Aluno 3: *“os medos me fazem acreditar que sou incapaz”.* Aluno 4: *“a tomada de decisões que não dependem só de mim”.* Aluno 5: *“não consigo me ver no futuro (...) não posso construir todos os planos”.* Essa com certeza é uma fuga da autenticidade. Aluno 6: *“medo do arrependimento”.* Aluno 13: *“do que a vida planeja pra mim”.* Outro exemplo da fuga de responsabilidade. Ele espera que a vida lhe traga algo. Prefere acreditar nisso, a ter que assumir a responsabilidade do seu projeto.

3. “O outro limita a minha liberdade”. Como vê a presença do “outro”? Fale das alegrias, tristezas, dificuldades, etc.

Aluno 01: *O outro tem um papel importante na vida de cada um, pois o outro pode me promover, me rebaixar, me alegrar, me aborrecer. Ou seja, a nossa vida é baseada nas nossas escolhas e responsabilidades bem como a influência que o outro exerce sobre minha vida, podendo ser algo muito bom ou algo muito ruim que ambos os aspectos são importantes para a construção de cada um*

Aluno 02: Me vejo como uma esponja, porque tenho costume de absorver a dor dos outros para mim, isso porque não gosto de ver os outros sofrendo e, na minha cabeça eu consigo suportar a dor dos outros em mim. Nem sempre me sinto bem na presença dos outros porque gosto de viver no meu mundo com as minhas dores e alegrias em paz. Sem, "como você tá?", "tá assim por quê?" ou "vai dar certo". Viver em 2024 com algum distúrbio mental ou emocional é complicado, mas viver em um mundo repleto de indiferença é pior. Apesar de tudo, sigo buscando um propósito para me manter viva, já que ainda tenho o pensamento de achar injusto o fato de ter gente que almeja estar e continuar vivo mais que eu, enquanto eu desperdiço minha vida buscando maneiras de pausar a vida, voltar ao passado ou controlar o futuro.

Aluno 03: Me vejo insegura com receio de me julgarem e me acharem estranha por eu ser um pouco tagarela e falar às vezes sem pensar. Tenho medo de acontecer isso e ser excluída, então sempre me vejo tentando agradar os outros e fazendo de tudo para deixar eles felizes (mesmo estando triste).

Aluno 04: Me vejo como alguém disposto a ajudar o outro, mas sem me machucar no processo. Estou disposto a fazer o que for preciso mas se isso me afeta demais eu me fecho para a situação. Também me sinto um pouco desconfortável vez que algumas decisões da minha vida estão ligadas a outras pessoas

Aluno 05: Os outros influenciam as escolhas de um indivíduo de acordo com os existencialistas. No meu caso, muitas das escolhas que faço têm influência de outras pessoas e de suas escolhas, como a escolha de profissão que teve participação de minha família.

Aluno 06: O outro às vezes me atinge diretamente, mas em alguns casos não. É impossível viver sozinho, isolado então o outro com certeza tem certas influências sobre minha vida, como por exemplo, quando boto muita expectativa na pessoa e ela não cumpre com o que eu imaginei, a decepção surge, ou seja me atinge (mesmo sabendo que isso não é culpa do outro). Outro caso é quando pessoas que eu gosto direcionam falas Infelizes para mim, Isso magoa, comprovando que o outro em certos em casos tem poder sobre mim. Mas no caso de pessoas que eu não tenho intimidade não me atingem diretamente.

Aluno 07: O meio que vivemos influencia nossas escolhas e a forma como nos portamos, possuindo a oportunidade de nos deixar com raiva. Vejo a presença do

outro como algo positivo na maior parte das situações, visto que, se rodear de pessoas boas elas trazem boas coisas e alegrias, porém as pessoas negativas realmente causam uma desordem quando possuem esse poder sobre nós, como diz o existencialismo elas se tornam nosso “inferno”, possuindo a capacidade de nos desestabilizar

Aluno 08: Depende do outro. Quando estou perto de alguém próximo me sinto à vontade para compartilhar o que sinto. Ao estar perto de quem não tenho proximidade, o medo do julgamento muitas vezes é maior que a necessidade de desabafar

Aluno 09: Em alguns casos sim, devido aos impactos gerados pelas ações de outras pessoas na vida de outros, limitando a vida devido a existência de regras e normas que restringem as ações do ser humano.

Aluno 10: Limitando em certos aspectos, afinal, o outro influencia diretamente nas emoções e ações de uma pessoa, onde muitas das vezes não estou em um dia bom e tenho que manter uma imagem de que tudo ocorre da melhor forma possível reprimindo os meus sentimentos reais, afinal, em obras existencialistas o inferno é conviver com pessoas.

Aluno 11: Conviver em sociedade me obriga a ganhar ou perder a liberdade a depender da situação, do grupo. Muitas vezes, a necessidade de limitar a liberdade é necessária para que não seja invadido a paz de outrem, além disso a paz do próprio indivíduo. Isso pode ser algo difícil para quem é ambicioso quanto a liberdade, mas a minha opinião pessoal está atrelada ao fato de que suportar esse “pisar em ovos” em determinadas situações nos dá oportunidade de, em outras, alegrarmo-nos por conquistar a liberdade desejada com algo alguém, algum lugar, alguma situação.

Aluno 12: O outro pode ser visto de maneiras distintas esse outro pode limitar minha liberdade, já que as relações entre humanos trazem expectativas, julgamentos, compromissos, etc., que exigem adaptação. Por outro lado, o outro também enriquece a minha experiência já que nossas interações nos fazem refletir sobre nós mesmos.

Aluno 13: Na presença do outro eu me vejo bem, me vejo com pessoas que são pilares e de crucial importância na minha vida, que ajudaram o homem que sou hoje. Há brigas na vida, decepções, pessoas em que você se afasta, mas isso tudo serve para o seu crescimento pessoal.

Dedicamos parte do capítulo 2 para falar da questão “do outro” na perspectiva existencialista. Um dos pontos fundamentais, ou o ponto fundamental, da obra *Entre quatro paredes* é sobre essa questão. A terceira parte da obra *O ser e o nada* tem o seguinte subtítulo: “O para o outro”. Nessa mesma obra Sartre enfatiza que, “o outro não apenas me revelou o que sou: constituiu-me em novo tipo de ser que deve sustentar qualificações novas” (SARTRE, 2009, p. 290). O outro se revela para mim com toda sua existência. Não mais só como objeto percebido pela minha consciência. Mas como objeto consciente que transforma minha consciência em algo novo.

Fizemos essa discussão em sala. Abordamos vários pontos da questão do outro. Sempre nessa ordem, “em si”, “para si” e “para o outro”. Numa abordagem existencialista, não é possível separá-los. Ambos são necessários para o entendimento do sujeito. Quando fizemos a conexão entre Projeto de Vida e existencialismo, demonstramos como se dá essa relação. O Projeto de vida falava de uma abordagem social nas relações humanas. Trazia a questão, *O encontro com outro*. É o seu agir pessoal e a sua relação com o coletivo. Sartre no seu humanismo confirmava a importância do outro, pois para ele, o outro era indispensável para a nossa existência, mas não só por isso, o outro será importante para o meu autoconhecimento. O outro será uma liberdade colocada diante de mim.

A questão 3 tentou perceber se os alunos haviam entendido isso. Ela trouxe um posicionamento, que é ao mesmo tempo uma inquietação. “O outro limita a minha liberdade”. É isso que reforça Sartre em seus textos. Depois fizemos a pergunta: Como vê a presença do “outro”? Em destaque temos as seguintes respostas:

Aluno 01: *O outro tem um papel importante na vida de cada um, pois o outro pode me promover, me rebaixar, me alegrar, me aborrecer.*

Aluno 02: *Me vejo como uma esponja.*

Aluno 03: *Me vejo insegura com receio de me julgarem.*

Aluno 04. *Me sinto um pouco desconfortável*

Aluno 05. *Muitas das escolhas que faço têm influência de outras pessoas e de suas escolhas.*

Aluno 06: *O outro às vezes me atinge diretamente.*

Aluno 07: *Vejo a presença do outro como algo positivo na maior parte das situações.*

Aluno 09: *Em alguns casos sim, devido aos impactos gerados pelas ações de outras pessoas na vida de outros.*

Aluno 10: *Limitando em certos aspectos, afinal, o outro influencia diretamente nas emoções e ações de uma pessoa.*

Aluno 11: *Conviver em sociedade me obriga a ganhar ou perder a liberdade a depender da situação, do grupo.*

Aluno 12: *O outro pode ser visto de maneiras distintas esse outro pode limitar minha liberdade.*

Aluno 13: *Na presença do outro eu me vejo bem, me vejo com pessoas que são pilares e de crucial importância na minha vida, que ajudaram o homem que sou hoje.*

No texto de *Entre Quatro paredes*, Sartre Escreveu a seguinte ideia:

Eu entendo que a minha presença a aborrece. E, da minha parte, preferiria ficar sozinho [...]. Mas tenho certeza de que a gente pode se acertar: eu não falo nada, não me movo e faço pouco barulho. Apenas se me permite uma sugestão, a gente podia manter uma extrema polidez um com o outro. Será a nossa melhor defesa (Sartre, 2022, p. 48-49).

Os alunos entenderam o quanto a presença do outro é importante. O aluno 2 diz: “me vejo como uma esponja”. O aluno 4: “me sinto um pouco desconfortável”. No inferno “moderno” descrito por Sartre em *Entre quatro paredes*, ele reforça essa ideia. O outro causa desconforto. É aborrecido conviver com outras pessoas. Em quase todas as respostas percebemos essa ideia. Talvez uma exceção seja o Aluno 13 que disse: “Na presença do outro eu me vejo bem”.

Não se deseja com essa problemática, trazer a questão do altruísmo ou da empatia social. Não que isso não seja importante. A própria BNCC já falava da importância disso quando escrevia sobre a participação cidadã que cada jovem deveria ter. E o papel da escola seria ajudá-los nisso. Qual será o objetivo de se discutir sobre o “outro” numa abordagem existencialista? É fazer com que cada jovem se veja como uma consciência livre. Consciência que é “moldada” pela presença do outro. Diríamos que envolvem mais questões ontológicas que sociais. Não descartando a boa intenção dessa última, pois o próprio Sartre (2017), diz que ao se fazer uma escolha por si, cada homem individualmente escolhe pela humanidade inteira. Há uma responsabilidade social e individual na filosofia existencialista. Será

um peso existir e conviver. O aluno 2 diz: “nem sempre me vejo bem na presença dos outros”. Esse mesmo aluno traz uma questão curiosa em sua resposta. vejamos,

Apesar de tudo, sigo buscando um propósito para me manter viva, já que ainda tenho o pensamento de achar injusto o fato de ter gente que almeja estar e continuar vivo mais que eu, enquanto eu desperdiço minha vida buscando maneiras de pausar a vida, voltar ao passado ou controlar o futuro.

Pode ser somente nossa visão unilateral da questão, mas talvez o aluno 2 seja o exemplo claro do sujeito melancólico que Sartre descreve em seu livro *A náusea*. Ele se percebe no mundo, fala de buscar um propósito, se reconheceu na presença do outro, “nem sempre me vejo bem”, e em algum momento já pensou em desistir de tudo isso, “maneiras de pausar a vida”. Foi o que o personagem Roquentin tentou fazer. Num ato de desespero diante de uma vida sem sentido, tentou tirar a própria vida.

Destacamos também, o Aluno 10: “tenho que manter uma imagem de que tudo ocorre da melhor forma possível reprimindo os meus sentimentos reais, afinal, em obras existencialistas o inferno é conviver com pessoas”. Essa é a conclusão de *Entre quatro paredes*. “Então, é isto o inferno. Eu não poderia acreditar... vocês se lembram: enxofre, fornalhas, grelhas...ah! Que piada. Não precisa de nada disso: o inferno são os outros” (Sartre, 2022, p. 139). O aluno 11 compartilha a mesma ideia de Sartre, “suportar esse ‘pisar em ovos’”.

Uma postura coerente com o existencialismo vem do aluno 13. Ele pontua, “Há brigas na vida, decepções, pessoas em que você se afasta, mas isso tudo serve para o seu crescimento pessoal”. É essa a grande questão de existir socialmente. O inferno é conviver com outras pessoas. Mas numa postura centralizada. O outro também traz alegrias. Viver seria ter consciência dessas oportunidades que o homem tem diante de si. Esse homem que é lançado no mundo. Que agora totalmente engajado consigo, com o outro e com o mundo, e plenamente consciente de sua liberdade.

4. Como o existencialismo pode ajudar no teu futuro, no teu Projeto de Vida?

Aluno 01: *No sentido de me fazer consciente que minha vida, bem como meu projeto de vida, são inteiramente influenciados pelas minhas escolhas e responsabilidades, o que é determinante para o rumo que as coisas vão levar, seja não boas ou ruins, podendo me levar a uma gama de possibilidades*

Aluno 02: *Pode ajudar no processo de tomadas de decisões a partir da singularidade de cada pessoa defendendo, principalmente, a valorização da existência e responsabilidade, e depois constar na valorização da Essência. Ele foca na ansiedade do presente que te faz tomar decisões para o futuro.*

Aluno 03: *Que eu tenho total responsabilidade por minhas ações, ou seja, eu tenho a liberdade de escolher e fazer qualquer coisa e tomar minhas decisões, mas sabendo que essas minhas escolhas terão consequências.*

Aluno 04: *O existencialismo defende que o ser humano tem liberdade para construir o seu destino, ou seja ele é responsável pelas suas ações e atitudes e o resultado que este o tornará. Dessa forma podemos entender que a nossa vida está sobre o nosso controle e cabe somente a nós tomar atitudes que irão influenciar (positivo ou negativo) o nosso projeto de vida.*

Aluno 05: *O existencialismo defende a ideia que a pessoa é o principal fator da tomada de suas escolhas. Tomando como ênfase tal ideia, o existencialismo pode levar os humanos tomarem mais consciência das escolhas de sua vida para que elas sejam tomadas de maneira mais inteligente e possível as suas ideias.*

Aluno 06: *Não existencialismo tem-se a ideia de que não existe um ser superior, ou seja, tudo que você faz, suas escolhas vão ter consequências e elas serão unicamente culpa sua. Isso pode ajudar no nosso futuro, pois faz com que a gente aja, corra atrás do que queremos já que não tem nenhum ser superior a nós para enviar o que desejamos. Consequentemente faz com que a responsabilidade da nossa história esteja em nossas mãos, então se você tiver fazendo algo que não tá dando certo você deve mudar.*

Aluno 07: *Ao dar consciência de que devo me responsabilizar pelas minhas ações, pois suas consequências podem levar minha vida para um lugar positivo ou negativo. O existencialismo relembra a importância de estar atento ao projeto de vida, visto que, não existe um plano perfeito para nossa vida, sendo assim tudo que acontece nela é Nossa responsabilidade.*

Aluno 08: *Ao reconhecer que o seu futuro depende apenas de você. O choque de realidade influenciará em como nos comportamos, muitos reconhecendo isso agirão*

de forma a construir o futuro que quer, mas outros continuarão a deixar as decisões dos outros guiarem a sua própria vida.

Aluno 09: Na criação de responsabilidade e autonomia com a ênfase da liberdade individual e da motivação para assumir a responsabilidade. Além da busca de significado, refletindo sobre o propósito do ser e o significado da sua existência.

Aluno 10: Na ideia de que dependemos somente da nossa perseverança, no qual não temos como pedir para um ser superior na ajuda, na bênção ou até um milagre, afinal, tudo que acontece é por conta de suas escolhas e no desenvolvimento que a pessoa deu para suas decisões, além do fato de que estimula a pessoa a continuar na busca pelo sentido da vida.

Aluno 11: Nos obriga a definir um projeto pessoal a partir do pressuposto de que a responsabilidade da nossa própria vida está em nós mesmos, cabe a nós.

Aluno 12: O existencialismo pode me ajudar a criar um futuro com sentido, que seja moldado por minhas escolhas e que essas escolhas sejam conscientes.

Aluno 13: O existencialismo me ajuda a me projetar como protagonista da minha história como alguém que imagina e busca suas metas e sonhos, me faz idealizar e construir.

Gary Cox em seu livro *Como ser existencialista: ou cai na real, vá à luta e para de arrumar desculpas*, diz: “Para ser um verdadeiro existencialista, é preciso viver de certa maneira, ou pelo menos adotar certa atitude em relação à vida, à morte e aos outros” (COX, 2012, p. 8). Sabemos que não basta só saber sobre a filosofia existencialista. É preciso um ato de coragem diante das adversidades que a vida pode oferecer. Precisamos reafirmar a ideia de Cox, quando ele sugere que é preciso ir à luta e não arrumar desculpas.

Quando apresentamos a questão 4 aos alunos, nosso objetivo era entender se eles haviam pensado nessas questões. Primeiro, se entenderam que para um existencialista convicto de sua existência o papel das escolhas e, estas em relação à responsabilidade, é o grande cerne de uma vida autêntica. E segundo, se estão indo “à luta” na construção do seu projeto pessoal. Em relação à primeira questão, percebemos que muitos entenderam a questão. O aluno 1 disse: “influenciados pelas

minhas escolhas e responsabilidades”. Aluno 2: “a valorização da existência e responsabilidade”. Aluno 3: “Que eu tenho total responsabilidade”. Aluno 4: “ser humano tem liberdade”, e acrescenta: “ele é responsável pelas suas ações e atitudes”. Aluno 5: “tomada de suas escolhas”. Aluno 6: “Consequentemente faz com que a responsabilidade da nossa história esteja em nossas mãos”. Aluno 7: “Ao dar consciência de que devo me responsabilizar pelas minhas ações”. Aluno 8: “Ao reconhecer que o seu futuro depende apenas de você”. Aluno 9: “Na criação de responsabilidade e autonomia”. Aluno 10: “Tudo que acontece é por conta de suas escolhas”. Aluno 11: “Responsabilidade da nossa própria vida está em nós mesmos, cabe a nós”. Aluno 12: “Moldado por minhas escolhas”. Aluno 13: “O existencialismo me ajuda a me projetar”.

Muitas pessoas não querem encarar a vida de maneira coerente com aquilo que ela é. A vida é cheia de “misérias”. A morte, o caos natural, o câncer que se prolonga. Se as pessoas não veem essas verdades é porque querem enganar-se de alguma maneira. Sabemos o quanto é difícil viver a autenticidade diante dessas situações. Não há um momento na vida em que essas questões se tornem menos angustiantes. Podemos tratá-las com mais maturidade, mas isso não tira o fato de que são desconfortantes.

Seria incoerente de nossa parte, exigir respostas rebuscadas dos alunos entrevistados. Muitos ainda estão em fase de sua descoberta existencial. Muitos, agora é que descobriram que foram lançados no mundo. E muitos, não querem assumir a responsabilidade de suas escolhas.

Nosso intuito era apresentar as ideias de Sartre. Vimos que foi absorvido quase totalmente essas ideias. Mas o que farão de suas vidas após isso, não sabemos. Serão autênticos? Lutarão para não cair em má-fé? Se empenharão em seus projetos pessoais e assumirão a responsabilidade por isso? Não sabemos!

Gostaríamos ainda, de fazer uma outra observação. Há uma relação entre a pergunta 2 e a pergunta 4. A primeira aborda a questão do *Projeto* e as dificuldades para alcançá-lo. E a segunda, se haviam entendido o que era ser existencialista.

Desejávamos encontrar projetos específicos, já que, estavam terminando o Ensino Médio. Mas não foi o caso. Nem mesmo quando fizemos a pergunta sobre o que queriam ser. Semente o aluno 13 que disse: “Planejo ser médico cirurgião”. E na

mesma questão respondeu: “minha maior dificuldade é ter uma noção do que a vida planeja para mim”. Talvez não seja bem um projeto pessoal, mas a espera de algo preestabelecido, preparado para a sua vida. Não encontramos muitos Projetos relacionados a profissões ou algo relacionado ao mundo do trabalho.

Percebemos um distanciamento entre a saída do Ensino Médio e o mundo do trabalho. E não é o caso de desconhecerem essa temática. Todos eles tiveram aulas de Projeto de Vida. E como mostramos nos manuais didáticos dessa matéria, uma das etapas da vida, depois da relação com o “outro”, é a preparação para o mundo do trabalho. Por que não estão preocupados com isso?

Talvez precise de uma análise mais complexa, mas vamos levantar uma hipótese superficial sobre essa questão. Os alunos entrevistados, estão na rede particular de Ensino. A grande preocupação desses jovens não é com o mercado de trabalho, mas com a Universidade. Eles projetam suas vidas no Ensino Superior. Mesmo que depois tenham que encarar o mercado de trabalho, isso não é uma preocupação para eles nesse momento. O aluno 3 na questão 2, respondeu: “já planejei todo o meu futuro, a faculdade, o concurso”. Na mesma questão o aluno 4 disse: “ainda não passei no vestibular e o meu projeto de vida gira em torno desta conquista”.

Há nesse caso, uma discrepância entre a realidade do aluno que está na rede Privada de Ensino e aquele aluno que está na Rede Pública. Julga-se necessário fazer essa mesma entrevista com alunos da rede pública, mas arriscamos dizer que as respostas serão totalmente diferentes. Não só porque cada pessoa é um mundo, mas porque veem a escola de maneira diferente. Segundo um levantamento feito pelo Datafolha, 98% dos jovens da escola pública desejam que o ensino os prepare para o mercado de trabalho. O levantamento, divulgado em 12 de agosto de 2022 ouviu 7.798 estudantes de escolas públicas em todo o território nacional, entre os dias 08 de fevereiro e 18 de abril de 2022 (Fundação Telefônica Vivo, 2022).

De certo, muitos ainda estão inseguros quanto ao seu futuro. E como defendia Kierkegaard que a angústia iria nos acompanhar por todo o sempre, deste modo, estaremos sempre inseguros diante da vida, no reconhecimento de nós mesmos, na relação com outro numa dinâmica social. Contudo, através do questionário aplicado e das respostas obtidas, podemos dizer que esses jovens entenderam que a partir

daquele momento serão responsáveis por aquilo que desejarem ser e só poderão confiar em si mesmo e em seus projetos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou explorar a intersecção entre a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre e a disciplina Projeto de Vida, propondo uma reflexão profunda sobre como os conceitos existencialistas podem enriquecer a formação dos alunos do Ensino Médio. Ao longo da pesquisa, foi possível identificar que a filosofia existencialista oferece ferramentas valiosas para que os estudantes compreendam a complexidade de suas existências, suas escolhas e a responsabilidade que têm na construção de suas vidas.

Fizemos uma revisão dos principais conceitos do existencialismo, apresentando a vida e as obras de Sartre. Isso estabelece uma base filosófica que é essencial para entender como o existencialismo se relaciona com questões de identidade, liberdade e responsabilidade.

Ressaltamos que a filosofia existencialista enfatiza a consciência da condição humana, que não se limita a uma visão otimista da vida, mas reconhece a complexidade e, muitas vezes, a tragédia da existência. Essa consciência é fundamental para a formação de um conhecimento mais qualitativo e crítico. Acreditamos que a filosofia pode ajudar os estudantes a se verem como protagonistas de suas vidas. O existencialismo, com sua ênfase na liberdade e na responsabilidade individual, oferece um quadro teórico que pode apoiar os jovens na construção de seus projetos de vida, promovendo um entendimento mais profundo de si mesmos e de suas escolhas. Ainda que, exista uma desvalorização da filosofia nas políticas educacionais e se precise falar da necessidade de sua presença no currículo. Mas não podemos negar que a filosofia, especialmente a existencialista, é crucial para o desenvolvimento integral dos estudantes, ajudando-os a refletir sobre suas vidas e a tomar decisões mais autênticas.

Para tanto, propomos uma conexão entre a filosofia existencialista e a disciplina "Projeto de Vida", sugerindo que os conceitos existencialistas podem enriquecer a prática pedagógica e ajudar os alunos a enfrentar seus primeiros questionamentos existenciais. Isso implica que a filosofia não é apenas uma disciplina teórica, mas uma ferramenta prática para a vida. O ato de filosofar é um ato de libertação. É partida de um ponto e chegada em outro. Exige-se Liberdade, liberdade de ação, pois só é possível com vontade e abertura para uma ideia posterior. É a própria ação maiêutica.

Não devemos pensar essa libertação como algo negativo. Ela é uma consequência inevitável do ato de pensar. Nesse sentido, devemos pensar a filosofia como um ato de *filosofação*. A vontade de pensar é a própria ação. E o que vem depois disso gera uma nova ação. Uma nova ideia. Com isso, a filosofia será entendida como ato de pensar, que lhe é própria, que partirá de um ponto e se chegará a outro, tornando-se um ato *Libertário* dentro de cada pessoa. O resultado disso é que o ser pensante nunca mais será o mesmo.

A análise dos principais conceitos do existencialismo, como "a existência precede a essência", "ser-para-si" e "ser-em-si", revelou-se fundamental para a compreensão do sujeito em sua busca por significado. Esses conceitos não apenas desafiam os alunos a refletirem sobre suas identidades e propósitos, mas também os encorajam a se tornarem protagonistas de suas histórias, um aspecto central na proposta do Projeto de Vida. A ênfase no protagonismo do aluno, alinhada à perspectiva existencialista, promove um ambiente educacional que valoriza a autonomia e a liberdade de escolha, essenciais para o desenvolvimento de um indivíduo consciente e responsável.

A proposta de intervenção prática em sala de aula, direcionada aos alunos do 3º ano do Ensino Médio, demonstrou a viabilidade de integrar a filosofia existencialista ao cotidiano escolar. A experiência de apresentar os conceitos de Sartre aos alunos não apenas despertou seu interesse, mas também proporcionou um espaço para que eles pudessem articular suas próprias vivências e questionamentos existenciais. A interação entre teoria e prática revelou-se enriquecedora, permitindo que os alunos se vissem refletidos nas ideias discutidas e, assim, pudessem aplicar esses conceitos em suas próprias vidas.

Além disso, a pesquisa destacou a carência de materiais didáticos que abordem a filosofia existencialista de maneira acessível e integrada ao Projeto de Vida. A maioria dos recursos disponíveis tende a se concentrar em abordagens de autoajuda, desconsiderando a profundidade e a riqueza do pensamento existencialista. Portanto, a dissertação não apenas contribui para o campo da educação, mas também aponta para a necessidade de uma revisão curricular que inclua a filosofia de forma mais significativa, promovendo um aprendizado que vá além do superficial.

Em suma, a dissertação reafirma a relevância do existencialismo na educação contemporânea, especialmente no contexto do Novo Ensino Médio. A integração da filosofia existencialista ao Projeto de Vida não apenas enriquece o conteúdo curricular, mas também oferece aos alunos uma base sólida para a reflexão crítica sobre suas vidas e escolhas. Ao encorajar os estudantes a se tornarem agentes ativos em suas jornadas, a educação pode cumprir seu papel transformador, preparando-os para enfrentar os desafios do mundo com consciência, responsabilidade e um senso de propósito.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva como um ponto de partida para futuras investigações e práticas pedagógicas que busquem unir filosofia e educação, contribuindo para a formação de indivíduos mais reflexivos e engajados em suas realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PROJETO DE LEI Nº 5.230 DE 2023 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e define diretrizes para a política nacional de ensino médio.

ALLOUCHE, Frédéric. **Ser livre com Sartre**. Trad. Petrópolis: Nobilis, 2019.
 ASSIS, Laurita Renata Costa de. **A angústia causada pela expectativa de “ser alguém”**. Por que não basta existir? In: Kátia Vanessa Tarantini Silvestri (Org.). **Angústia**. Pedro & João: São Carlos – SP, 2021

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. Boletim Fatos e Números Saúde Mental. Brasília, Vol.1, 2022.

BRAGA, Rômulo Vitor. **Filosofia e Sociologia**. 2. ed. Fortaleza: Companhia brasileira de educação e sistemas de ensino S.A. 2020. (coleção integrada)

CAPRIO, Fabio Leite de Castro. **Angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre – Sobre o que a ciência não pode objetificar**. Revista ética e Filosofia Política. Número XXIII – Volume I – junho de 2020. ISSN: 1414-3917 e-ISSN: 2448-2137.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Trad. Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Rcord, 2004.

CHUL HAN, Byung. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

CONSTANÇA, MARCONDES CESAR; BULCÃO, MARLY. **Sartre e Seus Contemporâneos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

COX, GARY. **Como Ser Existencialista: Ou Cai na Real, vá à Luta e Pare de Arrumar desculpas**. Trad. Leila V. B. Gouvêa. Rio de Janeiro: Editora Alaúde, 2012.

COX, GARY. **Compreender Sartre**. Trad. Hélio Magri Filho. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

DALBERIO, Osvaldo; BORGES, Maria Cecília Dalberio. **Metodologia Científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2011.

DIAS, Cristiano Dias da. **Embates filosóficos e a noção de sujeito na obra O Nome da Rosa de Umberto Eco**. 2023. 150 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, 2023.

DOURADO, SAULO. **Sartre e a desagradável passagem para a vida adulta**. Youtube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=DOURADO%2C+SAULO.+Sartre+e+a+desagrad%C3%A1vel+passagem+para+a+vida+adulta.+. Acesso em: 16/08/2024

DONIZETTI, Luciano. **Eu é um outro – o circuito da ipseidade na filosofia de Sartre**. revista ética e filosofia política – nº 14 – volume 1 – julho de 2011, p.1.

ELKAIM, Arlette. **Prefácio**. In: SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO. **#NovoEnsinoMédio#TecnologiaDigital**. São Paulo, 2022. <https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/estudantes-escolas-publicas-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 15/11/2024

GÓIS, Cléa. **Sartre: da consciência do Ser e o Nada ao Existencialismo e um Humanismo**. CONSTANÇA, MARCONDES CESAR; BULCÃO, MARLY. **Sartre e Seus Contemporâneos**. São Paulo: Ideias e Letras, 2008.

HUISMAN, Denis. **História do Existencialismo**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

ICE – INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO. Org. Thereza Barreto. Recife: Icebrasil, 2021.

JUNIOR, Cezar Augusto V.; ARDANS-BONIFACINO, Hector O.; ROSO, Adriane. **A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre**. Revista Subjetividades, Fortaleza, 16(1): 119-130, abril, 2016.

LARISSA, AYANNE; WAYNE, JOHN. **O conceito de liberdade na filosofia de Jean-Paul Sartre**. Revista Científica do UniRios 2020.2.

MELANI, Ricardo. **Diálogo: primeiros estudos em filosofia**. Moderna: São Paulo, 2013.

MELLER, André; CAMPOS, Eduardo. **Caminhar e construir: Projeto de vida**. 1ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2020.

MESZÁROS, Istvan. **A obra de Sartre: busca da liberdade**. Trad. Lólio Lourenço. São Paulo: Editora ensaio, 1991.

MORAES, José Francisco Dias de; COSTA, Erick de Oliveira Santos; BRITO, Rodrigo Pinto de. **Projeto de vida: cloroquina para os males do Ensino Médio**. ANPOF, 2022. Disponível em: <https://www.anpof.org.br/comunicacoes/coluna-anpof/projeto-de-vida-cloroquina-para-os-males-do-ensino-medio>. Acesso em: 04/10/2024

MONDIN, B. **O homem quem é ele?** Trad. R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrar. São Paulo: Paulus, 1980.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

OLIVEIRA, André Eustáquio Melo de. **A importância da música na filosofia de Arthur Schopenhauer**. Revista Eletrônica Μετανόια. São João Del-Rei, n. 5, p.85-94, jul. 2003.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira e RICARDO Fernandes Pátaro. **Projeto de vida: escolhas**. Edebê, Brasília, 2020.

PERDIGÃO, Paulo. Existência e liberdade. **Uma introdução à Filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PEREIRA, Luciano. **Projeto de vida – construindo o sucesso no dia a dia**. Maringá-Pr: Unicesumar, 2018.

PRESTES, M. L. M. de. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4. ed. São Paulo: Rêspel, 2013.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia (vol. III)**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre - RS: L&PM, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **A idade da razão**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fonte, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes**. Trad. Alcione A. e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

SEVERIANO, Ana Paula. Et al. **Educação para a vida: Projeto de Vida**. São Paulo: Moderna, 2020.

SILVA, Valdair da. **O existencialismo na obra a náusea, de Jean-Paul Sartre**. (FACULDADE INTEGRADO/SEED-PR). I ENCONTRO DE DIÁLOGOS LITERÁRIOS: Um olhar para além das fronteiras ISBN – 978-85-88753-26-6. 2023.

SOUZA, Mara Thana de. **A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heroica**. Princípios, Natal, v.16, n.26, jul./dez. 2009, p. 87-105.

SPADONI, Pedro. **Brasil enfrenta epidemia de ansiedade, alerta OMS**. 03/08/2023. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/08/03/medicina-e-saude/brasil-enfrenta-epidemia-de-ansiedade-alerta-oms/>. Acesso em: 15/11/2024

TOMASO, Paris. **La necessità di una morale impossibile: un'indagine sulla posizione dei quaderni per una morale di J.P. Partre**. Tesi di Laurea in Filosofia. Università degli Studi di Milano. Milano, p.5, 2018-2019

TENCA, Ketllen Stefani. **Angústia e mononormatividade: um olhar para as estruturas relacionais**. In: Kátia Vanessa Tarantini Silvestri (Org.). **Angústia**. Pedro & João: São Carlos – SP, 2021

ANEXO 1:

TEXTO 01

Obviamente, muitas pessoas não se mostram ansiosas; mas nossa opinião é que elas mascaram sua angústia e evitam encará-la; certamente, muitas pessoas acreditam que, ao agir, estão comprometendo apenas a si próprias e se lhes dizemos: "Mas, e se todo mundo agisse assim?", elas dão de ombros e respondem: "Nem todos agem assim". Mas, na verdade, a pergunta que sempre deve ser feita é: "O que aconteceria se todos agissem do mesmo modo?" E não se tem como escapar desse pensamento inquietante sem uma espécie de má-fé. Aquele que mente e se escusa dizendo que nem todo mundo age assim é alguém que não está bem à vontade com sua consciência, pois o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira. Mesmo mascarada, a angústia se manifesta (Sartre, 2017, p. 21-22).

TEXTO 02

Vejamos esse garçom. Tem gestos vivos e marcados, um tanto precisos demais, um pouco rápidos demais, e se inclina com presteza algo excessiva. Sua voz e seus olhos exprimem interesse talvez demasiado solícito pelo pedido do freguês. Afinal volta-se, tentando imitar o rigor inflexível de sabe-se lá que autômato, segurando a bandeja com uma espécie de temeridade de funâmbulo, mantendo-a em equilíbrio perpetuamente instável, perpetuamente interrompido, perpetuamente restabelecido por ligeiro movimento do braço e da mão. Toda sua conduta parece uma brincadeira. Empenha-se em encadear seus movimentos como mecanismos regidos uns pelos outros. Sua mímica e voz parecem mecanismos, e ele assume a presteza e rapidez inexorável das coisas. Brinca e se diverte. Mas brinca de quê? Não é preciso muito para descobrir: brinca de ser garçom (SARTRE, 2009, p. 105-106).

TEXTO 03

Vejo o futuro. Está ali, pousado na rua, um nadinha mais pálido do que o presente. Que necessidade tem de se realizar? Que vantagem lhe trará isso? A velha se afasta coxeando, para, ajeita uma mecha grisalha que escapou do fichu. Caminha, estava ali, agora está aqui... já me perdi: será que vejo seus gestos ou os prevejo? Já não distingo o presente do futuro e no entanto isso tem uma duração, realiza-se pouco a pouco; a velha avança na rua deserta; desloca seus sapatos de homem. E isso o tempo, o tempo inteiramente nu, que vem lentamente à existência, que se faz esperar e, quando chega, nos sentimos enfasiados porque percebemos que já estava ali havia muito tempo. A velha se aproxima da esquina da rua, já é apenas um montinho de panos pretos. Pois bem, sim, admito, isso é novo: ela não estava ali ainda agora. Mas é um novo embaciado, sem viço, que nunca pode surpreender. Ela vai dobrar a esquina da rua, dobra - durante uma eternidade. Afasto-me da janela e percorro o quarto vacilante; fico preso no espelho, me olho, sinto repugnância: mais uma eternidade. Finalmente escapo à minha imagem e me atiro na cama. Olho para o teto; gostaria de dormir (A náusea, p. 49-50).

TEXTO 04

"Terça-feira. Nada. Existindo" (A náusea, p. 141).

TEXTO 05

"O inferno são os outros" (Entre quatro paredes, p. 139).

TEXTO 06

E – O sr. terá um espelho? (Garcin não responde). Um espelho, um espelhinho de bolso, não importa. (Não responde). Se me deixam sozinha, pelo menos arranjam-me um espelho. (Garcin continua com a cabeça entre as mãos. Não responde).

I - (Com solicitude): Tenho um espelho em minha bolsa. (Procura-o na bolsa com raiva): Não está mais. Devem Ter ficado com ele no depósito.

E – Que aborrecimento!... (Um tempo. Ela fecha os olhos e cambaleia. Inês corre para ampará-la).

I – Que tem?

E – (Abre os olhos). Sinto uma coisa esquisita. (Ri e se apalpa). Com a sra. não é assim também? Quando não me vejo, por mais que me apalpe, fico na dúvida se existo mesmo de verdade.

I – Tem sorte. Eu sempre me sinto interiormente.

E – Ah, sim, interiormente... Tudo o que se passa nas cabeças é tão vago que me dá sono.

(Tempo). Meu quarto tem seis espelhos grandes. Estou vendo todos. Estou vendo. Mas eles não me veem. Eles refletem a penteadeira, o tapete, as janelas... Como é vazio um espelho em que não estou! Quando eu falava, sempre dava um jeito para que houvesse um espelho em que eu pudesse me ver. Eu falava e me via falar. Eu me via como os outros me viam. Por isso, ficava acordada. (Com desespero): Meu rouge! Tenho certeza de que pinte mal. Mas não posso ficar sem espelho por toda a eternidade!

I – Quer que eu lhe sirva de espelho? Venha, convido-a a vir à minha casa. Sente-se aí no meu sofá (Entre quatro paredes, p. 73-75).

TEXTO 07

O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele, fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. É também a isso que chamamos de subjetividade: a subjetividade de que nos acusam. Porém, nada mais queremos dizer senão que a dignidade do homem é maior do que a da pedra ou da mesa. Pois queremos dizer que o homem, antes de mais nada, existe, ou seja, o homem é, antes de mais nada, aquilo que se projeta num futuro, e que tem consciência de estar se projetando no futuro. De início, o homem é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente ao invés de musgo, podridão ou couve-flor; nada existe antes desse projeto; não há nenhuma inteligibilidade no céu, e o homem será apenas o que ele projetou ser (O existencialismo é um humanismo, 2017, p. 19).

TEXTO 08

O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros (O existencialismo é um humanismo, 2017, p. 34).

ANEXO 2:

1. Você tem consciência do que és e do que pretendes ser?

2. Qual a importância do projeto pessoal para o existencialismo? Já pensaste no teu projeto de vida? Se sim, qual a maior dificuldade?

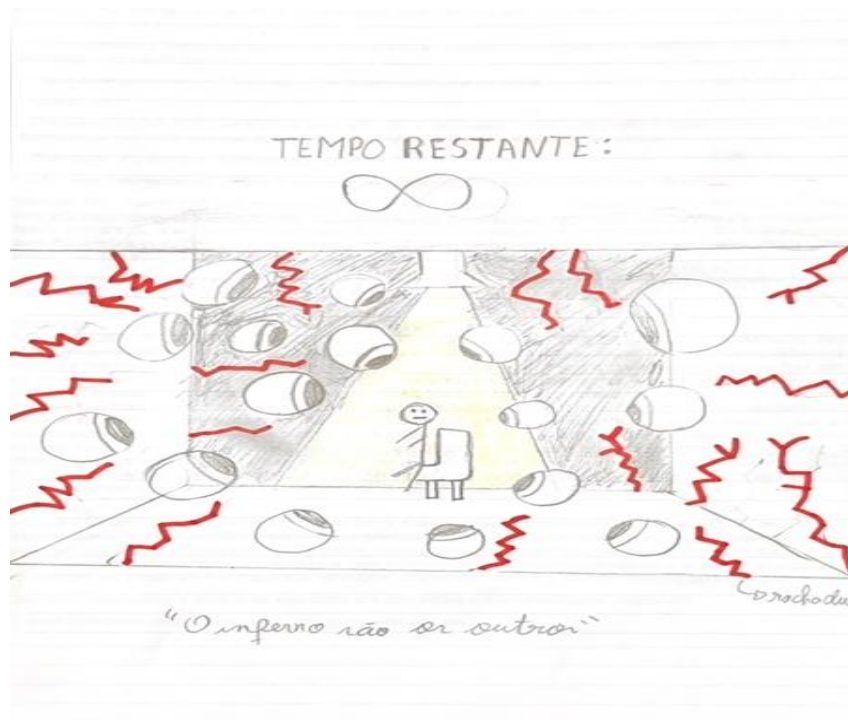
3. “O outro limita a minha liberdade”. Como vês a presença do “outro”? Fale das alegrias, tristezas, dificuldades, etc.

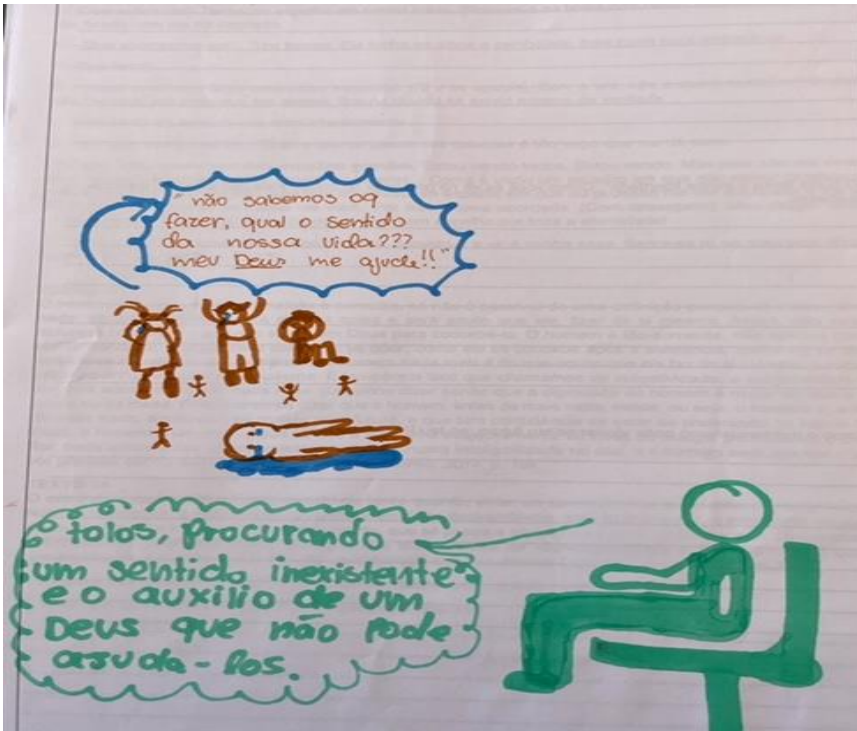
4. Como o existencialismo pode ajudar no teu futuro, no teu Projeto de Vida?

- Usando os textos, tuas experiências, fique à vontade para criar um desenho, uma charge, uma tirinha, com base nas ideias existencialistas. Mostre teus dons!!!

ANEXO 3:

Os desenhos foram produzidos pelos alunos depois do contato que tiveram com a filosofia existencialista. Para motivá-los ainda mais, propusemos a leitura dos textos do anexo 1. A ideia era, além de responderem ao questionário, fazer um desenho ou uma charge, para expressarem aquilo que haviam entendido da proposta existencialista. Nosso desejo inicial era que isso pudesse fazer parte do produto da dissertação, mas tínhamos que ter mais tempo para montar uma história linear e dessas histórias elaborar os comentários, como fizemos com o questionário. Isso levaria muito mais tempo. Por isso, achamos por bem, trabalhar somente com o questionário. Mas os desenhos foram tão expressivos que decidimos expor alguns deles.





de acordo com ideias existencialistas...

será que todo seu esforço pra ser alguém melhor, na verdade esconde quem realmente você é?

"a vida humana é baseada na angústia"

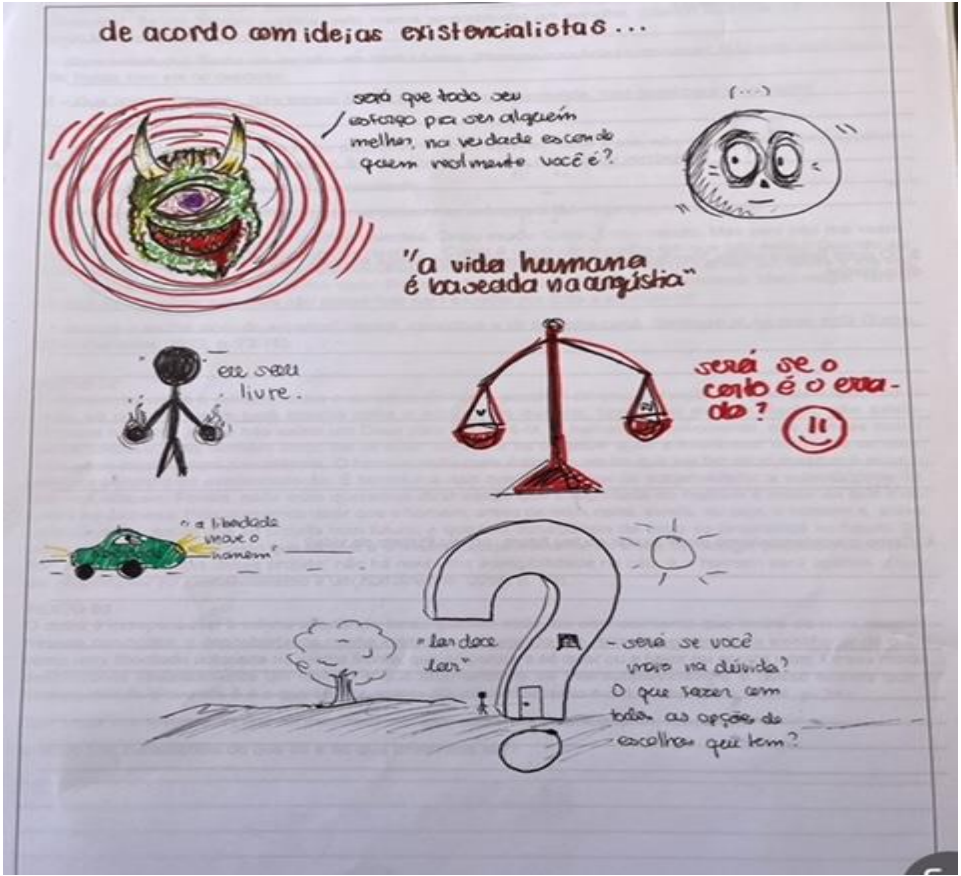
esse ser é livre.

será se o certo é o errado? ☺

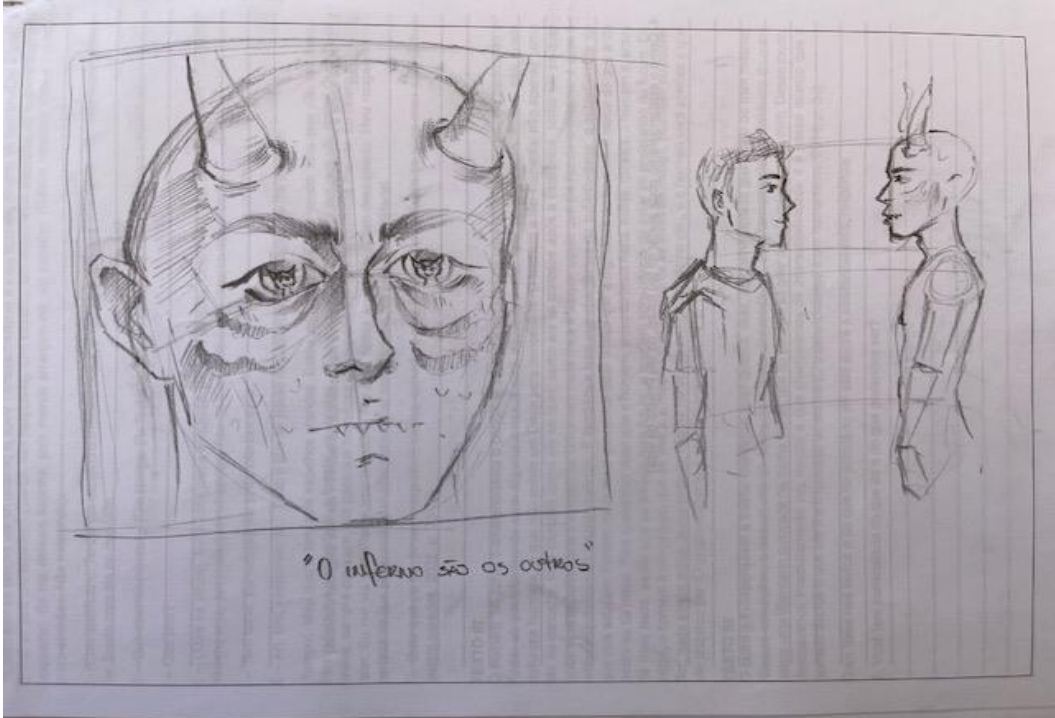
a liberdade move o homem

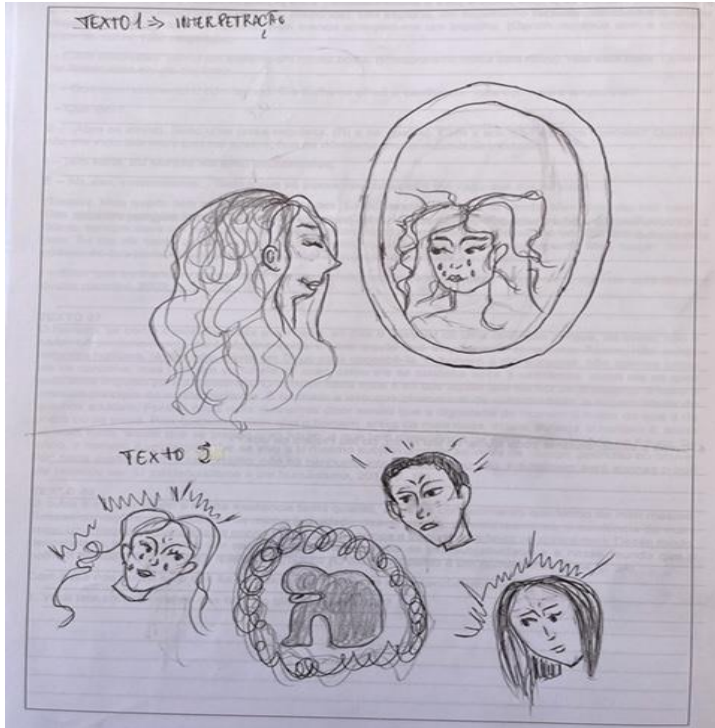
lança a moeda

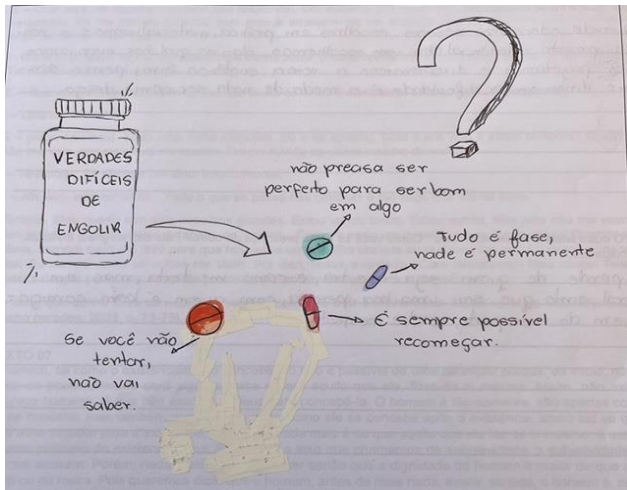
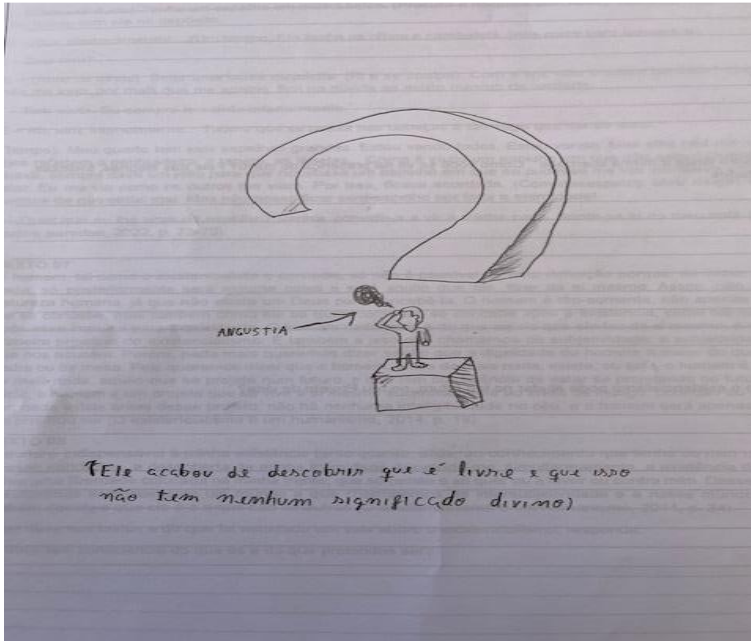
será se você vive na dúvida? O que fazer com todas as opções de escolher quem tem?

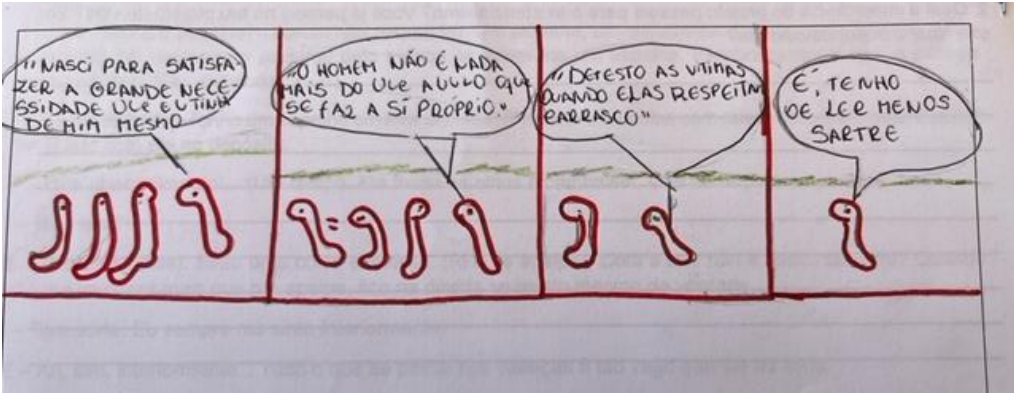
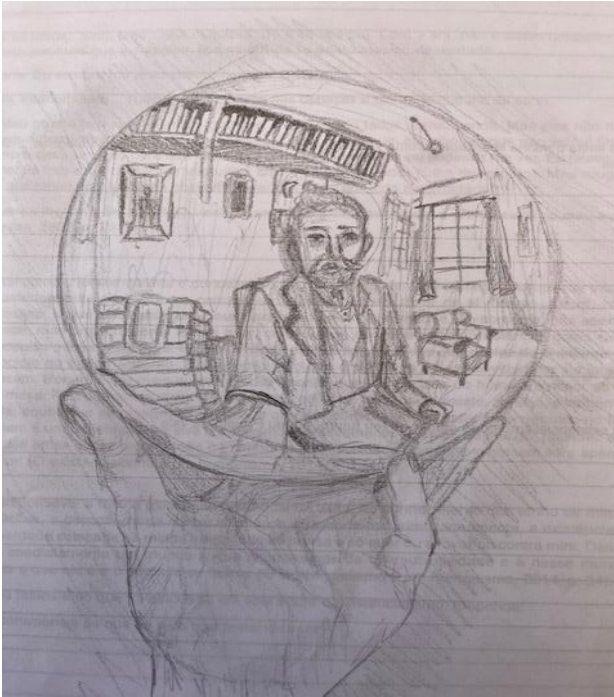


"O inferno são os outros"









TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado por **Klébio José Feitosa Coelho**, mestrando do Mestrado Profissional em Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – NÚCLEO IF Sertão PE como participante de uma pesquisa. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

A pesquisa intitulada, **LANÇANDO O ALUNO PARA A VIDA: A CONTRIBUIÇÃO DO EXISTENCIALISMO DE SARTRE NA DISCIPLINA PROJETO DE VIDA DO NOVO ENSINO MÉDIO**, tem como objetivo fazer uma conexão entre o pensamento de Sartre e a disciplina Projeto de Vida. O intuito de interagir com alunos do Ensino Médio da Escola Nossa Senhora Auxiliadora – Petrolina-PE, para que possam refletir com base na filosofia existencialista, suas escolhas e consequências. A participação envolverá responder um questionário e a produção de desenhos sobre os temas propostos e, participar dos encontros em sala de aula. Esses encontros acontecerão em datas fixas de acordo com o calendário das aulas. O tempo de duração para os encontros está estimado em 01 (uma) hora aula. Salienta-se que todas as informações coletadas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a utilização e/ou divulgação das mencionadas informações será somente para essa pesquisa. Salienta-se também, que não será remunerado (a) por participar da pesquisa, sendo a sua colaboração de forma gratuita.

Os benefícios que este estudo lhe trará, como participante, contribuirá para o seu crescimento pessoal de suas vivências e boas escolhas no futuro próximo.

Quanto aos riscos que este estudo possa lhe causar, acrescenta-se serão mínimos; poderá acontecer de nos encontros haver discordância, por parte dos colegas, dos seus posicionamentos.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço de e-mail: kjcoelho@hotmail.com e pelo telefone 87999009735, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos | cep@ifsertao-pe.edu.br | (87) 2101-2364. **Endereço:** Rua Aristarco Lopes, 240, Centro Petrolina-PE, 56.302-100, 2.º andar, sala n.º 46

Consentimento Pós-Infirmação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante

Responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável



CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos, para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador Klébio José Feitosa Coelho a desenvolver o seu projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural (IF SertãoPE), *Lançando o aluno para a vida: a contribuição do Existencialismo de Sartre na disciplina Projeto de Vida do Novo Ensino Médio*, no período de Outubro a Dezembro de 2024. O projeto está sob a coordenação/orientação do Professor Dr. Cristiano Dias da Silva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFPE) e seu objetivo é refletir sobre o papel do existencialismo de Sartre na perspectiva humanista e fazer uma intervenção em sala com os alunos do 3º ano do Ensino Médio nesta Escola.

A aceitação está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS/MS e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados exclusivamente para os fins da pesquisa.

Petrolina-PE, em 10 / 10 / 24.

Raquelle Cassiana Pereira
CRA-CE nº 12.717

Diretora

Assinatura

Nome completo e identificação do cargo do responsável pela Instituição ou pessoa por ele delegada (usar carimbo quando houver)

☎ 0.809.838/0006-99

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL AUXILIADORA
COLÉGIO N. S. AUXILIADORA

PRAÇA MARIA AUXILIADORA, Nº 380
CENTRO

CEP: 56.302-335 PETROLINA-PE

☎ 87 3866.8462

☎ 87 99939.0891

☎ Praça Maria Auxiliadora, 380.
Petrolina /PE - CEP: 56302-335